

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED

CURSO DE JORNALISMO

BRUNA GARCIA VILLELA DE CASTRO

**ENTRE-VISTA(S) NA PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO NOS PROGRAMAS DE
PODCAST “FLOW PODCAST” E “MANO A MANO”**

UBERLÂNDIA

2024

BRUNA GARCIA VILLELA DE CASTRO

**ENTRE-VISTA(S) NA PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO NOS PROGRAMAS DE
PODCAST “FLOW PODCAST” E “MANO A MANO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação – FACHED/UFU da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

UBERLÂNDIA

2024

BRUNA GARCIA VILLELA DE CASTRO

**ENTRE-VISTA(S) NA PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO NOS PROGRAMAS DE
PODCAST “FLOW PODCAST” E “MANO A MANO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação – FAGED/UFU da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

Uberlândia, 25 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne – FAGED/UFU Orientador

Profª. Dra. Aline Camargo – FAAC/UNESP Examinadora

Profª. Ma. Larissa Bezerra – UNICESUMAR Examinadora

Dedico este trabalho a quem — dia após dia, semana após semana, mês após mês — empenhou-se para se desenvolver e amadurecer intelectual e profissionalmente. Não somente à Bruna dos últimos quatro meses, mas à dos últimos quatro anos.

AGRADECIMENTOS

É relativamente fácil reconhecer o quão desafiador e trabalhoso foi desenvolver esta monografia em um tempo reduzido — e, de certa forma, deficiente — em razão do calendário acadêmico da Universidade Federal de Uberlândia, após passarmos pela pandemia recente. No entanto, na dicotomia da existência humana, de tudo é possível apreender algo de positivo, e, nesse caso específico, não seria diferente. O alívio de mais uma etapa marcada pelo êxito vale (mais ainda) a pena ser comemorado se ao lado de outrem. E é por esta razão que, habitualmente, agradecemos.

A priori, agradeço aos meus pais, Irene e Luciano, pois se não fosse por eles — literalmente — eu não teria escolhido o caminho que me guiou até aqui, no início do ano de 2020. Gratidão, também, a todo incentivo, apoio e reconhecimento de meus atributos e potencial, desde sempre até a eternidade. Sou grata aos que vieram antes dos dois por lhes darem a vida e moldarem quem são: meu quarteto favorito — Alice, Salvador, Terezinha e Angenor — que enche meu peito de saudade e me olha lá do céu.

Não poderia deixar de agradecer aos professores que permeiam esta trajetória: aos do ensino médio que tinham formação em jornalismo e me entusiasmarem na confirmação de escolha da profissão; aos da graduação que me levaram à pesquisa acadêmico-científica no início de minha formação e me aconselharam durante ela — Nuno e, especialmente, Nicoli; ao Vinícius pelas orientações, auxílio e confiança durante a escrita deste trabalho de conclusão de curso; aos demais que se fizeram presentes desde a educação infantil até a faculdade, ensinando sobre o mundo e me estimulando a tornar a Bruna que vocês leem hoje. Agradeço, inclusive, às docentes Aline e Mirna pelas aulas de radiojornalismo, que fizeram me apaixonar por essa vertente, com a qual estagio e, agora, escrevo sobre.

O que seria de nós — caros seres sociais — sem amigos, não é mesmo? É por isso que este parágrafo gratifica os bons, grandes, velhos e melhores amigos e amigas com os quais tive o prazer de dividir momentos, acontecimentos e histórias da minha vida; os de infância, dos tempos da escola, frutos da graduação e dos espaços que ocupei e ocupo em razão desta os quais, direta ou indiretamente, me ajudaram a alcançar esse lugar tão desejado, esperado e almejado por muito tempo; e um dos meus amigos, em especial, que hoje é também meu companheiro: meu muito obrigada por não economizar motivação, suporte, elogio, carinho, afeto e conselhos sinceros para com esta mulher.

É válido agradecer, de modo geral, a todos que me acompanharam nesta jornada, desde os que já se foram, mas contribuíram, àqueles que chegaram há pouco e somaram neste

processo de desenvolvimento profissional. Essa conquista não teria sido a mesma sem cada um de vocês, sem exceção.

Antes de finalizar esta seção, agradeço às docentes Aline Camargo e Larissa Bezerra por comporem a banca da defesa desta monografia, bem como pela leitura do trabalho e disposição na avaliação do mesmo.

“Já foi burguês, fez revolução. Tornou-se moderno, milimetricamente moderno, e se encantou com o dress code do “produto à venda”. É cult na versão investigativa e literária, mas também se fez declaratório, partidário e panfletário. É hard, soft, imparcial, passional. É ninja, golpista, amaldiçoado, morto e ressuscitado. Incompreendido, jornalismo maldito. Carrega o fardo de “janela do real”, de “guardião da verdade do mundo moderno”, do anverso e reverso do “quarto poder” e por isso é odiado, renegado, necessário e prioritário para a democracia” (Leal; Tassis; Manna, 2023).

CASTRO, Bruna Garcia Villela de. **Entre-vista(s) na produção da informação nos programas de *podcast* “Flow Podcast” e “Mano a Mano”**. 110 p. Monografia (curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2024.

RESUMO

A presente monografia se dedica a investigar como a produção da informação jornalística, especificamente a partir da entrevista, tem sido realizada em programas de *audiocast* e *mesacast*, conduzidos por celebridades e/ou influenciadores notadamente não jornalistas, na contemporaneidade. Para tanto, foram elencados como materialidades os programas “Flow Podcast” e “Mano a Mano”, e eleitos como *corpus* da pesquisa, respectivamente, o episódio de número 545 [na primeira contagem ordinal] — que contou com a participação de Kim Kataguiiri e Tabata Amaral, ambos deputados estaduais pelo Estado de São Paulo — e o 12º episódio da terceira temporada — que teve como entrevistado o Delegado da Cunha, também deputado federal pelo estado de São Paulo. A partir da Análise de Conteúdo como eixo teórico-metodológico, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: como a produção da informação jornalística, especificamente a entrevista, tem sido realizada em “Mano a Mano” e “Flow Podcast”, conduzidos por celebridades e/ou influenciadores notadamente não jornalistas. Nesse sentido, foram adotados como operador metodológico as categorias: compromisso social; checagem de informações; preparação prévia e conduta mediadora, a fim de observar, de forma conceitual e comparativa, a empiria selecionada neste estudo. A partir do empenho realizado nesta pesquisa observou-se que a presença de um profissional especialista na área de comunicação, tal como o jornalista, se faz imprescindível — inclusive se a produção for de caráter informal e voltada ao entretenimento. No entanto, urge a necessidade de (re)pensar as práticas comunicativas na sociedade vigente, a fim de plenamente contemplar os mais diversos públicos consumidores de conteúdo informativo. Ademais, foi possível compreender que na tentativa de eximir determinados produtos de comunicação contemporâneos da responsabilidade social e política inerentes, implica-se a banalização de tal processo produtivo, bem como dos jornalistas aptos e qualificados para exercer tal função. A vigilância perante tais produções também se faz necessária, visando a qualidade dos conteúdos, informações, fatos e assuntos trazidos à e transmitidos publicamente em sociedade.

Palavras-chave: jornalismo; entrevista; *podcast*; análise de conteúdo; Mano a Mano; Flow Podcast.

CASTRO, Bruna Garcia Villela de. **Entre-vista(s) na produção da informação nos programas de *podcast* “Flow Podcast” e “Mano a Mano”**. 110 p. Monografia (curso: Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2024.

ABSTRACT

This monograph is dedicated to investigating how the production of journalistic information, specifically from interviews, has been carried out in *audiocast* and *mesacast* programs, conducted by celebrities and/or influencers, notably non-journalists, in contemporary times. To this end, the programs “Flow Podcast” and “Mano a Mano” were listed as materialities, moreover the episode number 545 [in the first ordinal count] — which featured the participation of Kim Kataguirí and Tabata Amaral, both state deputies for the State of São Paulo — and the 12th episode of the third season — which had Delegado da Cunha, also a federal deputy for the state of São Paulo — were, respectively, chosen as the research corpus. Using Content Analysis as a theoretical-methodological axis, we sought to answer the following research problem: how the production of journalistic information, specifically the interview, has been carried out in “Mano a Mano” and “Flow Podcast”, conducted by celebrities and/or influencers, notably non-journalists. For this purpose, the following categories were adopted as a methodological operator: social commitment; information checking; prior preparation and mediating conduct, in order to observe the empirical aspects selected in this study in a conceptual and comparative way. Based on the efforts made in this research, it was observed that the presence of a professional specialist in the area of communication, such as a journalist, is essential — even if the production is informal and focused on entertainment. However, there is an urgent need to (re)think communicative practices in current society, in order to fully contemplate the most diverse audiences consuming informative content. Furthermore, it was possible to understand that the attempt to exempt certain contemporary communication products from the inherent social and political responsibility implies the trivialization of the production process, as well as the journalists able and qualified to perform such a function. Vigilance towards such productions is also necessary, aiming at the quality of content, information, facts and subjects brought to and publicly transmitted in society.

Key-words: journalism; interview; podcast; content analysis; Mano a Mano; Flow Podcast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Página inicial do programa “Flow Podcast” na plataforma YouTube..... | 53 |
| Figura 2 - <i>Frame</i> do episódio com Kim Kataguirí e Tabata Amaral no “Flow Podcast” | 54 |
| Figura 3 - Descrição do programa “Mano a Mano” na plataforma Spotify..... | 55 |
| Figura 4 - Descrição do episódio com Delegado Da Cunha em “Mano a Mano”..... | 56 |
| Quadro 1 - Análise comparativa do gênero entrevista realizado nos programas "Flow Podcast" e "Mano a Mano"..... | 100 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 | O JORNALISMO E O GÊNERO ENTREVISTA..... | 18 |
| 2.1 | O FAZER JORNALÍSTICO..... | 18 |
| 2.2 | UMA ÉTICA QUE NOS PERMEIA..... | 22 |
| 2.3 | A ARTE DE ENTREVISTAR..... | 25 |
| 2.4 | O JORNALISMO NA CONTEMPORANEIDADE..... | 29 |
| 3 | PRODUÇÕES EM FORMATO AUDIOCAST: PODCASTS NO CAMPO DA INFORMAÇÃO..... | 33 |
| 3.1 | DO RÁDIO TRADICIONAL AO PODCAST..... | 33 |
| 3.2 | SURGE UM NOVO FAZER..... | 35 |
| 3.3 | GÊNEROS E FORMATOS NA ATUALIDADE..... | 38 |
| 3.4 | INQUIETAÇÕES POSSÍVEIS..... | 40 |
| 4 | ANÁLISE DE CONTEÚDO: GÊNERO JORNALÍSTICO ENTREVISTA E PROGRAMAS DE PODCASTING..... | 43 |
| 4.1 | CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA..... | 43 |
| 4.2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 45 |
| 4.3 | CATEGORIAS DE ANÁLISE..... | 49 |
| 4.3.1 | Compromisso social..... | 49 |
| 4.3.2 | Checagem de informações..... | 50 |
| 4.3.3 | Preparação prévia..... | 50 |
| 4.3.4 | Conduta mediadora..... | 51 |
| 4.3.5 | Considerações das Categorias de Análise..... | 51 |
| 5 | FLOW PODCAST E MANO A MANO: FUNCIONAMENTO E ESPAÇO DA COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA EM QUESTIONAMENTO..... | 52 |
| 5.1 | DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS..... | 52 |
| 5.1.1 | Flow Podcast..... | 52 |
| 5.1.2 | Mano a Mano..... | 54 |
| 5.2 | ANÁLISES..... | 57 |

| | |
|---|------------|
| 5.2.1 Compromisso social..... | 57 |
| 5.2.2 Checagem de informações..... | 71 |
| 5.2.3 Preparação prévia..... | 80 |
| 5.2.4 Conduta mediadora..... | 88 |
| 5.3 CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE..... | 100 |
| 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES..... | 103 |
| REFERÊNCIAS..... | 106 |

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a mídia brasileira, o jornalista pioneiro da crítica de imprensa, Alberto Dines (1997 *apud* Azeredo, 2018. p. 7), reprova a “juvenilização da imprensa” marcada pela oferta de conteúdos “pobres e simplistas”, como se o “jovem fosse também idiota”. Ademais, pejora “o culto às celebridades de sucesso meteórico e a priorização do entretenimento superficial em vez da cultura” (Dines, 1997 *apud* Azeredo, 2018. p. 7). Cerca de duas décadas depois, no século seguinte, ao observar a era do *podcasting* e do entretenimento, outros autores ressaltam: “está mais do que óbvio que, no mundo atual, o que não tem intensa visibilidade ou não se espetaculariza dificilmente vai adquirir relevância social ou política” (Herschmann; Kischinhevsky, 2008, p. 102).

A partir desta reflexão, é possível fazer uma associação com certa desvalorização da área do jornalismo, bem como do profissional jornalista, considerando celebridades/famosos/*youtubers*/influenciadores digitais de sucesso assumindo posições de comunicadores no meio digital, nas redes sociais e, mais recentemente, em produções de *podcast*¹ (Voxnest, 2020). Isso porque, talvez a popularidade das figuras acaba por atrair muito mais o consumo² (Kemp, 2023) de determinado conteúdo, do que a qualidade e confiabilidade da informação apresentada propriamente — em que os protagonistas seriam comunicadores devidamente formados e preparados para tal, representando toda uma categoria de pessoas que se propõem a estudar e trabalhar na área, com a credibilidade e o profissionalismo necessários.

Percebe-se, pois, que a função de entrevistar³ (Globo, 2021) — principalmente —, antes desempenhada por um jornalista preparado, orientado e intencionado para este objetivo, torna-se algo executável por “qualquer um” disposto a falar em frente a um microfone (ou ainda a câmeras), e que tenha os recursos devidos. Como consequência, os programas de áudio têm extrapolado tais limites e passado a abordar os interesses do público; ou seja, para além de levar algum tipo de informação, tendem a fomentar audiência, engajamento e repercussão no meio digital.

¹ No Brasil, a criação de *podcast* cresceu significativamente (85,42%) entre janeiro e novembro de 2019, ocupando a segunda posição mundial, conforme relatório da Voxnet — empresa norte-americana de tecnologia em áudio — publicado no ano seguinte.

² O Brasil lidera o ranking mundial de consumo de *podcasts*, segundo o Data Reportal 2023. O relatório anual indica que 42,9% dos brasileiros com acesso à internet, na faixa etária de 16 a 64 anos, escutam esse tipo de conteúdo semanalmente. A pesquisa ainda conclui que, mais do que nunca, a população em geral tem usado serviços de *streaming* para ouvir *podcasts*.

³ De acordo com o IBOPE para Pesquisa Globo Podcast, mais da metade (55%) do público elegeu o formato “entrevista” como o favorito para o consumo de *audiocasts*.

Observando a (não) participação de profissionais da comunicação em tal segmento, tanto localmente quanto em âmbito nacional, oportunamente refletimos sobre as possíveis implicações que poderiam surgir dessa ausência — considerando credibilidade, profissionalismo e responsabilidade inerentes à atuação. A reflexão se fez mais profunda, buscando entender a realidade digital que vivemos na Indústria 4.0⁴, a qual impacta diretamente as formas de se comunicar e informar social e coletivamente, ao considerarmos formato, agente (locutor) e conteúdo a ser transmitido.

Também é possível especular o futuro da profissão jornalista, figura que detém conhecimento substancial para agregar a conversas públicas: levando informação de qualidade com base em pesquisas e levantamento prévios, pautando tópicos relevantes para a sociedade e garantindo que o conteúdo seja além daquilo que o entrevistado se propôs a compartilhar pública e voluntariamente no contato inicial. Em suma, a condução jornalística parece ser a mais adequada para lidar com o embate contemporâneo de interesses diversos e informações em excesso — partindo de um profissional que prioriza a troca entre os interlocutores em detrimento de convicções pessoais impostas e pré-estabelecidas.

Foi com base neste incômodo que chegamos à hipótese norteadora da pesquisa: a de que a presença de um profissional do ramo se faz relevante e necessária em quaisquer programas que envolvam o campo da comunicação e estejam sujeitos ao pleno acesso dos indivíduos. Buscamos responder a esta questão a partir da comparação de dois produtos em formato *audiocast* com audiência significativa em nosso país em que apenas um deles tenha o devido acompanhamento de um profissional jornalista explicitamente durante as gravações. A partir de uma análise dupla, empenhamo-nos a entender a funcionalidade de cada uma dessas estruturas em relação à questão jornalística inerente aos meios de comunicação. Diante do exposto, é válida a reflexão acerca de como a produção da informação jornalística, especificamente a entrevista, tem sido realizada em “Mano a Mano” e “Flow Podcast”, conduzidos por celebridades e/ou influenciadores notadamente não jornalistas.

No levantamento de pesquisas similares, encontramos especulações, análises e entendimento do *podcast* como gênero híbrido (Falcão, 2019) e meio de inovação jornalísticos (Santos, 2021). No entanto, esta abordagem não é a mais recorrente, pelo contrário, esse tipo de produção sonora foi analisado, majoritariamente, a partir do campo da educação e aprendizagem (Rellstab, 2022), carecendo de observações na esfera do jornalismo

⁴ Também conhecido como 4º Revolução Industrial, o conceito vale-se na combinação de tecnologias avançadas capazes de criar produtos altamente eficientes, envolventes e personalizados — a fim de otimizar os processos produtivos e se adaptar rapidamente às (novas) demandas do mercado, na contemporaneidade.

e suas aplicações. Em um segundo momento, percebemos que o programa “Flow Podcast”, em razão de sua popularidade e pioneirismo nacional, foi alvo de alguns estudos em torno da comunicação — seja observando técnicas comuns ao jornalismo (Barroso, 2022) na produção do tipo entrevista, ou em relação à adequação da prática (Oliveira, 2023) no mercado da comunicação digital.

Assim, este trabalho se torna importante para a discussão acerca dos novos caminhos que a área de comunicação tem experienciado nos últimos anos — tal como os próprios portais de *podcast* e *mesacast*, além de qual tipo de relação eles estabelecem com as produções tradicionais e pioneiras em torno deste campo do conhecimento. A potência também se encontra em contribuir com algo que agregue aos — futuros — profissionais, no que concerne à postura e preceitos atrelados ao jornalismo, principalmente no momento de abordar quaisquer tipos de assunto que possam estar em ou tender à polarização na sociedade atual.

De modo a atender ao objetivo geral desta pesquisa, estabelecemos três objetivos mais: revisar os estudos em torno da temática de produção de *audiocast* e *mesacast*, especialmente no que tange à abordagem de temas de relevância social e de interesse público; observar como se constrói a informação jornalística aprofundada por meio do gênero entrevista em produções sonoras atuais; além de problematizar a atuação de profissionais desvinculados do jornalismo em funções próprias da área em programas públicos, discutindo sua responsabilização perante à audiência e entrevistados.

A fim de cumprir a finalidade enunciada acima, dividimos o trabalho em seis capítulos — dentre eles a presente Introdução. No segundo, de caráter teórico e intitulado “O jornalismo e o gênero entrevista”, debruçamo-nos sobre as teorias relacionadas ao jornalismo, ao campo que abrange esta profissão, à ética que pauta a atuação dos profissionais nesse ramo e, também, a um de seus gêneros: a entrevista.

Na sequência, no terceiro capítulo — também teórico —, a temática de *podcast* veio à tona, a partir das teorias de rádio e de um olhar, ativo e problematizado, sobre este meio na atualidade. Em “Produções em formato *audiocast*: *podcasts* no campo da informação”, também é possível ler a respeito do gênero entrevista e mesa-redonda — além do *mesacast* — inseridos no rádio contemporâneo.

Em seguida, abordamos a metodologia adotada neste trabalho acadêmico-científico, a Análise de Conteúdo. Após a devida conceituação e contextualização a respeito do método e seus procedimentos basilares, no capítulo “Análise de Conteúdo: gênero jornalístico entrevista

e programas de *podcasting*” apresentamos e explicamos as categorias de análise utilizadas na investigação da empiria.

Por conseguinte, “Flow Podcast e Mano a Mano: funcionamento e espaço da comunicação jornalística em questionamento” representa o capítulo analítico, composto — não apenas pelo olhar investigativo e as consequentes reflexões a respeito do que foi observado na materialidade, mas também — pela apresentação mais aprofundada em torno do universo e da amostragem desta pesquisa.

Na iminência de, pragmaticamente, concluir o estudo realizado, há “Algumas Considerações”, como sexto capítulo deste estudo. Responsável por elucidar o que, de principal, foi apreendido no âmbito da pesquisa, este capítulo de finalização compila as percepções da autora a respeito de tudo o que foi tratado nesta monografia. Ademais, especulações e possibilidades sobre o jornalismo e o *podcasting* agregam ao debate.

2 O JORNALISMO E O GÊNERO ENTREVISTA

No primeiro capítulo desta monografia, problematizamos o papel social do jornalismo e do jornalista, desde seu surgimento até a atualidade, em meio à pluralidade de informações em composição e emissores comunicativos em circulação. Desta forma, a ética e a credibilidade da profissão também foram alvo do olhar investigativo neste momento. Não obstante, como esta pesquisa se debruça sobre o gênero jornalístico entrevista, compreendemos as definições e aplicações desta vertente.

2.1 O FAZER JORNALÍSTICO

O fazer jornalístico, em suas mais diferentes vertentes, vale-se de algumas premissas norteadoras gerais. Uma delas é a sua função social, a qual implica prestar um serviço à sociedade vigente, levando informação de relevância e valor para os cidadãos que a compõem; tal como ressalta Kucinski (2002): “o jornalismo existe para socializar as verdades de interesse público, para tornar público o que grupos de interesse ou poderosos tentam manter como coisa privada”.

Essa definição, no entanto, não se fez presente no surgimento desta ciência social aplicada, no final do século XVIII, em que cada emissor adotava e defendia seu próprio viés, como armas na luta política.

Até o século XIX, [...] o que se publicava em jornais impressos pode ser tomado como sinônimo de jornalismo, nesses espaços estava marcada uma escrita de lógica mais opinativa, com vieses literários, intelectuais e autorais, bem como caracterizada por um tom partidário. Sem generalizar, claro, pode-se dizer que esse “momento” teve importância para o desenho de uma função pública do jornalismo, como agente e instituição partícipe dos rumos da sociedade (Leal; Tassis; Manna, 2023, p. 57).

Ao passar do tempo, no século XIX, o fenômeno da urbanização e industrialização, bem como a escolarização das massas, desencadeou o surgimento e conseqüente expansão da imprensa. As opiniões foram substituídas pelos fatos; a informação foi privilegiada em detrimento da propaganda; houve uma despolitização. Na época, o jornalismo foi constituído como atividade remunerada e iniciou-se o processo de profissionalização; financiado pela publicidade, houve a divisão do trabalho e o crescimento das empresas jornalísticas (Traquina, 2005a).

Com o objetivo da venda e lucro, surgiram os folhetins, reconhecidos pela diversão e entretenimento do público. Do positivismo à globalização, os atuantes no jornalismo passaram a conquistar sua autonomia e independência e a ocupação tornou-se um trabalho prioritário em vez de uma segunda profissão, hobby ou “um passo a caminho de algo melhor” em sua carreira (Traquina, 2005a, p. 63). Surgiram, também, sindicatos para melhorar as condições de trabalho, proteger a reputação e auxiliar os jornalistas em situação de dificuldade, além do ensino profissional na área científica da comunicação, a partir dos anos 1860.

Desde seu surgimento até meados da década de 1940, o jornalismo era considerado um “subproduto da literatura” (Azeredo, 2018, p. 4). Nos vinte anos seguintes, mudanças quanto a especialização e multidisciplinaridade corroboram com maior preocupação quanto a funcionalidade e influência dos veículos e meios comunicativos. Neste novo paradigma, surge a alcunha “Quarto Poder” ou “contra-poder” (Traquina, 2005a, p. 49), em que o jornalismo configurou-se como instrumento para exigir diretamente dos governos [legislativo, executivo e judiciário] reformas sociais à população.

Após duas revoluções em que a questão da liberdade está no centro de convulsões turbulentas, à expansão da imprensa, que implicou o desenvolvimento do capitalismo, a alfabetização de cidadãos, a constituição de centros urbanos, a emergência de um novo sistema de governo, e uma constante luta em prol da liberdade e de autonomia, tornou possível o aumento do número de pessoas que se dedicava integralmente à atividade jornalística, que, por sua vez, se orientava por novos valores, em consonância com as enormes responsabilidades sociais que o novo sistema de governo — a democracia — definia para o poder emergente, o novo designado “Quarto Poder” (Traquina, 2005a, p. 74).

Então, no século XXI, o jornalismo caminha — ou, em todo caso, almeja-se que caminhe — junto à democracia, ao lado da opinião pública e contra o poder repressivo, funcionando como “guardião dos cidadãos” e oferecendo ferramentas para o exercício de direitos e expressão dos seres sociais (Traquina, 2005a, p. 129). Norteadas por valores como liberdade — “um princípio sagrado” conforme a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, documento atrelado à Revolução Francesa (Traquina, 2005a, p. 45) — e credibilidade, a profissão se esbarra no ideal de objetividade e lida com as implicações de tal associação.

A objetividade no jornalismo é compreendida de forma dicotômica, sem considerar a complexidade de se interpretar o mundo humano. Tal ideologia revela uma meta fora de alcance, ao considerar uma “fidelidade às regras e aos procedimentos criados para um mundo

no qual até os fatos eram postos em causa” (Traquina, 2005a, p. 138). Nota-se a responsabilidade depositada sob a figura do profissional do campo jornalístico, a qual nem sempre se faz justa, conforme analisa Traquina (2005a):

O jornalista só pode invocar o seu profissionalismo para justificar que o *lead* escolhido é válido devido à sua perspicácia profissional, ou seja, à sua capacidade de escolher “objetivamente” entre “fatos” concorrentes, para decidir quais os “fatos” que são mais “importantes” ou “interessantes” (Traquina, 2005a, p. 141).

No entanto, por outro lado, distante de uma prática imparcial advinda de um pensamento positivista — o qual se aproxima de um método científico engessado e dotado de rigor —, a objetividade ainda é um valor a ser buscado em tal profissão. Para Gaye Tuchman (1972/1993 *apud* Traquina, 2005a), esse objetivo deve ser encarado não como negação da subjetividade inerente aos seres humanos, mas como um “ritual estratégico”, definido por Traquina (2005a, p. 139) como “uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não-interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho”.

Assim, apesar das objeções passíveis ao conceito de objetividade, a prática jornalística moderna se encontra fortemente atrelada a uma noção equidistante entre o profissional e os diversos agentes sociais envolvidos — em que aqueles deveriam atuar com justiça; ouvir as diversas perspectivas; manter a sua independência, apenas (Traquina, 2005a). A apuração, narração e apresentação dos acontecimentos deve ser precisa e acessível (Leal; Tassis; Manna, 2023). Contudo, é importante depreender que há mais para além do domínio das técnicas, da resposta às perguntas convencionais do *lead* perante um fato — quem, o quê, quando, onde, como, por quê, para quê — e a pirâmide invertida.

Segundo o jornalista Luiz Egypto (2017 *apud* Azeredo, 2018, p. 12), o “jornalismo é fundamental para equilibrar poderes e promover a democracia, [...] uma atividade socialmente necessária”. Dines (1997 *apud* Azeredo, 2018, p. 8) compreende o ofício como uma “atividade intelectual que requer tomada rápida de decisões e um perfil, calado ou expansivo, mas de espírito inquieto, inconformado”. Ademais, conforme reflete Traquina (2005a, p. 22), “talvez uma das profissões mais difíceis e com maiores responsabilidades sociais”. Isto é, mesmo sendo uma prática intelectual e criativa, se faz altamente condicionada.

Historicamente, em virtude da recorrência e tradição de abuso de poder por parte do Estado, qualquer tentativa de certo ‘controle de qualidade do jornalismo’ desperta receio e oposição (Traquina, 2005a). Isso porque o jornalista vale-se, em direito e obrigação, a mediar,

simplificar e identificar os elementos políticos no acontecimento noticioso — de modo que o jornalismo não seja a reprodução exata da sociedade política na qual se insere; mas, na verdade, seja melhor, a fim de estimular e desafiar seus líderes (Azeredo, 2018).

Nessa linha de pensamento, a profissão se associou à resistência e combate à censura, notadamente em regimes ditatoriais. Dines (1997 *apud* Azeredo, 2018. p. 9), relata que, no Brasil, após a promulgação do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, “as manifestações contrárias à ditadura militar passaram a ser duramente combatidas, a imprensa começou a ser censurada previamente”. Quase dez anos depois, foi promulgada uma emenda constitucional que revogou, dentre outras consequências, a censura que pairava sob a imprensa e demais meios de comunicação.

Já em 1988, o artigo 5º da Constituição Federal (Do Brasil, 1988) — em voga até o presente momento — garante a liberdade da atividade de comunicação, bem como o acesso à informação por parte do povo brasileiro. Frente a essa e outras garantias cidadãs, a imprensa deve atuar como uma espécie de agente fiscalizador, necessário a toda e qualquer sociedade — sendo que aquelas “marcadas por abismos sociais, como a brasileira, precisam ainda mais” (Bucci, 2000, p. 175).

Elucida-se, portanto, principalmente em nosso país, a importância que estes profissionais exercem no espaço social em que estão inseridos — a nível individual, coletivo, institucional, governamental, etc. Ademais, aliada à responsabilização que rege a prática jornalística, há o trabalho, quantitativo, de se atentar aos fatos, aos acontecimentos e às situações cotidianas — sejam elas simples ou complexas —, que demandam atenção rotineiramente.

Diariamente, os jornalistas lidam com todos os aspectos da vida humana; diariamente regem a uma avalanche de acontecimentos produzidos por uma variedade de seres humanos, individualmente ou no âmbito de atividades de instituições, partidos, movimentos, governos, etc. (Traquina, 2005a, p. 115).

Seja qual for o contexto, ao buscar entender o que é o jornalismo, é preciso voltar nossa atenção ao “campo jornalístico”. Dotado dos pólos ideológico, intelectual, político e econômico, pauta-se na interação entre “membros de uma comunidade que partilha uma identidade profissional, valores e cultura comuns” (Traquina, 2005a, p. 29). Não há, portanto, experiências individualizadas em cada sujeito que se propõe a atuar no jornalismo, existe uma atmosfera — um microcosmo — que abriga e abrange as possibilidades, regras e referências que permeiam tal profissão, de forma implícita.

O fato é que a definição da postura do profissional do campo jornalístico não é da exclusiva responsabilidade dos próprios “agentes especializados”; a própria sociedade, com base na aceitação consensual da teoria democrática, influencia fortemente a definição da postura profissional dos membros desta comunidade (Traquina, 2005a, p. 143).

Logo, compreende-se que o jornalismo, em sua legitimidade social, deve estar a serviço da população, de forma a englobar assuntos e temáticas que sejam do interesse de "todos". Ou seja, que convergem para a opinião pública como hegemonia do que se é pensado e esperado no conjunto social em que vivemos cotidianamente a partir de certa ética — “a do jornalismo livre e comprometido com o interesse público” (Kucinski, 2022).

Na prática, “interesses monetários, ideologias corporativas e falta de apuração são laços que amarram jornalistas e impedem a transmissão informativa comprometida com a cidadania” (Azeredo, 2018, p. 10). Por esta razão, abordamos a ética que permeia o jornalismo no próximo tópico deste estudo acadêmico.

2.2 UMA ÉTICA QUE NOS PERMEIA

O jornalismo tem sido historicamente uma profissão pouco prestigiada, pela remuneração e pela garantia de se manter empregado [contrato verbal] questionáveis, e talvez até mesmo pela ausência de padrões éticos bem estabelecidos em seu início. Segundo Traquina (2005a), o primeiro código de conduta surgiu em meados de 1890, mas não dotava de muita formalidade; nas décadas seguintes, o *ethos* profissional (Traquina, 2005a, p. 97) foi se desenvolvendo. Ao passar do tempo, foram fomentados novos e diferentes códigos reguladores de ética.

Atualmente, quando se pensa em ‘regras’ do jornalismo, é possível observar que em meio à pluralidade de temáticas com as quais os jornalistas trabalham todos os dias, surgem desafios e conflitos vivenciados que costumam colocar em xeque os valores e a humanidade dos profissionais — confrontando alguns mitos que permeiam tal ocupação laboral.

O jornalista também se confronta com as opções fechadas pela estratégia política do veículo em que trabalha, com o conjunto de opções que o veículo faz sobre seu próprio discurso e com a paisagem mais geral ideológica em que os debates se movem. São tensões com as quais o jornalista lida

diariamente e que podem comprometer sim a objetividade de uma matéria (Caputo, 2006, p. 24).

No tópico anterior deste capítulo, superamos o mito da objetividade; não obstante, de modo permanente, há o questionamento sobre até que ponto os jornalistas são livres em sua atuação, já que, hoje em dia, “é jornalista praticamente quem quer” (Traquina, 2005a, p. 109). Uma outra provocação nesse sentido pode ser feita pela analogia do jornalista à figura do herói — uma vez que “corre, em nome de todos, os riscos que cada um recusaria correr individualmente” — de acordo com o francês Jean Ungaro (1992 *apud* Traquina, 2005a, p. 59). E se, no imaginário coletivo, é um herói, quem o regulamenta?

Antes de adentrarmos neste ponto específico, é importante saber que os jornalistas estão o tempo todo tomando decisões valorativas acerca do que é verdadeiro, relevante, bom ou ruim, etc (Paul; Christofolletti, 2019), tal como diferenciar interesse público de interesse do público (Bucci, 2000).

Jornalistas, ao contrário de outras profissões, estão constantemente tomando decisões perceptivas acerca de fatos. São importantes porque tais julgamentos formam o ponto de partida de percepção de realidade dos cidadãos, uma vez que nossa imagem de mundo provém também, em alguma medida, dos processos internos que dinamizam as práticas dos jornalistas e geram o conhecimento jornalístico (Paul; Christofolletti, 2019, p. 105).

Tais decisões estão embasadas no compromisso com a verdade verificável, a qual se afasta de um ideal absoluto e inquestionável, ao configurar uma construção social historicamente situada no contexto em que se insere (Leal; Tassis; Manna, 2023). Isso significa que a consciência e reflexão morais vigentes na atividade jornalística não dizem respeito apenas a um caráter individual, mas implicam uma natureza social e coletiva e devem ser compreendidos por uma perspectiva relacional (Paul; Christofolletti, 2019), estrutural e sistêmica (Bucci, 2000).

Observa-se, portanto, que o compromisso dos jornalistas não é necessariamente com a verdade “dos fatos”, mas sim com aquela reconhecida socialmente (Leal; Tassis; Manna, 2023). Assim, a relação da profissão com o mundo se encontra moldada por suas finalidades [mencionadas no tópico anterior] — como o fazer social que norteia os profissionais deste campo (Karam, 2004). E, a partir deste vínculo inerente entre jornalismo e sociedade, entende-se que não há mediação neutra (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Mesmo que tentemos abstrair posições de toda ordem, seja política, ideológica ou moral, tal tarefa é impossível. O patrimônio humano cultural, isto é, o acúmulo histórico-político da humanidade a faz projetar-se, para o futuro, com a carga valorativa do passado e com sua complexidade presente, fatores indispensáveis para poder, pela avaliação moral, chegar-se a uma proximidade com o correto, com o agir moralmente correto (Karam, 2004, p. 122).

Recapitulando a regulamentação sob o jornalismo, atualmente, no Brasil, está em vigor o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas no ano de 2007. Essa ética, também denominada “deontologia”, diz respeito ao conjunto de deveres e obrigações pautados nos valores consensuados da profissão; todavia, aciona, diretamente, apenas a pessoa que ocupa o cargo — de modo a omitir atores sociais tão importantes quanto quem realiza o ofício, como: proprietários dos meios e serviços de comunicação; mídias e produtos informativos; as fontes; os produtores e assessores de comunicação e imprensa; entre outros (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Aliada às normas que orientam a ação dos jornalistas, é preciso pensar a ética sob as empresas atreladas à comunicação social, propondo limites ao poder que permite condicionar a comunicação aos seus interesses, de forma a violar o direito à informação (Bucci, 2000). Por enquanto, subordinados a essa pressão injusta, os jornalistas precisam assumir uma postura altamente crítica, senão correm o risco de compartilhar “informações de baixa qualidade” (Bucci, 2000, p. 185) e se encontram, então, sujeitos à uma dupla condição ética (Paul; Christofolletti, 2019).

A luta ética é também uma luta política. É em tal cruzamento que se dá a convergência entre a ética do profissional jornalista com a do cidadão, na afirmação do indivíduo como um ser profissional e político (Karam, 2004, p. 129).

Em 2004, jornalistas foram o quarto grupo profissional com maior desenvolvimento de raciocínio ético — atrás de filósofos, médicos e estudantes de medicina; e à frente de dentistas, advogados, enfermeiros, relações públicas e publicitários, de acordo com *Defining Issues Test* (DIT, 2004). Pensado para profissões com dilemas morais complexos, o teste passou a ser utilizado em estudos de diversas áreas para mensurar tomadas de decisão em situações incertas, a partir da década de 1970. No ano de 2017, a categoria dos comunicadores sociais recuou cerca de sete pontos em seu *score*⁵ (Paul; Christofolletti, 2019).

⁵ Em tradução livre do inglês “pontuação”.

Não cabe a este trabalho monográfico investigar as motivações por trás do decréscimo observado, porém, é possível especular a ausência de reflexões e debates éticos no campo da comunicação atualmente — em caráter consistente e abrangente — considerando sua insuficiência e necessidade pertinente (Leal; Tassis; Manna, 2023). Em seus estudos, Karam (2004) defende a aplicação e manutenção de campos específicos de pesquisas e processos de formação profissional jornalísticos, almejando a defesa e consolidação de determinados valores na profissão, e ele não é o único.

Dois séculos de história e montanhas de dólares separam o jornalismo atual dos jornais que buscavam realizar os ideais iluministas no calor da Revolução Francesa. Não obstante, aqueles mesmos princípios, de cidadania e de direitos humanos, ainda servem de norte para o jornalista. É justo que seja assim, mas as coisas já não são o que costumavam ser (Bucci, 2000, p. 167).

A solução para manter, fortalecer e até mesmo renovar os valores éticos do jornalismo, caso convenha, não será os manuais de redação aprendidos nas universidades — os quais, inclusive, correm o risco de serem transformados em “bíblias” (Azeredo, 2018). A resposta vai além disso. Uma ótica possível está na compreensão de que a comunicação social, como um todo, é beneficiária do princípio da liberdade de imprensa e, por isso, precisa ser/estar à altura dessa condição; por outro lado, simbioticamente, a ética jornalística apenas prospera se em um ambiente minimamente equilibrado e plural para os meios de comunicação (Bucci, 2000).

Feitas algumas reflexões sobre o fazer ético da profissão, partimos para a compreensão do papel do gênero jornalístico entrevista. Assim, no próximo subtópico, buscamos refletir sobre comportamentos e condutas de um jornalista na realização de entrevistas.

2.3 A ARTE DE ENTREVISTAR

Mesmo com todas as transformações que a comunicação lidou e lida ao longo do tempo, o gênero entrevista permanece na mídia contemporânea — uma vez que, apesar de exigir todo um trabalho de produção, apuração e condução jornalísticas, pode ser percebida como de fácil reprodução quando permeia o campo digital e explora os formatos para além da escrita (Caputo, 2006). Não à toa, tem se destacado nas plataformas de conteúdo *online*,

alcançando cada vez mais popularização entre as audiências, conforme será possível observar no próximo capítulo desta monografia.

Por ora, de acordo com Lage (2001), entende-se entrevista como o procedimento clássico de apuração de informações no jornalismo, no qual, a partir da consulta às fontes, é possível coletar interpretações e reconstituir fatos para a construção dos mais diversos produtos jornalísticos. No entanto, o conceito é dotado de ambiguidade ao representar, também, tanto uma “conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos/informações de interesse para o público”, bem como a “matéria publicada com as informações colhidas” no diálogo anterior (Lage, 2001, p. 33). E é sobre a segunda significação que iremos nos debruçar nesta monografia.

Por definição, o gênero entrevista almeja informar o público sobre determinado assunto, personalidade ou até mesmo formar opiniões a partir da perspectiva da pessoa entrevistada, após a devida contextualização e interpelação de quem conduz a conversa: o entrevistador (Rellstab, 2022). Encarada como um discurso sobre declarações e não sobre fatos — tal como ocorre em outros gêneros jornalísticos —, a entrevista pode ser de diferentes tipos, a depender dos objetivos e circunstâncias em que se realizam, tais como: noticiosa; de opinião; com personalidade; exclusiva; dialogal; coletiva; temática; testemunhal; em profundidade; de confronto; ocasional; ritual; entre outras variações mais (Ferraretto, 2014; Lage, 2001).

No mundo moderno, a técnica de obtenção de informações originada na Grécia antiga é adotada para com quem se dispõe a fornecer esclarecimentos, relatar fatos, emitir opiniões, indicar serviços, expressar sentimentos, entre outros (Ferraretto, 2014). A prática se popularizou depois da Guerra Civil norte-americana, a partir dos anos 1870, sendo utilizada pela primeira vez em uma reportagem sobre crime ocorrido em um bordel, e teve como fonte a proprietária do local (Traquina, 2005a).

Caracterizado pelo diálogo e discurso direto (sem alteração ou interpretação de quem entrevista), o gênero funciona como instrumento para abordar os mais diversos assuntos nos mais diferentes canais e veículos, desde a mídia tradicional — jornais, revistas, rádios e televisão — até espaços mais modernos — sites, blogs, plataformas de vídeo e/ou áudio (Caputo, 2006).

Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um

problema. O diálogo começa a aparecer no rádio, na televisão (Medina, 1986, p. 15).

Mais do que um contato entre duas pessoas, há ainda a presença dos ouvintes que acompanham este diálogo a três — tornando-se esse terceiro integrante, “um novo sujeito a buscar conhecimento oferecido na inter-relação entrevistador-entrevistado” (Ferraretto, 2014, p. 203). Nesse momento, o autor reforça, inclusive, a premissa observada no tópico anterior que afasta a objetividade e a imparcialidade idealizadas da realidade jornalística como ela de fato é.

De acordo com Ferraretto (2014), atrelado ao papel do comunicador, está a empatia estabelecida para com seus ouvintes — somada à familiaridade da audiência com o assunto — no processo de comunicação para com o público. Talvez porque as qualificações do entrevistador e o grau de informação e representatividade do entrevistado são fatores que sempre interferem na realização de uma entrevista, seja ela sobre qual assunto for (Ferraretto, 2014).

Conforme aponta Caputo (2006, p. 21), se bem executada, a entrevista pode ser entendida como “uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro” a partir de suas próprias percepções, tendo como instrumento as perguntas. Para isso, ao receber a pauta, é preciso assumir uma “construção ativa” frente a proposta interpelativa e abandonar a passividade de simplesmente executar uma mera função.

Superar a receptividade vale-se por relativizar pensamentos pessoais e estar aberto às várias versões possíveis de determinado assunto em pauta, de forma a superar pré conceitos e opiniões próprias pré concebidas; interesses pessoais em torno da temática; senso comum e a bagagem cultural — nesse caso, também a do entrevistado (Ferraretto, 2014). Em suma, o olhar investigativo (do jornalista) deve prevalecer e orientar cada passo ao lado do equilíbrio entre conhecimento e ignorância.

Ressalta-se que, apesar de sua aparentemente fácil execução prática, a atividade de entrevistar sujeitos requer uma preparação, um conhecimento teórico e técnico prévio, além de, principalmente, demandar a compreensão de questões socioculturais amplamente ponderadas por quem atua no âmbito da comunicação; “há, portanto, patamares a serem seguidos” (Medina, 1986, p. 8). Tais patamares podem ser entendidos como etapas de construção do processo dialógico que é a entrevista; não necessariamente tarefas a serem executadas estrita e rigorosamente, mas passos que levarão o entrevistador a um caminho assertivo e efetivo nos momentos pré, durante e pós.

A entrevista jornalística, entre o momento de definição de pauta e sua consecução, passa por quatro níveis. [...] Primeiro, pesa o suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional. Segundo, o nível de interação social almejado pelo entrevistador. Terceiro, suas possibilidades de criação e de ruptura com as rotinas empobrecedoras das empresas ou instituições comunicacionais. Quarto, um propósito que ultrapassa os limites da técnica imediatista, ou seja, a tentativa de desvendamento do real — uma atitude de profunda especulação acerca da pauta (Medina, 1986, p. 27).

A partir do pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997/2004), Caputo (2006) comenta sobre os sinais de *feedback* que costumam ser emitidos sob os entrevistados — tal como qualquer distração do olhar do entrevistador —, indicando aprovação ou rejeição, o que pode comprometer o andamento da conversa e mudar o rumo das respostas fornecidas. Também é destacada a importância de o jornalista estar completamente disponível para o momento, sem dotar de preocupações para com o tempo e/ou outros compromissos; além da obrigação em explicar a motivação por trás do contato com a fonte, informando previamente quando e onde o material será publicado.

Nessa mesma linha de pensamento, a autora (Caputo, 2006) elenca algumas notas gerais em torno da prática de entrevistar: ações, questões e comportamentos dos quais são importantes a um jornalista lançar mão. Informar-se devidamente sobre a pessoa entrevistada e fazer um roteiro garantem um bom raciocínio e consequente fluxo de conversa, ao passo que se faz essencial testar previamente os equipamentos utilizados — até porque é indicado desconfiar de nossa memória, segundo a autora.

Ademais, ainda conforme Caputo (2006), solicitar autorização antes de iniciar uma gravação, adotar pronomes de tratamento que implicam respeito e cordialidade, e reconhecer os limites na relação para com o entrevistado fundamentam condutas exemplo. Assim como não decidir sozinho quando a entrevista acaba — levando em conta o contemplamento do outro, ouvir plenamente o que a outra pessoa tem a dizer, e não disputar quem entende ou sabe mais sobre as coisas. Não inventar alguém para ocupar o papel de fonte e ter paixão pelo que faz também são tópicos defendidos pela pesquisadora.

Ferraretto (2014) defende a importância de deixar a pessoa à vontade durante a conversa, adaptando-se à realidade comunicativa singular de cada fonte; combinar previamente o horizonte a ser abordado [dentre os tópicos possíveis na temática] — no caso de entrevistas ao vivo e com tempo estipulado de duração, mas, claro, sem impor seu ponto de vista sobre o assunto; e também se colocar no lugar da audiência, formulando questões esclarecedoras para possíveis dúvidas/indagações de pessoas leigas e traduzindo jargões/termos/expressões muito específicos.

A partir do entendimento da entrevista como um ciclo é que se faz possível conduzir todo esse processo e até mesmo reconduzir a fonte quando necessário. Ou seja, entrevistar alguém decorre de uma série de outras questões estabelecidas e desenroladas antes, durante e depois da realização da entrevista em si, demandando, além do preparo, uma dedicação detalhada no fazer.

Atualmente, para além de se preocupar em dotar dos comportamentos trazidos acima no que cerne o exercício jornalístico — como “bom senso” e “sensibilidade” (Ferrareto, 2014, p. 215) —, os profissionais jornalistas ocupam suas mentes em torno de uma nova inquietação: a de seu lugar legítimo na comunicação. E é sobre este assunto que tratamos a seguir.

2.4 O JORNALISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Nos tópicos abordados anteriormente, percebe-se que a noção ideológica dos jornais foi reformulada ao longo dos últimos séculos e, na contemporaneidade, a realidade já é outra: por vezes, a quantidade e o imediatismo superam a qualidade, impactando as formas de se comunicar no mundo (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Isso se deu a partir do fenômeno da Miatização⁶ que surge com grande força na década de 1980. O acesso à informação passa a não ser necessariamente mediado pelo Jornalismo, o qual se encontra “atravessado por múltiplas, sofisticadas e complexas mediações e interações entre atores sociais e dispositivos sociomidiáticos”, conforme Mattos, Janotti e Jacks (2012, p. 26).

Por diversas razões, já não se pode considerar “a mídia” como um corpo estranho na sociedade. Com a miatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade (Mattos; Janotti; Jacks, 2012, p. 35).

Em tais interações, há a presença e atuação de figuras públicas na sociedade. A priori, nota-se que tais pessoas são conhecidas por sua posição social, profissão ou ações empenhadas — a exemplo, podemos citar políticos, artistas, atletas, empresários, líderes religiosos, atores sociais, entre outros. Uma nomenclatura atrelada é o de celebridade:

⁶ O conceito descreve o processo de crescente influência dos meios de comunicação na sociedade — os quais não somente transmitem as informações, mas também se encontram intrínseca e mutuamente conectados e influenciados pelos seres sociais.

indivíduo que, para além de conhecido, é admirado por uma audiência considerável (os fãs). Comumente, os indivíduos deste grupo são chamados de “famosos” pela reputação e fama que recebem, representando, em sua maioria, artistas em geral (Nascimento, 2018).

Recentemente, ao longo dos últimos anos, uma nova categoria foi adicionada a esta classificação: o de influenciador digital (traduzido do inglês *digital influencer*). Essas pessoas podem surgir do anonimato, ou ainda serem publicamente conhecidas anteriormente, engajando seu público e construindo uma comunidade de fãs. Antes disso, nas décadas de 1960 e 1970, o termo “Influenciador” começa a aparecer como sinônimo de liderança; dentre as definições possíveis, havia a influência no comportamento de consumidores (Influency.me, 2018).

Os influenciadores deixaram de ser meros rostos famosos para audiências que, na verdade, pertencem a grandes grupos de mídia, como jornais, emissoras de TV ou estúdios de cinema. Eles passaram a construir suas próprias audiências, tendo controle sobre elas sem depender do intermédio dos veículos de comunicação (Influency.me, 2018).

A recente profissão — com modelo, experiência e projeções futuras — vale-se também pela criação e compartilhamento de conteúdos nas plataformas de mídias/redes sociais digitais, com a intenção de gerar engajamento nas trocas estabelecidas com o público-alvo (Influency.me, 2018). A produção dos conteúdos costuma ser segmentada por área de atuação, como: *lifestyle*, *fitness*, gastronomia, moda, humor, relacionamento, entre outros, e conta com diversos representantes em cada uma delas.

A referida figura, a partir de seu reconhecimento e prestígio, está cada vez mais presente e atuante nos canais contemporâneos de comunicação, alcançando uma quantidade colecionável de pessoas integrando com suas postagens. A nova profissão permite a inserção da publicidade e *marketing* de empresas e marcas (Influency.me, 2018), além de abrir brechas para a percepção externa, por vezes interna, dessas pessoas como profissionais da comunicação social — ou até mesmo alguns patamares acima.

Na prática, a não diferenciação — coletiva e social — de cada uma das funções faz com que, a depender do ambiente que ocupam e atividades executadas, a atuação dos influenciadores digitais (ou até mesmo das celebridades) esbarre no jornalista e seu papel. Com o passar do tempo, a depender da proporção tomada, é possível que a situação possa vir a representar uma ameaça e/ou uma problemática em torno da profissão jornalística, como um todo.

De acordo com o professor estadunidense Ernest Greenwood (1957 *apud* Traquina, 2005a, p. 103), “todas as profissões procuram persuadir a comunidade a sancionar — a autorizar — a sua autoridade, conferindo a essa profissão uma série de poderes e privilégios”. Um dos atributos que validam essa premissa é a cultura profissional; e, segundo Traquina (2005a, p. 121), o jornalismo tem “uma das mais ricas, se não a mais” ao se identificar com os “valores mais nobres na história da Humanidade”: os democráticos.

Existe, pois, um reconhecimento coletivo das responsabilidades essenciais atreladas aos profissionais jornalistas no “espaço público”, constituindo os elementos da cultura supracitada e associando a profissão à mitologia construída ao longo dos últimos séculos (Traquina, 2005a). Porém, a situação aludida nos parágrafos anteriores incita o questionamento de tal visão mitológica sob o jornalismo.

Os jornalistas inventaram novas formas, novas práticas, novas técnicas, e uma série de valores que contribuíram para uma identidade profissional. Apesar da retórica empolgante acerca do papel do jornalismo na democracia, os membros da profissão em construção enfrentaram constantes ameaças, baixos vencimentos, difíceis condições de trabalho (Traquina, 2005a, p. 74).

Na cultura jornalística, são comuns os sacrifícios pessoais a ponto de, por vezes, deixar de haver uma distinção entre vida privada e vida profissional. Desde longas — e irregulares — horas de jornada laboral, até os perigos consequentes de tamanha responsabilidade social — como o de vida, literalmente —, resultam em “problemas de saúde, casamentos desfeitos, família adiada, economias fracas, e até mesmo ausência da vida particular” (Traquina, 2005b, p. 53).

Para além da desafiadora práxis diária, para o jornalista suíço Daniel Cornu (1999 *apud* Karam, 2004, p. 128), “o jornalismo continua a ser uma profissão aberta, que ainda sofre da falta de reconhecimento enquanto atividade que implica um saber e uma especialização. Os seus contornos continuam a ser imprecisos”. Voltando o olhar ao novo cenário midiático emergente, percebe-se a descentralização dos veículos de mídia tradicionais e o aumento de produtores independentes de conteúdo (não raro, despreparados quanto à formação, estudo e experiência, por exemplo) para exercer a função de um comunicador, principalmente com a integração das variadas redes sociais no cotidiano da população. Em tal dinâmica, a produção sonora se destaca, pela relativa simplicidade e crescimento que vem assumindo no mundo contemporâneo (Modesto; Kischinhevsky, 2014; Rellstab, 2022).

O assunto é devidamente abordado no próximo capítulo deste trabalho de conclusão de curso, com o intuito mor de entender os novos caminhos que a comunicação tem

seguido no país. Fundamentamos nosso olhar na publicação, transmissão e consumo de conteúdos em formato *audiocast* exibidos e/ou divulgados de forma pública para a sociedade em geral.

3 PRODUÇÕES EM FORMATO *AUDIOCAST*: *PODCASTS* NO CAMPO DA INFORMAÇÃO

Neste capítulo, discutimos o cenário geral em torno do *podcast* e como este tipo de produção se insere na história do rádio em nosso país. Além disso, abordamos os diversos formatos de tal produção, focalizando nas vertentes que vêm dominando as produções atuais nos últimos anos.

3.1 DO RÁDIO TRADICIONAL AO *PODCAST*

Pioneiro da comunicação eletrônica, espaço de representações culturais, negociação de identidades e afirmação da cidadania, o rádio, um dos mais importantes meios de difusão de informações da história, na atualidade, “extrapola as transmissões em ondas hertzianas” e assume novos formatos, novos espaços, potencialidades, “agregando audiência às mídias sociais, aos sites de conglomerados de mídia, a portais inicialmente desenhados para a circulação de música” (Modesto; Kischinhevsky, 2014, p.13).

Precedido pelo rádio AM/FM, o rádio digital avança no século vigente fomentando inúmeras possibilidades aos comunicadores, mantendo o aspecto de um meio dinâmico, um instrumento de diálogo e atento às demandas do público (Ferraretto, 2014). No passado, a audiência fazia uso do rádio para se fazer representar, circular queixas e demandas, opinar; em suma, estabelecer (ou interferir em) uma agenda pública de debates (Modesto; Kischinhevsky, 2014). Hoje em dia, tal participação faz-se cada vez mais ativa, até mesmo adquire outras e atuais formas. As mudanças são notáveis, sobretudo as mais repentinas, mas esse processo começou há pouco.

Na transição entre os séculos XX e XXI, surgiram os primeiros estudos sobre o tema. No Brasil, em 2005, Gisela Castro desbravou o assunto; para a pesquisadora, o *podcasting* poderia vir a constituir uma “mídia negocial”, a partir do consumo de conteúdo [por parte do usuário] respaldado pela indústria cultural (Castro, 2005 *apud* Kischinhevsky; Lopez; Benzecry, 2020). Na mesma época, o autor Alex Primo defendeu que “*podcasting* não era rádio” (Primo, 2005 *apud* Kischinhevsky; Lopez; Benzecry, 2020); já André Lemos, influenciado pela perspectiva da cibercultura, adotava o termo “reconfiguração” para definir a novidade (Lemos, 2005 *apud* Kischinhevsky; Lopez; Benzecry, 2020).

Na busca por uma definição norteadora que nos permita olhar com mais objetividade para o referido objeto de análise — que se comporta tanto como um processo quanto uma prática e opera tanto como um verbo quanto um substantivo, de acordo com o pesquisador britânico Richard Berry (2006 *apud* Rellstab, 2022), — podemos apostar, inicialmente, no trivial.

Popularmente conhecido como *podcast*, o *audiocast* configura conteúdos de áudio transmitidos ou publicados *online*, em formato semelhante ao rádio tradicional — podendo assumir formatos variados, desde um comentário breve até um programa completo. O termo popular surge na ascensão de episódios periódicos acerca de determinada temática ou ramo de atuação (seja para noticiário ou entretenimento) a partir da “fusão das palavras *broadcast* e iPod, popular *media player* da marca Apple na primeira década do novo milênio” (Rellstab, 2022, p. 25).

Uma forma de difusão, via rede, de arquivos ou séries de arquivos - os *podcasts*, nesse caso específico de áudio com linguagem radiofônica. Trata-se, portanto, de um meio que extrapola sua base tecnológica inicial, configurando-se em um “rádio expandido”, na oportuna expressão de Marcelo Kischinhevsky (Ferraretto, 2014, p. 21).

À luz dos estudos de Ferraretto (2014), a definição em torno das práticas de *podcasting* é englobada pelo conceito de “rádio on-line”, o qual corresponde às emissoras que operam via internet (mesmo que possuam também manifestações eletromagnéticas, de antena), além de produtores independentes que disponibilizem seus conteúdos via rede mundial de computadores. Sob esse mesmo guarda-chuva (do rádio on-line), estão presentes as definições de “rádio na *web*” e “*web* rádio”, indicando respectivamente “estações hertzianas que transmitem os seus sinais também pela rede mundial de computadores” e “emissoras que disponibilizam suas transmissões exclusivamente na internet” (Ferraretto, 2014, p. 21).

Apesar de ser o quarto idioma com maior produção em torno da temática, até o ano de 2020, apenas 17 artigos foram encontrados em português (Kischinhevsky; Lopez; Benzecry, 2020). Os arquivos mais antigos, em sua maioria, frequentemente contêm análises relacionadas à temática de educação e técnicas de ensino; tal como aconteceu com o rádio que, em seus primórdios, era tido pelos educadores como uma “poderosa ferramenta de ensino”, aponta Rellstab (2022, p. 38).

Infere-se que, se tratando da pesquisa a respeito de *podcasting*, ainda há um longo caminho a ser percorrido, principalmente no que concerne às novas conjunturas em torno da comunicação contemporânea.

Os novos usos possibilitados pelo rádio sob demanda engendram novas sociabilidades, mas resta saber como outras formas de mediação sociocultural se relacionarão com o fenômeno. No momento, os *podcasts* parecem constituir importante ferramenta de democratização do acesso à informação e ao discurso, embora não ofereçam garantias de que os conteúdos veiculados de fato atingirão os públicos visados (Herschmann; Kischinhevsky, 2008, p. 104).

E é justamente acerca deste tópico, em especial, que voltamos nossa atenção ao desenvolver desta monografia — notadamente pela relevância e dimensão que o *podcast* tem alcançado no Brasil.

De acordo com um recente estudo sobre o consumo de Rádio feito em nosso país (Kantar IBOPE Media, 2023), 90% dos respondentes já ouviram algum formato de áudio — seja rádio, *streaming* ou *podcast* —, principalmente durante as atividades cotidianas/caseiras (58%), em veículos particulares (27%) ou no trabalho presencial (12%). Entre os ouvintes na *web*, 67% consumiram conteúdo *online* pelo aparelho celular, enquanto 29%, por meio do computador.

Ainda conforme o levantamento realizado em agosto do ano passado, metade dos ouvintes (de Rádio) afirmaram terem consumido conteúdos de *podcast* nos últimos três meses — indicando alta de 23% em relação ao ano anterior —, e quase 60% aumentaram ou mantiveram a quantidade de consumo do meio nos últimos seis meses. Nessa mesma amostra, cerca de 40% acreditam que a possibilidade de escutar *online* mudou a forma de consumo do meio — um aumento de 30% se comparado a 2022.

Frente ao exposto, faz-se válido abordar os caminhos que os programas de *podcast* têm seguido em nosso país, tal como é possível acompanhar na próxima seção.

3.2 SURGE UM NOVO FAZER

Entre mera cópia ou originalidade inovadora — ou algo híbrido —, a linguagem do *podcast* se encontra em “constante evolução”, se apropriando de “estilo, plasticidade, atores, temas e formatos” do rádio tradicional; assim, o que muda é o “meio” (Rellstab, 2022, p. 40). Enquanto as gerações mais velhas acompanharam mudanças políticas, sociais e culturais

sintonizadas nos veículos radiofônicos, as atuais têm à disposição inúmeros conteúdos, sobre os mais diversos assuntos, de diferentes criadores e produtores — tudo *on demand*⁷; ou quando, como e onde quiserem.

Historicamente, a modalidade de radiodifusão por demanda virou febre na internet entre 2004 e 2005, despertando interesse pela redefinição do meio no decorrer da revolução atrelada à convergência tecnológica, tal como a “ausência de regras rígidas” quanto à padrões de locução, termos de linguagem e temas abordados no momento de criação destes novos produtos (Herschmann; Kischinhevsky, 2008). O primeiro programa em tal configuração no Brasil, intitulado “Digital Minds” e iniciado em outubro de 2004, surgiu de um blog homônimo de Danilo Medeiros (Rellstab, 2022).

Ainda conforme a autora, outro fator relevante se deu com a possibilidade e facilidade do cidadão-comum adquirir os recursos necessários para criar um programa de *audiocast*. Agora, no século XXI, é possível produzir, editar e veicular materiais em áudio de forma ágil “em múltiplos ambientes e temporalidades”, mesmo por parte daqueles atores sociais “sem vínculos prévios com a radiodifusão sonora” (Modesto; Kischinhevsky, 2014, p. 13).

Dentre as principais razões que levaram a esta mudança, há o advento tecnológico — o qual proporcionou melhora na qualidade da internet ofertada e aumento de sua cobertura em território nacional, popularização e acessibilidade de aparelhos eletrônicos, bem como ascensão dos serviços de *streaming* especializados em áudio —, culminando, por fim, na apropriação dos meios de produção por parte dos ouvintes (Rellstab, 2022).

Ao final da década de 2010, com o investimento de grandes grupos de comunicação em *podcasts* jornalísticos — tal como Globo e Folha —, o *podcasting* ficou marcado por um “renovado interesse” (Rellstab, 2022) em nosso país. Nesse momento, novos hábitos de escuta surgiram e tomaram lugar.

Com a quebra da relação entre espaço tempo inerente, o consumo passou a ser livre, mas ainda assim marcado por vínculos identitários. Para Gisela Swetlana Ortriwano — autora da primeira obra brasileira dedicada exclusivamente ao rádiojornalismo (Zancanelli, 2023) — “o rádio, quando se tornou livre de fios e tomadas, deixou de ser um meio de recepção coletiva e acabou por se tornar um meio de recepção individual” (Ortriwano, 1985 *apud* Rellstab, 2022, p. 31).

Hoje em dia, a produção extrapola a sonoridade. Para além do conteúdo publicado nas páginas/perfis específicos de cada quadro, programa e/ou veículo de áudio, há outros

⁷ Em tradução livre do inglês “sob demanda”.

elementos diversos que agregam à lógica multimídia vinculada ao produto principal, culminando em — e habitando — a podosfera.

Compreendemos a podosfera como um ecossistema de arranjos temporários, memórias compartilhadas e hipertextos comunitários, que ultrapassam os limites dos tocadores de arquivos de áudios e, portanto, também é constituída pelos ambientes virtuais vizinhos que abrigam outros formatos, como textos, fotos e vídeos que complementam e dão suporte àquele conteúdo original em MP3 (Rellstab, 2022, p. 37).

Apoiando-se nas observações de Santos (2022), percebe-se que, em paralelo à caracterização técnico-funcional, a singularidade em torno deste novo meio se encontra também apoiada nos modos de perceber sua relevância no dia a dia dos seres humanos que acessam a podosfera. O conteúdo selecionado por quem ouve pode informar, entreter, distrair, estimular a imaginação, incitar um sentimento ou sensação, promover uma ideia, incentivar uma tomada de decisão ou iniciativa, entre outras possibilidades mais.

A partir de tal intencionalidade, a difusão do *podcasting* passou a fomentar novas formas de sociabilidade entre os indivíduos, constituindo uma rede de identificações culturais, valorizadas e prestigiadas pelos usuários (Herschmann; Kischinhevsky, 2008).

A visão do rádio como uma linguagem potencialmente ultrapassada perdeu força, e hoje assume novos papéis no contexto em que se insere. Fundamentando-se na descentralização e liberação do polo emissor, tal modalidade radiofônica oscila entre seu potencial emancipatório e impacto mercadológico (Kischinhevsky; Lopez; Benzecry, 2020) e se encontra em constante dinamismo e negociações, segundo o filósofo francês Jacques Rancière (1999/2012 *apud* Rellstab, 2022).

O *podcasting*, que antes parecia um espaço privilegiado para uma comunicação de nicho ou para uma micromídia pessoal agora assume caráter cada vez mais massivo, parte da trilha sonora cotidiana, na esteira da expansão de um novo ecossistema midiático, que passa pela universalização da telefonia móvel, pelos novos hábitos de escuta, pelas novas possibilidades de financiamento e pela experimentação de formatos e linguagens em áudio, antes limitada no rádio AM/FM (Kischinhevsky; Lopez; Benzecry, 2020, p. 9).

Ao buscar aprofundar nosso conhecimento acerca da temática do rádio e sua comunicação social, faz-se necessário compreender os mais diversos aspectos de nosso objeto de estudo, tal como “distinguir as diversas categorias comunicacionais através da relação existente entre os formatos veiculados pelos meios de comunicação de massa e as funções

exercidas para responder às demandas sociais”, conforme aponta o pesquisador José Marques de Melo (1985 *apud* Rellstab, 2022, p. 42).

3.3 GÊNEROS E FORMATOS NA ATUALIDADE

De acordo com o levantamento e estudo realizado pela jornalista e roteirista Clara Rellstab (2022), desde a sua criação até o começo da segunda década do século XXI, configuram-se pelo menos sete gêneros predominantes nos *podcasts* no Brasil. Dessa forma, o presente trabalho se apoiará em tais definições para tecer sua análise, focalizando em duas principais.

Segundo Barbosa Filho (2009 *apud* Rellstab, 2022), as “Pílulas” consistem em áudios curtos, trazendo resumos do dia a dia e/ou factualidade de última hora. O “Noticiário Jornalístico” geralmente apresenta conteúdos diários — tal como reportagem, entrevista, comentário e editorial —, atrelado às grandes corporações. O “Narrativo Ficcional”, por sua vez, é guiado por atores que seguem um roteiro pré-determinado, em uma espécie de radionovela. Já o “Narrativo Não-Ficcional” pode ser entendido como um audiodocumentário pautado no jornalismo tradicional: função informativa, forma bem estruturada, aludindo a uma reportagem cinematográfica. Tendo o humor como característica protagonista e sendo pouco fiel às formas pré-estabelecidas, o gênero “Entretenimento” também está presente no áudio e se assemelha a crônicas do cotidiano.

Conforme mencionado no início do tópico, para além dos cinco tipos citados e explicados acima, há outros dois formatos que vêm se destacando no cenário de *podcasts* recente.

Consoante com o abordado por Rellstab (2022), na “Entrevista”, um apresentador (em regra fixo) também exerce o papel de mediador com perguntas e respostas bem delimitadas, logo após devidamente apresentar quem é seu convidado e o(s) porquê(s) de estar sendo entrevistado na referida edição.

Um exemplo é o “Mano a Mano”, *podcast* original do serviço de *streaming* Spotify, em que o rapper Mano Brown conversa com determinado convidado(a) — a maioria relacionada ao movimento negro. A condução da entrevista intenciona ser informal, e conta com intervenção e auxílio da jornalista Semayat Oliveira, que checa em tempo real as informações trazidas, além de acrescentar algumas perguntas quando julgar necessário. O

programa conta com três temporadas, uma edição especial e quatro reprises, somando 70 episódios totais até a publicação deste trabalho (Mano a Mano, [202-]).

O Programa de entrevista, então, fundamenta-se na figura do apresentador, o qual não apenas conduz as entrevistas, mas também emite opinião quando necessário, sendo caracterizado pela interpelação de protagonistas dos fatos e/ou de analistas dos mesmos. A categoria, inclusive, “representa parcela significativa da programação das emissoras dedicadas ao jornalismo” (Ferraretto, 2014, p. 83).

Já a “Mesa-Redonda” ou “Debate” assemelha-se a um espaço de discussão coletiva em que, a cada exibição, são abordados assuntos específicos, conduzidos por ao menos um mediador-apresentador, podendo ou não ter a participação de entrevistados em cada edição (Rellstab, 2022). No referido texto, o gênero é exemplificado com o programa “Pod Pah”, um dos *podcasts* mais ouvidos no país (Apple Podcasts, 2023). Na lista também está o similar o “Flow Podcast”, o qual é atualmente apresentado por Igor Rodrigues Coelho, conhecido como Igor 3K, e exibido em vídeo ao vivo pelo YouTube — o canal soma cerca de 5 milhões e meio de inscritos, até a publicação desta monografia (Flow Podcast, [201-]). A conversa de tempo indeterminado com figuras notáveis (desde artistas famosos a políticos) também é posteriormente disponibilizada em áudio em plataformas de *streaming*.

De forma mais aprofundada, segundo o jornalista Ferraretto (2014, p. 84), Mesa-Redonda se caracteriza como “tipo tradicional de programa radiofônico que procura aprofundar temas de atualidade, interpretando-os” com base na opinião de convidados ou participantes, que podem ou não ser fixos. A produção divide-se em duas vertentes: no Painel, as falas dos participantes vão se complementando — independente do posicionamento — a fim de fornecer “um quadro completo a respeito do assunto focado”; enquanto o Debate é marcado pelo confronto de pontos de vista entre os integrantes, que são colocados frente a frente.

Na atualidade, uma outra vertente se destaca: o mesacast — uma variação do *podcast* comumente associada à coloquialidade permitida em uma entrevista oral. Aglutinando as palavras “mesa” e “*podcast*”, a produção refere-se à dinâmica de roda de conversa entre apresentadores e convidados e pode ser consumida tanto pela mídia sonora como pela audiovisual, com a publicação dos arquivos também em plataformas de vídeo (Santos, 2022).

Ainda em Santos (2022), o formato pode ser compreendido como um exemplo contemporâneo de Mesa-Redonda, adotado por programas que precisam da palavra de especialistas, convidados e/ou que querem promover uma discussão sobre determinados

assuntos — conceito definido previamente nos parágrafos anteriores —, mas não necessariamente voltado a noticiar factuais jornalísticas e comunicar temas de relevância social ou de interesse público.

Prezando pela naturalidade cotidiana, a dinâmica dos programas se comporta de modo semelhante a uma conversa entre amigos ou a um bate-papo descontraído, marcada pela espontaneidade e sem pressão de atender a certo padrão de se fazer, falar, pensar e portar. Neste tipo de audiência [jovial], não há preocupação com a articulação correta da palavra, a velocidade ou a impositação da voz, “um fala sobre o outro, há muitas risadas e descontração, fala-se muito rápido, etc” (Rellstab, 2022, p. 33).

Destarte, até o momento, depreendemos que os produtos *audiocasts* podem ser tanto formais quanto informais, denotando produções mais complexas ou menos elaboradas, a depender do contexto, público e finalidade. Também pudemos observar, a partir dos exemplos trazidos pelos pensadores referenciados nesta monografia, que os *mesacasts* apresentam certa inclinação à informalidade. Talvez essa seja a principal justificativa para o formato dominar o cenário de *podcasts* atual, notadamente entre o público mais jovem e nas produções independentes, por exemplo — em meio à geração que nasceu e/ou cresceu na internet, nas redes sociais, no âmbito digital.

3.4 INQUIETAÇÕES POSSÍVEIS

Referindo-se ou não ao âmbito jornalístico, algumas observações acerca da funcionalidade dos *podcasts* (e também dos *mesacasts*) são válidas de serem feitas, a fim de compreender como a produção da informação ocorre em tais formatos e quais suas possíveis implicações sociais.

Ponderando a interpessoalidade entre os indivíduos participantes nos programas de áudio digital, pode ser observado um fluxo bidirecional entre comunicador e entrevistado, os quais alternam entre si o papel de emissor e receptor da mensagem ao longo da interação. Já do ponto de vista do ouvinte, há uma outra percepção: ambos os sujeitos emitem informação (Ferraretto, 2014).

Com isso, é importante levar em consideração que as informações apresentadas nos canais, páginas, programas e quadros de *podcast*, potencialmente, atingem dezenas, centenas, milhares, até milhões de ouvintes, espalhados nos mais diversos locais — não somente a nível nacional, mas também pelo globo.

De acordo com o IBOPE para Pesquisa Globo Podcast (Globo, 2021), realizado em Outubro de 2020, o Brasil ganhou sete milhões de ouvintes em um ano, alcançando 28 milhões de consumidores. O levantamento indica que o fenômeno foi influenciado pela pandemia de Covid-19, não obstante, mesmo após o fim das medidas de segurança que incitavam o distanciamento e/ou isolamento social coletivo, observa-se a continuidade em tal crescimento. Entre os anos de 2020 a 2022, o país foi de 20 mil e 780 títulos de *podcasts* para quase 194 mil, segundo o site *Listen Notes* — “considerado o ‘google’ de informações e números sobre *podcasts* no mundo” (Santos, 2022, p. 42).

Santos (2022, p. 33) também nos traz que mais de 50 milhões de brasileiros já ouviram ao menos um *podcast* — o equivalente a 40% dos internautas no Brasil — e cerca de 16 milhões de ouvintes escutam um *podcast* diariamente, segundo dados do Ibope. Logo, com a ascensão do consumo populacional sobre tais formatos, a cautela em relação ao quê e, primordialmente, a como será transmitida certa informação por quem se fala se faz mais do que necessária.

Na prática, não basta apenas saber que você está sendo ouvido por outras pessoas [as quais nem mesmo faz ideia de quem sejam e provavelmente nunca se conheçam, de fato] e querer se comunicar de forma assertiva e efetiva, ter responsabilidade acerca dos fatos compartilhados e se preocupar com a veracidade da informações — o trivial esperado de uma conduta profissional. No que tange a profissão, há um conjunto de dilemas com os quais os jornalistas lidam diariamente: problema da verdade verificável; isenção perante acontecimentos; sigilo das fontes; interesse público x direito à privacidade; plágio; ritmo de produção; audiência; fidelidade ao assessorado x fidelidade à sociedade; entre outros. (Karam, 2004).

A realização de uma entrevista, por exemplo, não é um processo aleatório e/ou instintivo, exigindo não somente conhecimento técnico, como todo um planejamento devido para garantir uma boa execução e resultados comunicacionais (Ferraretto, 2014). Ou seja, por trás da atuação, existe toda uma ética jornalística que vai além de normas e regramentos morais (Paul; Christofolletti; 2019), conforme discutido no primeiro capítulo desta monografia.

Nesse aspecto, um exercício fundamental se encontra em compreender que os três interlocutores (emissores e receptor) envolvidos no processo carregam “sua bagagem pessoal, de formação como cidadão e de experiências cotidianas” e, apesar da entrevista ser um diálogo norteado pelo sentido humano, há a necessidade “de certo exercício de autocontrole

por parte do profissional”, conforme aponta a pesquisadora Cremilda Medina (1986 *apud* Ferraretto, 2014).

A postura política de toda uma geração de *podcasters*, surgida nos últimos três anos, não só fornece subsídios para uma revisão das críticas que, em geral, são feitas à sociedade contemporânea espetacularizada, mas também se apresenta como um objeto de estudo relevante para os pesquisadores da área de comunicação avaliarem as novas interações sociais que vêm emergindo com a popularização das tecnologias digitais (Herschmann; Kischinhevsky, 2008, p. 102).

O alerta vale-se pelo contexto midiático em que a humanidade, de modo geral, se insere nos dias atuais. Os indivíduos estão sendo progressivamente expostos a uma quantidade excessiva de informação, de modo que não seja possível acompanhar todos os conteúdos com a devida qualidade (ScientiaTec, 2020), nem mesmo sequer por quem atua ativamente em núcleos e ciclos comunicativos, como os jornalistas.

Por conseguinte, é observada a tendência das pessoas a permanecer em uma mesma bolha ideológica (Lôbo, 2019), ao lado [figuradamente] de outros que tenham pensamento semelhante, visões de mundo parecidas e também valores socioculturais em comum. O resultado pode ser percebido no cenário polarizado que surge entre famílias, amigos, colegas de trabalho, comunidades e na sociedade de massas como um todo — um fenômeno (Castilho, 2022) bastante presente no meio político.

Em meio à lógica de consumo contemporânea — marcada pelo caráter individual, especializado e exclusivo por parte de cada um dos usuários das plataformas de áudio/vídeo/texto — na “podosfera, como em diversos outros ambientes *online*, o conteúdo é ditado por algoritmos pré-programados” e “ao mesmo tempo que facilitam nossa vida em um mundo saturado de informações, podem também nos levar a nos fecharmos”, salienta a jornalista Clara Rellstab (2022, p. 36).

Nos próximos capítulos, nos debruçamos em torno da metodologia adotada na pesquisa, da materialidade elencada como objeto de estudo deste trabalho e da análise propriamente dita, a qual permeia tudo o que foi abordado até então.

4 ANÁLISE DE CONTEÚDO: GÊNERO JORNALÍSTICO ENTREVISTA E PROGRAMAS DE *PODCASTING*

Neste capítulo abordamos acerca do exercício analítico que permeia a pesquisa, o qual pautou-se na fundamentação teórica-metodológica no que tange a Análise de Conteúdo, com o intuito de observar as materialidades selecionadas neste estudo de forma conceitual e comparativa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA

Considerando a aplicabilidade da investigação no tocante à produção da informação jornalística nos programas de *podcast* e *mesacast* popularizados na atualidade, a natureza desta pesquisa é tida como aplicada. Em tal caracterização, depreende-se que o estudo se dedica “à geração de conhecimento para solução de problemas específicos, sendo dirigida à busca da verdade para determinada aplicação prática em situação particular” (Nascimento, 2016, p. 2). Ademais, a monografia se encontra apoiada no procedimento documental com revisão bibliográfica.

A análise empreendida no âmbito do gênero entrevista realizado em produções sonoras pode ser classificada como qualitativa, uma vez que preza pela profundidade, complexidade e subjetividade dos produtos que compõem o campo da materialidade, e não por sua quantidade numérica somada pura e simplesmente. O atributo qualitativo está presente, majoritariamente, na busca e consequente problematização de como seria a atuação de profissionais desvinculados do Jornalismo em funções próprias da área, perante à audiência e entrevistados.

Outra classificação pertinente se faz em relação ao objetivo da pesquisa que — a partir do olhar que empregado sobre a materialidade analisada — tece observações no que tange a abordagem de temas de relevância social e de interesse público, em âmbito comunicativo, por profissionais não formados na área. De tal maneira, este trabalho configura-se em caráter exploratório, ao criar conhecimento acerca do tema abordado, bem como explorar tal problemática, apreendendo informações para uma investigação mais precisa.

No que concerne à abordagem metodológica, foi adotada a Análise de Conteúdo, a qual vale-se na compreensão além dos significados imediatos ou explícitos a serem

percebidos na comunicação presente na materialidade do estudo. A observação semântica é também denominada latente e caracteriza-se pelo aprofundamento da análise dos conteúdos (Ikeda; Chang, 2005). De forma a estabelecer uma correspondência entre as estruturas semânticas/linguísticas — bem como as psicológicas/sociológicas, dos enunciados — o objetivo desta metodologia se encontra na realização de inferências lógicas sobre mensagens ponderadas (Herscovitz, 2007).

Para compor a análise laboratorial, o episódio de número 545 [na primeira contagem ordinal] do “Flow Podcast” — transmitido por meio da mídia social Youtube no dia sete de fevereiro de 2022 — junto ao 12º episódio da terceira temporada do “Mano a Mano” — publicado na plataforma de áudio Spotify dia dois de fevereiro de 2023 — foram eleitos como amostra do universo deste trabalho. O primeiro deles contou com a participação dos políticos Kim Kataguiri e Tabata Amaral, e foi alvo de forte repercussão nacional a partir da conduta e falas a respeito da ditadura nazista proferidas por um dos *hosts* até então, o *Youtuber* conhecido como Monark. O segundo também teve como entrevistado um deputado federal pelo estado de São Paulo, o Delegado da Cunha, o qual registrou as próprias abordagens policiais e publicou nas redes sociais *online*, despertando a atenção do público neste ambiente — ou seja, uma figura que pode ser encarada como polêmica por alguns.

Com o intuito de compreender o contexto em que cada produção está inserida, se fez necessário entender brevemente acerca de cada uma delas. O produto “Flow Podcast” (Flow Podcast, [201-]) se autodefine como “A melhor conversa que você vai ouvir” e aborda temáticas em torno da música e cultura, entrevistando artistas, críticos e curadores. Os episódios são transmitidos ao vivo quase que diariamente em diferentes plataformas e redes sociais e atualmente são conduzidos pelo *youtuber* Igor Coelho, também conhecido como Igor 3K. Já o programa “Mano a Mano” (Mano a Mano, [202-]) “vem para ampliar a visão e o debate trazendo diversidade de ideias e pensamentos com profundidade e respeito”, além de trazer relatos inéditos e controversos de convidados amados ou odiados. A produção original do serviço de *streaming* de áudio Spotify é estrelada pelo rapper Mano Brown e conta com a participação da jornalista Semayat Oliveira. Os episódios são gravados e publicados de forma seriada na plataforma.

Apesar de não configurarem produtos que se definem como jornalísticos, ambos ocupam espaços da comunicação social e até mesmo buscam funcionar em tal lógica, a partir da condução de uma entrevista a ser divulgada publicamente. Tratando-se, pois, do campo da produção da informação, um ‘simples’ bate-papo detém a responsabilização sobre o dizer, bem como o papel social da comunicação, o qual não busca cercear a liberdade de expressão

dos indivíduos, mas atuar para que não existam interpretações e/ou leituras erradas acerca de fatos.

Destarte, a partir da leitura flutuante, da escolha da empiria com base em critérios previamente estabelecidos, da formulação de hipóteses, referenciação de índices (elementos do texto a serem analisados) e da elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (Ikeda; Chang, 2005), empreendemos a Análise de Conteúdo aplicada ao campo da comunicação, a partir das categorias definidas para interpretar os dados obtidos ao longo da pesquisa.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de analisar de modo satisfatório o referido problema no âmbito da comunicação, se faz pertinente apoiar-se em procedimentos sistemáticos e objetivos que descrevem o conteúdo das mensagens, de modo a inferir conhecimento quanto às condições de produção — ou recepção — a partir de indicadores concebidos pelo próprio pesquisador (Bardin, 2016). Logo, iremos entender a essência da metodologia denominada Análise de Conteúdo (AC) nos próximos parágrafos.

Marcada por um conjunto de técnicas que se complementam no tratamento de informações, a AC vale-se, em uma perspectiva macro, das etapas de descrição; inferência e interpretação — que correspondem, respectivamente, à enumeração; dedução lógica e significação dada às características de certo texto. O funcionamento desta abordagem apoia-se em hipóteses, interrogativas ou afirmativas, as quais servem de diretrizes na busca por vestígios — “manifestação de estados, dados ou fenômenos” (Bardin, 2016, p. 45) — a serem verificados. Ou seja, confirmação ou infirmação do que foi pressuposto.

Inserida nas ciências humanas, tal análise denota o olhar desconfiado, o desejo de rigor, e rejeita o aspecto intuitivo como apreensão de significados, a fim de superar a incerteza, enriquecer a leitura do objeto em questão e ir além das aparências, segundo Bardin (2016). Assim, considerando a totalidade de um texto, a AC explicita o que se há nas expressões a partir de itens de sentido assimilados e propostos pelo analista.

A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através

de significantes, ou de significados (manipulados), outros “significados” de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc (Bardin, 2016, p. 47).

Ainda conforme Bardin (2016), tendo como objeto o ato da linguagem — a prática da língua realizada por emissores identificáveis, a fala propriamente dita —, o intuito deste tipo de investigação é voltar a atenção para o emissor ou o meio, assimilando as causas e consequências dos enunciados observáveis. No entanto, difere-se da ciência que estuda os fatos, descrições e idiomas da linguagem verbal humana: a linguística.

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades por meio das mensagens (Bardin, 2016, p. 50).

Em suma, a AC almeja pôr em evidência o juízo de valor, opinião, tomada de posição e “associações subjacentes” de um indivíduo, partindo do pressuposto de que é possível — a partir de termos e temas presentes no vocabulário do sujeito — depreender condutas, ideologias e atitudes deste (Bardin, 2016). E, para isso, conforme mencionado no tópico acima, vale-se por etapas categóricas.

De acordo com Puglisi (2005), a primeira delas é a definição de unidades de análise, que podem ser tanto de registro quanto de contexto. Em definição, enquanto aquela representa a menor parte do conteúdo tal como uma palavra (símbolo, termo); um tema (sentença, parágrafo); um personagem (pessoa, autor) e/ou um item (atributos implícitos no texto), a última configura a parte mais ampla, dotadas de significação.

A importância das unidades de contexto, para a pesquisadora (Puglisi, 2005), valem-se da consideração e esclarecimento das condições e conjunturas sob as quais o conteúdo foi produzido. Isso porque, a análise proferida sobre as mensagens emitidas (sejam elas opiniões, representações sociais e/ou expectativas) são passíveis de variação conforme as diferentes e diversificadas dimensões possíveis.

O importante é ressaltar que qualquer que seja a forma de explicitação, fique claro o contexto, a partir do qual as informações foram elaboradas, concretamente vivenciadas e transformadas em mensagens personalizadas, socialmente construídas e expressas via linguagem (oral, verbal ou simbólica) [...] e, com certeza, passíveis de transformações e reconstruções (Puglisi, 2005, p. 45).

Na sequência, passamos para a fase de organização propriamente dita: a pré-análise. Este momento é marcado por buscas iniciais, intuições e primeiros contatos; porém sua objetivação se dá em torno do início do “esquema preciso para o desenvolvimento das operações sucessivas e com vistas à elaboração de um plano de análise” (Puglisi, 2005, p. 47). Assim, inicialmente, a primeira atividade relacionada a esta etapa é a leitura flutuante, a qual consiste em conhecer e estabelecer contato com o documento/objeto/materialidade a ser investigado.

Em seguida, é preciso demarcar o universo de análise e, em consequência, definir o *corpus* a ser analisado, a partir de escolhas, seleções e regras necessárias à decisão. Uma delas é a Regra da Exaustividade, em que o pesquisador deve se esforçar para considerar todos os elementos do texto durante sua observação. Já a Regra da Homogeneidade implica a obediência a critérios precisos de escolha e a não singularidade demasiada, por parte dos documentos, a fim de não extrapolar os objetivos norteadores. A da Representatividade, por sua vez, trata da dimensão do material a ser analisado ou de sua amostragem devida (Puglisi, 2005).

É preciso lembrar que nem todo o material a ser analisado é suscetível a obtenção de uma amostragem. E, nesse caso, é preferível reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) para garantir maior relevância, maior significado e maior consistência daquilo que é realmente importante destacar e aprofundar no estudo em questão (Puglisi, 2005, p. 50).

A próxima atividade consiste na formulação de hipóteses: afirmações provisórias a serem verificadas fundamentando-se nos procedimentos de análise, conforme elucidado no início deste tópico. Puglisi (2005) sinaliza que enquanto não for submetido à prova de dados fidedignos, tal pressuposto permanece apenas como suposição do autor(a). No entanto, podem existir “hipóteses implícitas”, as quais também orientam trabalhos de estudo realizados em AC.

[Nesses casos] é preciso destacar a importância que as interpretações latentes passam a ter no âmbito do processo da análise de conteúdo. [...] Mesmo não estando presentes nas mensagens a serem analisadas, devem ser consideradas como informações extremamente relevantes, uma vez que, além do recurso à dedução, [...] concentram a possibilidade de fornecer interpretações complementares valiosas e [...] passam a se constituir em elementos úteis para a experimentação de novas hipóteses (Puglisi, 2005, p. 53).

Por fim, há a escolha dos índices e, por conseguinte, a elaboração de indicadores — sob os quais se baseia a análise do pesquisador(a). Um índice, por exemplo, caracteriza-se pela menção explícita — ou velada — de determinado tema em certa mensagem, ao passo que seu indicador correlato se daria pela frequência de tal aparição percebida no conteúdo. Ademais, pode-se testar a eficácia e pertinência de tais escolhas em pequenos recortes, alguns trechos e/ou elementos do texto consultado (Puglisi, 2005).

Agora, a última fase antes da análise em si, se dá pela categorização — ou “classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (Puglisi, 2005, p. 57). Seja pautada em critérios sintáticos, léxicos ou expressivos, entende-se que a criação de categorias é o ponto crucial da Análise de Conteúdo.

Tal procedimento pode tanto ser feito a priori — em que há categorias e indicadores predeterminados a fim e consoante com a resposta específica aspirada pelo investigador(a) —, ou emergir da “constante ida e volta do material de análise à teoria” (Puglisi, 2005, p. 59). Dessa forma, vão sendo criadas à medida que se debruça sobre o material e se realiza a leitura das amostragens, para, então, serem interpretadas, com base nas teorias que fundamentam a análise, posteriormente.

Nessa lógica, é possível que uma grande quantidade de dados novos e diversificados comece a surgir; para tal, basta encontrar “princípios organizatórios” que levem a uma (outra) classificação mais ampla e menos fragmentada à interpretação. O motivo é simples: incorporar as novas manifestações implica uma análise “mais rica e relevante”, segundo Puglisi (2005, p. 65).

Inicialmente, classificamos as respostas em categorias de menor amplitude e, em seguida, sem nos afastar dos significados e dos sentidos atribuídos pelos respondentes, criamos marcos interpretativos mais amplos para reagrupá-las. Mediante este procedimento, as categorias iniciais, fragmentadas e extremamente analíticas, passaram a ser indicadoras de categorias mais amplas que, ao serem formuladas, passaram, igualmente, a incorporar pressupostos teóricos (Puglisi, 2005, p. 61).

Ainda conforme os apontamentos de Puglisi (2005), almejando a constituição de uma matriz categórica satisfatória para a pesquisa, é válido considerar determinadas qualidades componentes. Dentre elas, a Exclusão Mútua — pautada na premissa de que somente um único princípio de organização deve orientar uma categoria — e a Pertinência — implicando apropriação ao material de análise escolhido, bem como ao quadro teórico definido.

A objetividade e a fidedignidade também podem adentrar este rol, ponderando que diferentes partes de um mesmo material — sob o qual é aplicado determinado conjunto de categorias — devem ser codificadas de um mesmo modo, independente se submetidas a mais de uma análise ou não. Por fim, a Produtividade, de caráter mais pragmático, se faz relevante na possibilidade de fornecer resultados férteis, conforme assinala Puglisi (2005, p. 66): “Férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados relevantes para o aprofundamento de teorias e para a orientação de uma prática crítica, construtiva e transformadora”.

Isto posto, após compreender as dinâmicas pertinentes à Análise de Conteúdo, iniciamos o olhar investigativo sobre as materialidades selecionadas no escopo deste trabalho de conclusão de curso.

4.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Lançando mão da metodologia adotada, a partir da hipótese de que a presença de um profissional jornalista se faz relevante e necessária em quaisquer programas que envolvam o campo da comunicação e estejam sujeitos ao pleno acesso dos indivíduos, criamos as seguintes categorias: compromisso social; checagem de informações; preparação prévia e conduta mediadora — as quais serão abordadas ao longo deste tópico.

4.3.1 Compromisso social

A primeira categoria se encontra fundamentada em uma das bases da comunicação social: o compromisso com a sociedade em que se insere. Basicamente, tal responsabilidade se dá em torno da defesa da democracia e do bom funcionamento de seu regime, atuando como uma espécie de “contra-poder” em relação às instituições governantes e como um agente fiscalizador a favor dos cidadãos. Na prática, os profissionais valem-se, primordialmente, da tomada de decisões valorativas acerca dos fatos e situações cotidianas que acontecem no mundo em que vivemos.

Tal juízo de valor, evocado a partir da percepção do próprio comunicador, deve ser dotado de sensatez, reflexão e discernimento, uma vez que influi sobre a visão de realidade por parte de quem consome o conteúdo. Em suma, o critério social se encontra permeado pelo interesse público e coletivo de toda uma população, o qual foi avaliado em cada um dos

programas analisados — seja no conteúdo ou na descrição dos episódios e programas analisados (Azeredo, 2018; Bucci, 2000; Karam, 2004; Kucinski, 2022; Paul; Christofolletti, 2019; Traquina, 2005a).

4.3.2 Checagem de informações

Já a segunda classificação se dá no que tange a possibilidade de verificação quanto a uma verdade dita, mencionada e/ou explícita ao longo dos programas observados. Seja a respeito de um fato cotidiano e simplório, um acontecimento potencialmente marcado por opiniões pessoais ou dados estatísticos sobre determinada questão social, as informações expressas devem ser fundamentadas em algo consistente e justificado, em detrimento daquilo que se supõe sem a certeza e a convicção devidas.

Em torno desta discussão, também é possível acionar o conceito de objetividade que — positiva ou negativamente — permeia as práticas comunicativas na contemporaneidade. Flertando entre uma quimera em oposição à parcialidade e um horizonte a ser seguido na atividade profissional, a noção de equidistância se faz necessária ao almejar credibilidade e autoridade em relação ao que se é exposto para a audiência. Apesar de suas particularidades, a mesma premissa vale para o ramo do entretenimento (Bucci, 2000; Leal; Tassis; Manna, 2023; Karam, 2004).

4.3.3 Preparação prévia

A terceira, por sua vez, consiste no preparo anterior — notadamente por parte de quem realiza a entrevista, o entrevistador — necessário para abordar o assunto da vez, bem como conversar com aquela fonte específica. A categorização diz respeito à qualidade das perguntas; preocupações pertinentes sobre o tema tratado; e lógica por trás da entrevista objetivando o bom desenvolvimento da informação — em que são apresentados os subtemas minimamente necessários à compreensão do público, por exemplo. Logo, fugir do senso comum e sustentar os argumentos em elementos fundamentados seria o esperado de quem atua na área.

Além de conhecimento, informações levantadas anteriormente e respaldo sobre o que é falado [o processo de apuração em si e a criação de uma pauta para a entrevista], esta

categoria diz respeito, também, à construção ativa do entrevistador frente à entrevista a ser feita, implicando, dentre outras decorrências, adaptações à realidade da fonte, tal como o emprego de um linguajar mais ou menos formal durante a conversa (Caputo, 2006; Ferraretto, 2014; Medina, 1986).

4.3.4 Conduta mediadora

A quarta classificação remete diretamente à atuação do entrevistador, considerando a função de mediar plenamente a conversa/debate, o qual integra. Somado ao conhecimento e habilidades técnicas, é importante saber assumir o comando da dinâmica, confrontando quando necessário, porém mantendo o entrevistado em destaque frente ao público. Superando as virtudes pessoais e a subjetividade [na medida do possível], se faz importante fomentar o diálogo entre os vieses que permeiam um mesmo tópico de interesse comum, além de agir a partir de uma ética profissional e exercer a escuta ativa, em detrimento da passiva.

Ademais, esta categoria compreende a relação que se estabelece entre a pessoa comunicadora — à frente do programa — e a audiência — a “terceira” pessoa que participa da troca comunicativa estabelecida. A priori, pode-se pensar a respeito de acessibilidade e ‘tradução’, preocupando-se com a compreensão do ouvinte. No entanto, um ponto crucial vale-se da consciência e reconhecimento acerca da influência que têm sobre os espectadores, do mais simples gesto ao mais complexo ato realizado (Ferraretto, 2014; Paul; Christofolletti, 2019; Rellstab, 2022; Santos, 2022).

4.3.5 Considerações das Categorias de Análise

Antes mesmo de avançarmos neste trabalho, faz-se pertinente anunciar e destacar que as categorias explicitadas acima, bem como adotadas ao longo do processo analítico desta monografia, não são estanques e segregadas; na verdade, dialogam ativamente entre si, ressaltando elementos, referenciais e componentes que podem estar em mais de uma das quatro classificações, por exemplo.

Isto posto, a seguir, é possível acompanhar todos os elementos que permeiam a análise deste trabalho de conclusão de curso: desde a referenciação, passando pelo desenvolvimento e encerrando com as devidas considerações.

5 FLOW PODCAST E MANO A MANO: FUNCIONAMENTO E ESPAÇO DA COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA EM QUESTIONAMENTO

Este capítulo contribui com a percepção da autora em torno das constatações oriundas do material investigado — a análise propriamente dita. Com este objetivo, são feitas, inicialmente, as descrições dos produtos analisados, bem como trazidas as devidas considerações, ao final.

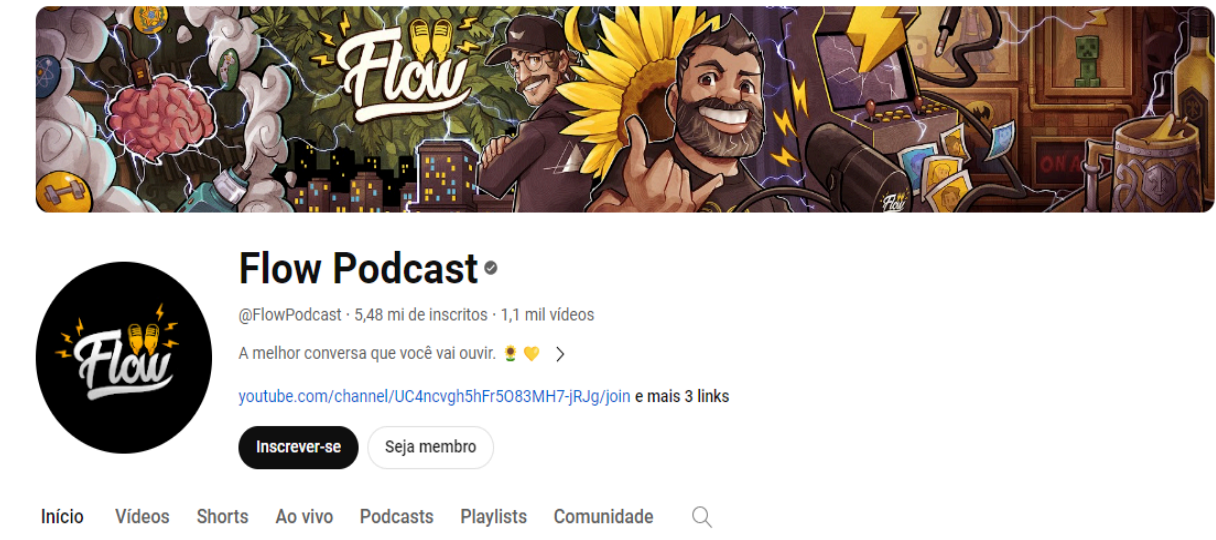
5.1 DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS

Introduzidos no capítulo três, bem como apresentados no capítulo anterior, a materialidade escolhida como objeto deste estudo consiste em edições específicas dos programas “Flow Podcast” e “Mano a Mano”, os quais encontram-se brevemente contextualizados a seguir.

5.1.1 Flow Podcast

O primeiro episódio do “Flow Podcast” foi ao ar em setembro de 2018, situação em que apenas os dois apresentadores originais — os *youtubers* Igor Coelho e Bruno Aiub, conhecidos, respectivamente, como Igor 3K e Monark — participaram. O *podcast* em formato de mesa-redonda é transmitido em canais de áudio e também em vídeo pela plataforma YouTube, configurando um mesacast. Marcados por conversas mais longas (algumas chegam a quase cinco horas de duração), os conteúdos consistem, majoritariamente, em entrevistas informais e descontraídas com as mais diversas figuras públicas e celebridades, não somente em âmbito nacional, além de *influencers* digitais que vêm surgindo na internet nos últimos anos.

Figura 1 - Página inicial do programa “Flow Podcast” na plataforma YouTube



Fonte: Flow Podcast ([201-]).

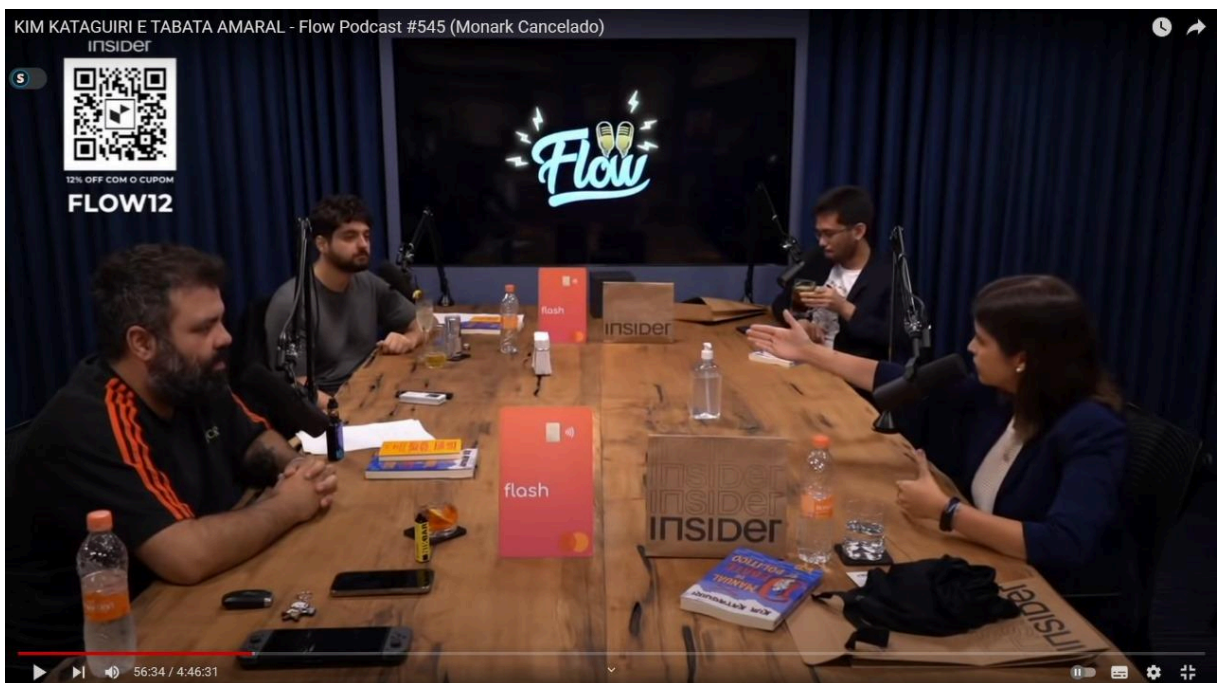
Sendo uma das pioneiras em tal dinâmica e formato, atualmente, a produção é uma das mais ouvidas no país, segundo a plataforma Apple (Apple Podcasts, 2023); porém, desde o início do ano de 2022, um dos hosts não integra mais o programa. Em fevereiro do referido ano, a conduta de Monark no episódio de número 545 [na primeira contagem ordinal do programa] repercutiu nacionalmente após proferir falas condizentes com a existência de um partido Nazista (G1, 2022a), compreendida como forma de apologia (Correio Braziliense, 2022) ao regime ditatorial.

A edição ao vivo teve 4h46min31s de duração e contou com a participação dos políticos Kim Kataguirí e Tabata Amaral (Kim Kataguirí [...], 2022), ambos deputados federais reeleitos pelo Estado de São Paulo — e pré-candidatos à prefeitura da cidade de São Paulo em 2024 —; o primeiro deles, inclusive, também foi alvo de investigações ao lado de Monark (Exame, 2022). O influenciador teve seu canal próprio/pessoal no YouTube desativado e a conta na rede social twitter suspensa após decisão judicial (G1, 2022b) enquanto o político seguiu carreira. Após o ocorrido, o material foi retirado do ar pelo canal Flow Podcast, que passou por uma reformulação e hoje acumula mais de 300 novos episódios até a publicação deste trabalho (Flow Podcast, [201-]).

Frente a este fato, o episódio foi escolhido para somar ao *corpus* da presente pesquisa, considerando que a situação problema aconteceu durante uma produção que permeia o campo comunicativo, além de ter sido cometida por uma pessoa conhecida e atuante na área, porém sem formação profissional em comunicação social e/ou jornalismo. Ademais, o acesso ao

conteúdo na íntegra se deu por uma outra conta na plataforma YouTube, intitulada “Graziano” (Graziano, [201-]), pois o vídeo original foi apagado do perfil oficial. Até a data de finalização deste trabalho, a página somava cerca de dez vídeos, sendo que cerca de um terço deles eram conteúdos apagados do próprio canal Flow, pelos mais diferentes motivos, segundo a própria descrição dos materiais publicados. Já o episódio em questão (Kim Kataguirí [...], 2022) somava mais de 79 mil visualizações, cerca de 2 mil e 600 curtidas e quase 700 comentários.

Figura 2 - *Frame*⁸ do episódio com Kim Kataguirí e Tabata Amaral no “Flow Podcast”



Fonte: Kim Kataguirí [...] (2022).

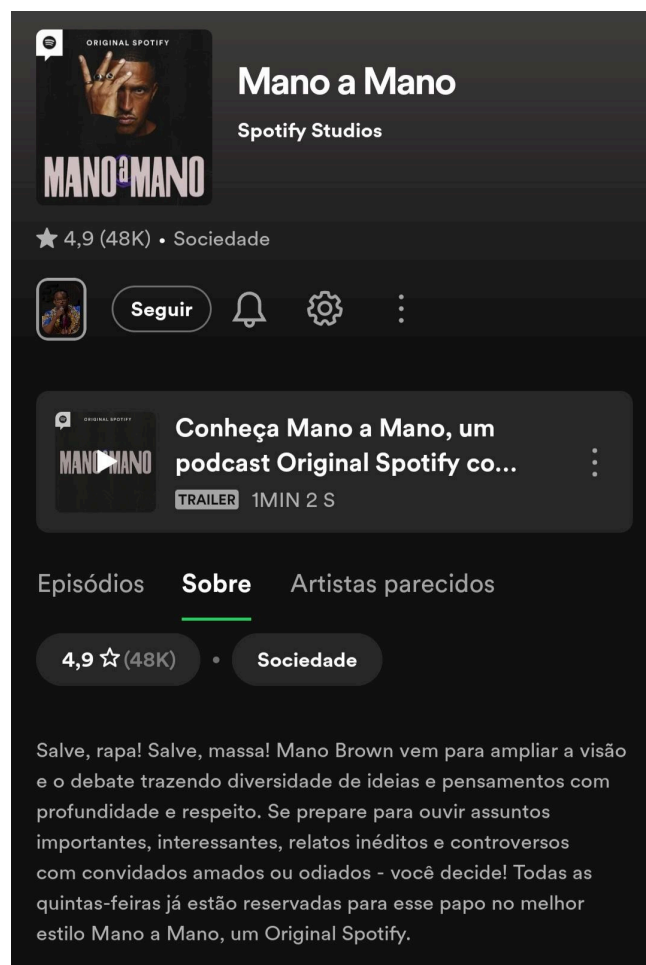
5.1.2 Mano a Mano

Apresentado pelo rapper e compositor Mano Brown, o *podcast* “Mano a Mano” estrutura-se, essencialmente, a partir de entrevistas com figuras públicas e celebridades da sociedade brasileira que discutem, primordialmente, a temática racial (afro) no país — a qual atrela-se diretamente a vida e carreira do artista que esteve à frente ao grupo musical Racionais Mc’s (Boogie Naipe, 2014): um produto cultural da periferia de São Paulo fundado

⁸ Em tradução livre do inglês “imagem”. Na figura, indica um dos recortes imagéticos que compõem o produto audiovisual completo.

em 1988, que alcançou notória influência no Brasil no início deste século. Mesclando entretenimento e informação, os episódios contam com participações e consultoria jornalística de Semayat Oliveira — mulher negra, jornalista, escritora, documentarista e uma das fundadoras do site “Nós, mulheres da periferia” (Pedrina *et al.*, 2014) — e permeiam os mais diversos assuntos e áreas, recebendo convidados do ramo musical, cultural, científico, político, esportivo, entre outros.

Figura 3 - Descrição do programa “Mano a Mano” na plataforma Spotify



Fonte: Mano a Mano ([202-]).

A produção estreou na plataforma Spotify em agosto de 2021, na dinâmica seriada e gravada (passível de edição antes de ser publicada) e foi bem recebida pelo público-alvo, se tornando um dos conteúdos mais ouvidos da rede. No mesmo ano de estreia, bateu recordes e foi o segundo programa mais ouvido, segundo dados oriundos da retrospectiva Spotify 2021 (Carvalho; Gutmann; Jácome; Ribeiro, 2023, p. 116).

A partir de sua notoriedade social e presença de uma profissional da área do jornalismo, o produto foi selecionado como comparativo ao mesacast elencado inicialmente para compor a empiria desta pesquisa. Com o objetivo de agrupá-los em uma categoria analítica semelhante e afim, foi escolhido o 12º (Delegado Da Cunha [...], 2023) episódio da terceira temporada do programa, publicado em fevereiro de 2023 — o qual, com duração de 1h20min29s, recebe o político Carlos Alberto da Cunha: delegado da polícia civil, deputado federal pelo Estado de São Paulo e uma personalidade conhecida na internet pelo pseudônimo “Delegado Youtuber” ou “Delegado Da Cunha”.

A fama do entrevistado se dá, notadamente, pelo registro em vídeo das operações policiais em que atuava ativamente, os quais eram posteriormente postados nas redes sociais digitais do mesmo — em um desses conteúdos, inclusive, Da Cunha teria inventado a prisão de um chefe da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) a fim de ganhar seguidores em seus perfis *online* (Tomaz; Rodrigues, 2024). Em 2024, o político recebeu atenção midiática por outro motivo: foi acusado de agredir e ameaçar a ex-companheira — somado às demais acusações, ele responde a pelo menos cinco processos administrativos na Polícia Civil e corre o risco de ser expulso da instituição (Tomaz; Rodrigues, 2024).

Figura 4 - Descrição do episódio com Delegado Da Cunha em “Mano a Mano”



Fonte: Delegado Da Cunha [...] (2023).

Após a descrição e devida contextualização da materialidade escolhida, partimos para a investigação e olhar crítico em torno da mesma.

5.2 ANÁLISES

Fundamentando-se na reflexão acerca de como a produção da informação jornalística, especificamente a entrevista, tem sido realizada em “Mano a Mano” e “Flow Podcast”, conduzidos por celebridades e/ou influenciadores notadamente não jornalistas, a análise em torno do *corpus* divide-se conforme as categorias metodológicas — relativas à Análise de Conteúdo (AC) — definidas no capítulo anterior, as quais serão abordadas na seguinte ordem: compromisso social; checagem de informações; preparação prévia e conduta mediadora.

Em cada uma delas, serão trazidos trechos selecionados dos dois episódios, a fim de a materialidade se fazer presente na análise. Como próprio do método da AC, a atividade não se tratou de transcrever e analisar linearmente ambos os programas, antes — a partir do problema de pesquisa e da categoria analisada — foram selecionadas falas, momentos e partes mais emblemáticas e pontuais para serem transcritas. Ou seja, tal seleção já é, em si, um movimento próprio e analítico da pesquisadora.

Faz-se primordial ressaltar que, daqui em diante, as boas práticas — éticas — do jornalismo foram consideradas como um ideal a ser seguido ou, ao menos, almejado nos produtos comunicativos, como um todo.

5.2.1 Compromisso social

Conforme elucida Dines (1997), uma das principais funções da imprensa é “chamar o cidadão à responsabilidade” e “eximir-se desse papel é uma atitude perigosa” tanto em tempos de crise quanto em “períodos de calma” (Dines, 1997 *apud* Azeredo, 2018, p. 6). A frase alude à ideia apresentada no segundo capítulo deste trabalho, em que a função social e o interesse público prevalecem nos conteúdos transmitidos à população, seja qual for a plataforma, meio, mídia, veículo ou formato (Kucinski, 2002).

De antemão — ao almejar buscar traços de compromisso social nos produtos analisados — voltamos nosso olhar para a descrição dos episódios e do programa — a qual,

além de apresentar a ideia principal em torno da produção, pode, inclusive, revelar o posicionamento dos comunicadores perante ao público. Valendo-se de uma descrição simples, objetiva e direta, o "Flow Podcast" define-se em uma única frase “A melhor conversa que você vai ouvir. 🌻💛” (Flow Podcast, [201-]).

Já o segundo programa observado opta por contextualizar quem acessa a página do “Mano a Mano”, revelando maior preocupação em expor devidamente o propósito que permeia o *podcast*:

Salve, rapa! Salve, massa! Mano Brown vem para ampliar a visão e o debate trazendo diversidade de ideias e pensamentos com profundidade e respeito. Se prepare para ouvir assuntos importantes, interessantes, relatos inéditos e controversos com convidados amados ou odiados - você decide! Todas as quintas-feiras já estão reservadas para esse papo no melhor estilo Mano a Mano, um Original Spotify (Mano a Mano, [202-]).

Na mesma lógica, seria interessante comparar a descrição de cada um dos episódios. No entanto, em razão do episódio de número 545 ter sido apagado do canal Flow Podcast, podemos assumir que tal construção seria semelhante ao que é percebido nos outros episódios até hoje em dia. De forma similar à definição da marca mencionada anteriormente, o texto costuma ser composto por uma frase sobre o convidado — talvez duas se forem dois participantes — e/ou referenciar, de forma valorativa, o episódio em si — seja aludindo ao tema, ao desdobramento da conversa etc.

Não obstante, é válido trazer a descrição que se encontra no vídeo (re)publicado, posteriormente, em outro canal: “Estou postando este vídeo para que todos possam ver e tirar suas conclusões, penso que como o Flow defende a liberdade de expressão deveria ter deixado o vídeo para que todos possam avaliar e aprender com o erro Crasso do Monark” (Graziano, [201-]). Apesar do referido autor não integrar a materialidade deste estudo, é possível perceber um juízo de valor perante o ato de excluir/arquivar o conteúdo tido como “problemático” — uma vez que, com ressalva às implicações em torno das falas proferidas no episódio, acessar este material pode sim ser de interesse público para os mais diversos fins, tal como o é nesta monografia.

Já o episódio de número 12 da terceira temporada de "Mano a Mano" segue a mesma linha editorial expressa no tópico “Sobre” do programa, entretanto, de uma forma mais direta e instigante, com a possível intenção de atrair os ouvintes:

Tem um episódio novo da terceira temporada no ar. Brown bateu um papo com Delegado Da Cunha, que foi eleito deputado federal de São Paulo e ficou conhecido por registrar suas abordagens policiais e publicar nas redes sociais. Quer saber qual foi o resultado desse encontro? Então aperta o *play*. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Agora, para nos debruçar sobre o conteúdo dos episódios propriamente, consideramos o primeiro capítulo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007), o qual, em seu terceiro inciso, aponta que a liberdade de imprensa — um direito e pressuposto do exercício da profissão — requer um compromisso com a responsabilidade social inerente à atuação. Também é possível referenciar o terceiro capítulo da deontologia, que trata a respeito da responsabilidade profissional do jornalista. No artigo oitavo, expõe-se que este é responsável por toda a informação que divulga [...], por isso deve exercer com consciência a opinião manifestada em meios de informação, conforme indica o artigo décimo (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007).

A priori, iniciamos observando o modo em que Igor 3K e Monark se posicionam frente às informações expressas pelos convidados, bem como às trazidas por eles mesmos no referido episódio do "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022). É válido pontuar que Kim e Tabata debatem entre si por diversos momentos, recorrendo à mediação apenas quando julgarem necessário.

No trecho a seguir, é possível perceber que na tentativa de adentrar à conversa entre as fontes, Monark assume que estava bêbado quando é questionado pela convidada e não consegue atuar como deveria. Inclusive, esta foi a mesma desculpa (G1, 2022b) adotada por ele para responder às críticas e contato da imprensa acerca da fala problemática proferida neste episódio.

Kim: Você disse que o partido de direita, ‘defendente’ da ditadura de direita, deve ser criminalizado.

Tabata: Não, eu não falei isso, a gente concordou...

Kim: Falou sim, Tabata! Desculpa se...

Monark: Não, ela não falou... De direita...

Tabata: Não gente, não pode. Ele tá falando tudo que eu falei ao contrário. Tem que mostrar aí.

[...]

Monark: Eu não acho que ela disse isso, na minha opinião. Eu não interpretei isso que ‘cê’ tá falando...

Kim: Eu interpretei dessa forma. O que ela disse, então, de fato?

Tabata: Eu disse que esse era o primeiro ponto. [...]

Monark: Na minha opinião, o que ela falou foi que ‘cê’ não deve achar legal qualquer partido autoritário que criminalize pessoas pelo que pensam. Acho. Foi isso que você falou?

Tabata: Eu não entendi o que cê falou [risos]

Monark: Eu tô muito bêbado, eu ‘tô’ fora do debate agora.

Tabata: Mas enfim, tá gravado o que eu falei (Kim Kataguirí [...], 2022).

Ao longo da conversa percebe-se a atuação de Tabata mais próxima da seriedade e compromisso durante o bate-papo, em relação aos demais presentes. Por diversas vezes ao longo do episódio, Kim e Monark entram, os dois, em uma discussão sobre os assuntos que pautam a conversa e enquanto Igor pouco opina ou participa, a convidada sempre tenta, a todo custo, levar a conversa para um espaço mais afastado da recreação e despreocupação da dupla. Percebendo esse movimento, Kim tenta seguir o exemplo, mas Monark não sai do ‘personagem’. Isso aconteceu quando os deputados, a partir do andamento do debate, indicaram leituras de livros para Monark, mas as reações do host (Caputo, 2006) instigam uma dúvida em Tabata.

Tabata: Pera, você lê? [Monark]

Monark: Não. Eu sou um merda. Não, de verdade, eu me acho um merda, de verdade.

Tabata: Você vai tentar ler meu livro?

Monark: Eu acho que eu sou um potencial desperdiçado.

[...]

Tabata: Monark, Monark...

Monark: Ahn?

Tabata: Você vai tentar ler meu livro?

Monark: Não vou.

Kim: Ele não vai!

Tabata: Nem a primeira página?

Monark: É por isso que eu sou um merda. (Kim Kataguirí [...], 2022).

Apesar de não agir de forma exemplar, os convidados se mostram compreensivos com a situação da figura pública e até mesmo são capazes de reconhecer qualidades, em razão do *podcast*. Kim, por exemplo, elogia o formato do programa e a dinâmica da conversa — que vão ao encontro com o exposto por Ferraretto (2014) sobre a boa receptividade aos entrevistados. No entanto, o discurso de Monark se mantém, seja por se reconhecer como inferior a tudo isso que acontece ao redor dele, seja pelo possível efeito do uso de substâncias psicoativas que o próprio diz ter consumido.

Monark: A verdade é que eu sou burro.

[...]

Tabata: Monark, talvez, o fato de você não estar 100% sóbrio no final dos programas passa essa percepção, que é um pouquinho mais lento o processamento.

Kim: [...] Para mim, um dos maiores méritos do Flow é o seguinte: vocês conseguem deixar o convidado à vontade para falar como se ele tivesse numa conversa casual. A inteligência para fazer isso acontecer não é uma

inteligência do homem médio, é uma inteligência de um sujeito excepcional, que vocês dois são. [...]

Igor: Não é que o Monark é burro, ele só é chato quando ele tá bêbado, excepcionalmente. Por exemplo, rapidamente aqui, não é para voltar no assunto; no papo do aborto, eu escutei o mesmo argumento cinco vezes. Então isso é chato.

Kim: Sim.

Tabata: Eu acho que tem um pouco a ver com o efeito das substâncias. Não?

Igor: Também acho. (Kim Kataguirí [...], 2022).

Por outro lado, percebemos que, em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), Brown parece ser mais consciente sobre o que é falado, preocupa-se em fazer perguntas coerentes e remeter o assunto ao público-alvo do programa, sem deixar sua opinião de lado — cultivando a empatia estabelecida com seus ouvintes (Ferraretto, 2014). No início do episódio, o *host* sinaliza a Da Cunha que a própria audiência — denominada por ele mesmo como “quebrada” — foi quem apresentou, pela primeira vez, o então convidado ao artista, revelando a relação e troca entre Mano Brown e seu público, a qual é marcada por certa proximidade.

Mano Brown: Se liga, [...] você é negro e, olhando de fora, você faz parte de um partido de direita, em que o núcleo da inteligência são pessoas brancas da classe média alta que pouco tem relações com a gente do nosso povo. [...] O que as pessoas esperam de um delegado negro que fala a língua, que fala “sou delegado da favela”, “tô batendo de frente”? [...] Como você quer contribuir? (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Ainda nesta linha, por mais que saiba sobre o assunto, Brown se preocupa no compromisso que tem com sua audiência (Leal; Tassis; Manna, 2023) em sempre acrescentar algo a quem lhe escuta, principalmente, talvez, por ser uma temática [política] menos abordada nesses espaços. Para isso, as perguntas não precisam necessariamente ser sempre construídas em profundidade; às vezes, tirar uma dúvida simples ou averiguar algo pontual já implica um descobrimento importante para quem está do outro lado, como ouvinte (Ferraretto, 2014).

Mano Brown: Você vai morar em Brasília?

Da Cunha: Morar, pelo menos, de segunda à quinta. Vai e volta.

Mano Brown: Você vai enviar projetos?

Da Cunha: Sim.

Mano Brown: Quem aprova?

Da Cunha: Congresso. Congresso aprova. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Em outro exemplo, quando Da Cunha comenta sobre sua participação polêmica em uma entrevista no Pod Pah — um programa brasileiro de mesacast voltado para o entretenimento — que gerou mais de 11 milhões de visualizações, Brown revela que não apenas assistiu ao conteúdo, como também tece observações analíticas a respeito. Ou seja, o *host* de "Mano a Mano" mostra ter conhecimento acerca da performance de seu convidado e das possíveis percepções que recaem sobre o político e, a partir disso, faz apontamentos pertinentes que denotam uma diligência com o público-alvo do programa.

Da Cunha: Então, eu mandei a ideia: [...] “se o moleque passa o dia escrevendo proibidão falando que ele quer matar polícia, algum motivo ele teve. Então a gente tem que analisar aquela criança, o quê traumatizou ela, porque o Estado tem que agradar”. Porra, essa frase foi distorcida... [...]. Mas aquele dia, Negão (vou te chamar de Negão porque deu vontade), foi dia de libertação, porque eu passei muitos anos na polícia discordando de muita coisa e nunca pude falar [...].

Mano Brown: De fora, eu olhando, vendo o que tava acontecendo com você [...], eu acompanhei aquele momento e eu percebi. Eu falei: “Bom, esse cara é diferente, né? Ele ‘tá’ se aproximando da linguagem rapaziada, ele é Negão, mas por isso mesmo, isso aí vai ser um ponto fraco dele. [...] Esse negão é carta marcada, ‘tá’ falando muito e falando coisas de dentro e a mão pesa”.

Da Cunha: Vai ser atropelado.

Mano Brown: Você tinha essa noção?

Da Cunha: Tinha. Tinha, estava totalmente preparado. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

No próximo excerto, podemos também perceber como Brown não apenas se mostra autoridade naquilo que fala como suas opiniões são reconhecidas e respeitadas pelo entrevistado durante a conversa. Não obstante, é válido levar em consideração a referência que a figura do artista tem no meio em que está inserido, logo, espera-se que Da Cunha considere os pontos de vista do *host* não apenas em razão de concordar ou compreender devidamente o que está sendo falado, mas talvez pela suposta admiração para com o entrevistador.

Da Cunha: Mas aí, Brown, posso te fazer uma pergunta, posso virar entrevistador, fazer uma pergunta ‘pro cê’? [...] Eu converso com muita gente que fala “Essa malandragem hoje em dia lá, ela degradingolou, porque antigamente não tinha ninguém roubando perto da favela, ninguém roubava trabalho, não roubava a tiazinha que tá com a marmita e um celular financiado das Casas Bahia”. E hoje em dia eu vejo muitas vezes, papo de polícia, a comunidade ser vítima da malandragem da comunidade que protegia essa comunidade, entendeu?

Mano Brown: Mas já não é a malandragem!

Da Cunha: Que perdeu o controle!

Mano Brown: A malandragem não gosta disso.

Da Cunha: Entendeu? Mas ‘cê’ acha que a malandragem antiga admitia esse ladrãozinho que rouba na quebrada?

Mano Brown: A malandragem antiga, conforme a regra do jogo, fazia o mesmo.

Da Cunha: Ah é?

Mano Brown: É.

Da Cunha: Demorô. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Apesar da consciência sobre os caminhos que perpassa ao longo da conversa, sobre um assunto que ainda permeia problemáticas estruturais na sociedade, Brown teme ser mal interpretado e acaba deixando transparecer seu receio quanto a esta possibilidade inerente a quem se comunica de forma pública.

Mano Brown: Eu entendo uma coisa também, vou falar uma coisa aqui bem escorregadia, perigosa.

Da Cunha: Manda.

Mano Brown: Ehhh, essa coisa de associar o negro ao crime é uma coisa tão defasada e tão arcaica, que por isso as coisas não são resolvidas. [...] Eu vejo um povo negro, de direita, votando em coisas aparentemente de direita, então muitos não vão entender porque que ‘tá’ mais perto do perigo, da bala perdida, ‘morô?’ [...] Na própria moradia.

Da Cunha: Na quebrada, [...] do teu filho tá perto da biqueira...

Mano Brown: Existe esse perigo, mas não ‘tô’ dizendo que o problema ‘tá’ na quebrada não, ‘tá’?

Da Cunha: Tá bom. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Ademais, em razão de os jornalistas terem responsabilidade plena pelo que fazem, “preconceitos e pressupostos ajudam pouco e atrapalham muito em jornalismo” (Lage, 2002, p. 18). A mesma premissa deveria ser seguida em demais produções que se situam no universo da comunicação, com o intuito de garantir a veiculação de um conteúdo com qualidade e responsabilidade social — inclusive que se preocupe em agregar, de fato, algo à população que a consome.

Assim, mesclando entre uma conversa séria sobre temáticas de relevância e uma ordinária discussão de bar — característica comum em produtos que unem informação, profundidade e seriedade com entretenimento e prazer de consumo (Leal; Tassis; Manna, 2023) —, frequentemente há o uso da expressão “falando sério, agora” pelos participantes do Flow (Kim Kataguri [...], 2022). Dentre os convidados, Tabata é quem mais costuma pedir a atenção dos colegas para explicar algo que julga relevante e/ou concluir um assunto, mas não é a única. No trecho a seguir, percebe-se que enquanto Kim muda o rumo do assunto para

falar de algo importante — uma informação de interesse público —, os apresentadores continuam ‘brincando’ a partir de uma opinião e preconceito próprios para com quem joga um jogo específico.

Kim: [...] Ela falou para mim que defende pena de morte para que fuma vape.

Monark: Caralho!

Tabata: Você quer falar de legalização das coisas, o debate não vai ficar bom para você

Monark: Ihhh!

Igor: Uhhh!

Kim: Eita!

Igor: [Inaudível]

Monark: [Inaudível]

Kim: Esqueci o que eu tava falando.

Igor: Tava contando uma piadinha...

Monark: Tava falando merda. A verdade é essa. Mas ô Kim, o LOL vai ser banido ou não?

Kim: Vai.

Monark: Ah, que bom. Finalmente algo que...

Kim: Inclusive, você sabe que a pena de morte é permitida no Brasil. Cê sabe disso?

Monark: Pro LOL tem que ser.

Kim: Não, não, não. Falando sério.

Igor: [Inaudível]

Monark: [Inaudível]

Kim: Falando sério, agora. Cê sabe que a pena de morte existe no Brasil.

Monark: Sério? Eu tô muito chocado quanto a isso.

Kim: Existe em caso de guerra. [...] (Kim Kataguirí [...], 2022).

Já em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), logo nos primeiros minutos de episódio — na própria apresentação do convidado —, Brown expõe aos ouvintes qual é sua percepção, pessoal e profissional, sobre o episódio, trazendo à tona pressupostos. Na sequência, ao ser cordial na preocupação sobre termos de tratamento do convidado (Caputo, 2006), a resposta da fonte traz algumas informações iniciais e relevantes sobre o reconhecimento da mesma por parte do público.

Mano Brown: Programa hoje importante, de utilidade pública e também polêmico. Certo? Para quem diz que a gente só sabe jogar em casa e com gente que pensa igual a gente. Vai segurando: esse cara é lutador de judô, hoje ele é deputado federal eleito pela cidade de São Paulo no Partido Progressista. Ele diz que é um partido de centro, eu achava que era de direita. Ele é um lutador de judô e participou da seleção brasileira de judô, certo? Alto nível. Delegado da polícia civil. Digital influencer. Polêmico. E seguido por muitas pessoas. Chamo de delegado? Deputado? Da Cunha...?

Da Cunha: Ou “Negão”. Fico mais à vontade, que é meu apelido de judoca. Eu fui criado sendo chamado de negão do judô [...]. E eu fico feliz que quando entro na quebrada ninguém fala “delegado da Cunha”.

Mano Brown: Doutor da cunha?

Da Cunha: Também não tem doutor. [...] Me chamam de “Da Cunha”; eu faço questão. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Novamente, Brown pode ser reconhecido pelas perguntas que faz, mas, desta vez, a reação espontânea do entrevistador revela uma expectativa limitada — talvez por fundamentar-se no senso comum (Ferraretto, 2014) ou mesmo por sua inscrição ideológica — sobre a atuação do delegado na política, a qual é superada pela surpresa genuína do host a partir da resposta dada por Da Cunha.

Mano Brown: A sua especialidade atuando como deputado federal vai ser na área de segurança pública. É isso?

Da Cunha: Não necessariamente.

Mano Brown: Não brinca. Que que cê vai fazer?

Da Cunha: Eu abri cinco frentes no meu gabinete: a primeira é segurança pública, a segunda é igualdade racial...

Mano Brown: Opa! (Delegado Da Cunha [...], 2023).

No segundo capítulo do regulamento sobre a profissão de jornalista, é abordada a conduta profissional e, mais precisamente, o dever deste, no artigo sexto. Embora os incisos de número dois e três apontem — respectivamente — a divulgação de fatos e informações de interesse público e a luta pela liberdade de pensamento e expressão como deveres, o primeiro inciso do capítulo nos apresenta que é necessário opor-se ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Além disso, o artigo sete, também do capítulo dois, trata do que não pode ser feito: usar a prática jornalística para incitar a violência, a intolerância e/ou o crime (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007).

A livre circulação de pensamento e opinião é um dos direitos mais preciosos do Homem. Todos os cidadãos podem portanto falar, escrever e publicar livremente, excepto quando forem responsáveis pelo abuso dessa liberdade em casos bem determinados por lei (Traquina, 2005a, 45).

Observando a conduta dos *hosts* no "Flow Podcast" (Kim Kataguri [...], 2022), ao debaterem sobre a liberdade de expressão, Igor fica calado na maior parte do tempo, sem interferir, enquanto Monark confronta os ideais trazidos por Tabata, a qual sempre preza por sempre ser didática em suas falas. É a partir deste momento, mais na parte final da conversa,

que foi fomentada toda a polêmica em torno da legalização do Nazismo, levando ao desligamento de Monark do projeto e à investigação policial em torno do mesmo.

Monark: Eu sou mais louco que todos vocês. Eu acho que o nazista tinha que ter o partido nazista reconhecido pela lei.

Tabata: Eu acho que não. Lembra: liberdade de expressão termina onde a sua expressão coloca a vida do outro em risco.

Monark: Mas expressar? As pessoas não têm o direito de ser idiotas?

Tabata: O nazismo é contra a população judaica! Isso coloca uma população inteira em risco.

Monark: De que forma? Quando é uma minoria não põe...

Tabata: Vamos falar de holocausto. “De que forma”?

Monark: Mas era quando era uma maioria...

Tabata: Gente, vamos falar de atentado? A comunidade judaica até hoje no Brasil tem que se preocupar com sua segurança, porque recebe ameaça, porque recebe produto, porque recebe coisa...

Monark: [Inaudível]

Tabata: O antisemitismo é uma coisa que tem que ser combatida todos os dias.

Monark: Se você banir eles de estar ali no público, eles vão para o subsolo. E lá eles vão proliferar de um jeito muito mais eficiente.

Tabata: Quando as pessoas são punidas de fazer algo... Por que que a gente criminaliza o racismo? Porque a pessoa vai pensar duas vezes antes de falar uma merda. Por que que tem crime então? Seu argumento não serve se for isso... [...] Quem é anti-judeu [...] tá questionando a existência naquela pessoa como um todo.

Monark:[...] Questionar é sempre válido.

Tabata: Questionar existência nenhuma é válido.

[...]

Tabata: Meu Deus! Quanta coisa a gente não discordou aqui hoje, tudo isso é liberdade de expressão, mas se você fizer uma fala de ódio contra uma população específica...

Monark: E quem define o que é fala de ódio?

Tabata: A justiça!

Monark: Esse é o problema! Esse é o problema. (Kim Kataguiiri [...], 2022).

Acionando, mais uma vez, o segundo capítulo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o qual trata da conduta profissional dos referidos atores sociais, podemos trazer o inciso de número quatorze do artigo sexto. No documento, é expresso como dever do jornalista “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza” (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007, p. 2). Já no inciso de número oito, tem-se como dever do profissional do jornalismo “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão” (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007, p. 2).

Antes mesmo da fala inoportuna, criminosa e problemática de um dos *hosts* — que contraria totalmente o esperado de um profissional da comunicação a respeito do posicionamento para com regimes, governos, lideranças e poderes políticos autoritários e/ou repressivos (Azeredo, 2018; Traquina, 2005a) —, outros comportamentos de desrespeito para com minorias já vinham sendo observados desde o início do episódio. No seguinte exemplo, o comentário se direcionou a um dos convidados presentes.

Kim: Eu, como tenho ascendência japonesa, eu tenho assim... Deixa eu tomar cuidado com o que eu vou falar agora. É...
Igor: Pau pequeno.
Kim: Isso aí não é polêmico.
Monark: Ou Igor, parabéns cara.
Igor: Por quê?
Monark: Porque eu ia falar isso, mas eu não tive coragem e tu falou.
Kim: É, você é o primo xenófobo corajoso do ano. (Kim Kataguirí [...], 2022).

Na sequência, emendamos um exemplo similar para focalizar a mesma conduta questionável do *host* Monark, a qual se repete ao longo da transmissão do programa, notadamente com este convidado em específico.

Monark: Quem que manda no sistema político hoje em dia...
Kim: Quem manda? Quais famílias?
Monark: São as grandes empresas...
Kim: Quero ouvir sobrenomes...
Monark: Mermão, você sabe muito mais disso que eu. Rs.
 [...]
Kim: Ah não, fala você. Você discorda de mim.
Monark: Eu sou burro, você é inteligente!
Kim: Ah, eu sou inteligente, Monark? Eu só sou inteligente porque você é burro.
Monark: É verdade! Você só é deputado federal porque a gente é burro. Não mentira, tô zoando. (Kim Kataguirí [...], 2022).

Nos deparando com tais nuances discriminatórias, percebe-se o tratamento desrespeitoso — e conseqüentemente não profissional — com este mesmo participante por várias vezes durante a edição. O tom de conversa em tom informal, provocativo e se aproximando do entretenimento pode passar a impressão errônea de que tais falas seriam justificadas no contexto do episódio. Sem falar que quase sempre os quatro integrantes da mesa estão se sobrepondo e falando concomitantemente, o que pode vir a prejudicar o pleno acompanhamento e entendimento do que é falado por parte da audiência (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Sobre a temática do entretenimento, faz-se válido salientar que entreter não configura um aspecto negativo por si só, podendo, inclusive, enriquecer narrativas e atrair a audiência — a partir de elementos típicos, como linguagem informal, uso de expressões coloquiais, presença de humor e descontração, entre outros. Todavia, o conhecimento almejado em uma entrevista — com representantes da política de uma nação, principalmente — rege o uso do intelecto, racionalidade e cognitivo para ser plenamente alcançado (Leal; Tassis; Manna, 2023).

A exemplo, durante o episódio do Flow (Kim Kataguirí [...], 2022), Monark elogia o comportamento de Kim e Tabata no programa e, no decorrer da conversa, menciona que gostaria de trazer o político Ciro Gomes e o ex-juíz Sérgio Moro para uma entrevista. Diferentemente do que se possa esperar como ideal de comportamento do *host* — até mesmo considerando a temática de relevância social à população, com duas figuras conhecidas nacionalmente e que exerceram funções de destaque no país, nos últimos anos — o apresentador surpreende negativamente quem almejava qualquer tipo de seriedade.

Monark: Ou, mas falando real, eu acho que tinha que acontecer. Na minha opinião, ia ser muito foda. Eu ia mandar...

Tabata: Ia ser massa, ia ser massa.

Monark: Eu ia mandar o Sérgio Moro tomar no cu e o Ciro...

Kim: Duvido que você ia mandar o Sérgio Moro tomar no cu.

Monark: Duvida ‘memo’? ‘Cê’ duvida ‘memo’?

Kim: Ah! Eu duvido.

Monark: Tá bom, então chama ele aí com o Ciro que eu vou mandar os dois tomar no cu. (Kim Kataguirí [...], 2022).

As respostas atravessadas e despreziosas de um dos *hosts*, justificadas como brincadeiras e “zoeiras” típicas da personalidade do mesmo, do espaço em que estão e do formato da produção parecem ser confundidas com falta de educação, de cordialidade e de simpatia, além de abrir brechas para os próprios convidados agirem desta mesma forma incongruente à comunicação social.

A intencionalidade por trás de tal diálogo, decorrida por vários momentos durante o episódio, remete a uma conversa informal entre pessoas que compartilham de certa intimidade — como em um grupo de amigos. Não obstante, até mesmo nesse cenário tais falas poderiam ser encaradas de modo problemático; portanto, em um *locus* de comunicação voltada ao público em geral, é inadmissível.

Há, ainda, outro excerto a ser apresentado dentro desta mesma observação crítica. O trecho também remete ao início do episódio em que, inclusive, Monark já dava indícios de sua

percepção sobre a política democrática, mas de uma forma menos explícita e, naquele momento, ainda compreensível aos colegas deputados. É importante ressaltar que, no ideal jornalístico, os comunicadores deveriam atuar em consonância com a democracia e contra o poder repressivo (Traquina, 2005a).

Kim: Vou te trazer duas frases aqui Monark, seu incrédulo da democracia! A primeira frase é do Winston Churchill, né? [...] Ele dizia o seguinte: “Democracia é o pior sistema de todos, com exceção de todos os outros”. E outra coisa, foi uma frase de Eça de Queiroz: [...] “Políticos e fraldas devem ser trocados periodicamente, pelas mesmas razões”.

Monark: Porra, essa é verdade. Então quando você vai sair da política?

Kim: Ah, mais um tempinho.

[...]

Monark: Mas ou, eu não sou contra a democracia. Pelo contrário, eu quero aprofundar a democracia...

Tabata: Eu entendi.

Kim: Você defende a descentralização do poder. [...] (Kim Kataguirí [...], 2022).

No programa conduzido por Brown (Delegado da Cunha [...], 2023), não há exemplos característicos de um tratamento de desrespeito para com o convidado ou ainda de alguma fala que fira a liberdade de pensamento e expressão, pelo contrário, apesar das discordâncias observadas ao longo do episódio, individualmente o *host* e o convidado partem de um lugar social comum, como o próprio Da Cunha reconhece.

Da Cunha: Eu vou ficar bem a vontade aqui porque eu não fui criado na favela, mas eu sou um cara da humildade, da caminhada. E a gente é da mesma ideia. A gente ‘tá’ em profissão diferente, mas a gente é da mesma ideia. [...]. Pelo fato de ser negro eu fui muito discriminado, cresci ouvindo suas músicas. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Como pode ser percebido nos trechos destacados até então, é válido salientar o uso de gírias, interjeições e vocativos afins entre Da Cunha e Mano Brown, que explicitam a relação de consideração e respeito mútuo. Inclusive, o entrevistador sempre compartilha suas vivências pessoais que dialogam diretamente com a conversa discorrida — os depoimentos funcionam como exemplo e argumento das contribuições de Brown para o debate. Por vezes, o próprio entrevistado é quem aciona essas menções, transparecendo conhecimento sobre algumas experiências do *host*.

Mano Brown: Eu tenho várias histórias, [...] desde agressão covarde, xingamento racista, ofensas a minha mãe, eu já vi de tudo.

Da Cunha: De tudo, e já passou de tudo. Conheço seu livro, conheço seu filme, conheço sua vida toda. Eu sei daquela abordagem que você foi espancado pra caralho.

Mano Brown: Sim, me quebraram.

Da Cunha: E se não fosse tua mulher gritando tu ia morrer. Foi sua mulher que te salvou.

Mano Brown: Sim.

Da Cunha: Ela fez o escândalo certo para você não ir para o saco, porque ia sumir na vala na guarapiranga.

Mano Brown: Eu tomei um pau, irmão. Sabe quantas cabada no joelho? Dez no esquerdo, dez no direito, dez na cabeça. Eu pensei que ninguém apanhava na cabeça para não dar exame de delito. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Nesse sentido, ao pensar sobre o compromisso social observável em cada um dos programas a partir dos excertos trazidos acima, foi possível apreender que, embora ambos tratem de temáticas em torno da política, de questões sociais e até mesmo de aspectos particulares da vida dos integrantes da conversa, "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), de um modo geral, destaca-se nesta categoria ao denotar maior abertura para o aprofundamento, exemplificação e discussão dos temas abordados.

Enquanto os apresentadores do "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022) valem-se de respostas superficiais, marcadas meramente pela descontração e sem qualquer demonstração de preocupação com a profundidade dos assuntos abordados, Mano Brown desenvolve uma função mais interpelativa, indagando o convidado, expondo problemáticas e aguçando questionamentos em torno dos temas levantados durante o programa (Delegado Da Cunha [...], 2023).

É comum que no Flow (Kim Kataguirí [...], 2022) venham à tona temáticas polêmicas que permeiam a política nacional, em que não há um consenso entre os participantes — assim como na própria sociedade — tal como liberdade de expressão e aborto e até mesmo menções a personalidades atuantes nesta esfera; todavia, os temas vão surgindo sem uma finalização lógica e bem delimitada do que foi conversado até então. Logo, encontrando-se nessa superficialidade e despreocupação discursiva, a entrevista não segue os preceitos democráticos orientados pelo direito de acesso à informação (Bucci, 2000) de relevância e valor (Kucinski, 2002), bem como foge das responsabilidades sociais perante a população (Traquina, 2005a) ao não apresentar os fatos de forma precisa e compreensível por quem assiste (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Já no programa do rapper (Delegado Da Cunha [...], 2023), toda a conversa gira em torno da atuação política do convidado, do policiamento no Brasil — seja sobre abordagem, composição da frota, etc — e da realidade da população que habita as periferias do país; ao

longo do episódio, a progressão de ideias surge de forma espontânea, mas percebe-se a intenção de não deixar os assuntos desatados entre si.

Para além desta vertente, há outro importante tópico que permeia o ideal jornalístico em seus produtos: a checagem — e consequente veracidade — das informações expressas nos produtos comunicativos; conceitos que integram a categoria a ser analisada na próxima subseção.

5.2.2 Checagem de informações

Fundamentando-se na perspectiva editorial própria, ao encarar fatos geradores de interesse público, o papel de um profissional da comunicação não se trata apenas de validar o fato/evento/acontecido e acompanhar desdobramentos conseguintes, mas sim, primordialmente, de explorar implicações, levantar antecedentes, investigar e interpretar o que foi apresentado (Lage, 2001). Nesse sentido, faz-se sempre necessário a checagem e a contextualização de tudo que é trazido em detrimento de aceitar passivamente os depoimentos das fontes, sem nenhuma investigação prévia e/ou posterior.

Durante um programa ao vivo, é ainda mais desafiador o comunicador ser capaz de se dedicar a esta tarefa, em tempo real, com a qualidade necessária; é por isso que o protagonismo atrelado à verificação pode ser ocupado por quem não está em foco — ou está em menos — durante as produções.

Referenciando novamente o código deontológico que permeia a profissão jornalística, podemos evocar o primeiro capítulo, que incide sobre o direito à informação (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007). Pelo fato de o acesso à comunicação de relevante interesse público ser um direito fundamental, o artigo segundo define que os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de vontade. O inciso dois deste mesmo artigo implica, respectivamente, que a produção, bem como a divulgação, da informação deve se encontrar sempre pautada na veracidade dos fatos, buscando o interesse coletivo. Ademais, o décimo segundo artigo do segundo capítulo trata do dever de buscar provas que fundamentem as informações de interesse público (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007).

Em "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), é possível observar a ausência de informações fundamentadas e dados estatísticos por parte dos apresentadores ao iniciar as discussões que seriam de interesse público e/ou fazer uma pergunta aos convidados, indicando uma lacuna de responsabilidade ao tratar de temas políticos sem o devido compromisso ou

respaldo. Com isso, no programa, o ato e a defesa de recorrer a dados para corroborar suas falas partem de uma das convidadas a qual, inclusive, é caçoada pelos demais por defender tal posição. Monark, mais precisamente, é quem questiona a veracidade de números resultantes de pesquisas e entra em debate com Tabata. Porém, o faz sem apresentar contraprovas, sem trazer outros dados, referências, argumentos sólidos e justificáveis de qualquer natureza para validar as indagações proferidas.

Tabata: Política pública tem que ser construída com base em evidência, tá aí uma frase enorme que provavelmente não rende muitos votos, mas... Que foi? [Kim]

Kim: Não, tô só olhando pro Monark, lembrando da Gabriela Priori falando com ele que ele não tem dados

Monark: É, eu não tenho dados.

Tabata: Eu achei isso lindo, rs. Eu adoro ela, mas enfim...

Kim: Cadê seus dados? [Tabata]

Tabata: Quando eu vou para um debate eu tenho meus dados...

Monark: Só que a gente não tava num *fucking* debate! [Sussurra]

Tabata: A minha visão de mundo é só minha e é muito distorcida. Eu posso realmente achar que uma coisa é verdade, e realmente achar que essa política pública vai fazer isso daqui. Se eu não testei, meu amigo, eu não sei, pode fazer isso daqui... [...] A gente joga muito dinheiro com política que não funciona, especialmente na educação.

Monark: Ó, concordo “pá” caralho, a gente tem que ter uma inteligência estratégica por todos os planos que a gente faz, tem que ter testes, mas a gente tem que tomar cuidado com esse negócio de dados, porque os dados são enganosos às vezes. Você tem dado, [...] uma foto de um cenário. Aonde que o fotógrafo tava mirando? Tudo isso importa, entendeu?

Tabata: Mas é a qualidade da ciência que é feita. Tem muito pseudociência. [...]

Monark: Não é nem questão de ser pseudociência. [...] Às vezes não colocaram, no estudo, um fator que era determinante. Por isso, ele chega numa conclusão que não é muito boa.

Tabata: Eu entendo mas, é por isso que existe a revisão dos pares, você não pode pegar um único estudo e achar que é verdade. [...] (Kim Kataguirí [...], 2022).

Em outro momento, anterior a este, também observa-se a posição de Igor 3K e Monark frente a um comentário pessoal, mas ao mesmo tempo informativo, do deputado Kim Kataguirí — ao revelar que uma personalidade antiga e conhecida no Japão foi irmão do homem de quem sua família descende — após ser instigado por uma fala provocativa [e xenófoba] de Monark.

No decorrer da conversa, observamos que os comunicadores não parecem acreditar na fala do político, fazendo, até mesmo, humor sobre o fato, como pode ser percebido na frase dita por Igor "Apesar de ser mentira, é legal." (Kim Kataguirí [...], 2022). No seguinte recorte, é possível perceber a ausência de “autocontrole” daqueles responsáveis por comandar a

entrevista (Medina 1986), bem como de “bom senso” e “sensibilidade” de quem deveria ditar o tom da conversa (Ferraretto, 2014).

Tabata: Esse era o discurso do Bolsonaro, era eleger ele e ia resolver tudo, né? Não é assim que funciona, enfim, meus dois centavos de idealismo para ver se eu te convenço. [Monark]

Kim: É, eu acho que tem um ponto assim sobre, primeiro sobre honestidade, né? Eu prefiro me suicidar do que dar essa vergonha para minha família.

Monark: Bem japonês mesmo.

Kim: De roubar, porque assim é uma mancha que fica para todos meus primos, meus tios, se eu tiver filhos, netos.

Monark: Mancha a história da sua família, né?

Kim: Exatamente.

Monark: Que eram espadachins “pikas” na época medieval do Japão.

Kim: É, Samurai. O sujeito Kataguiiri mais famoso é o Kataguiiri Katsumoto que era uma das sete lanças de Xizugatachi...

Tabata: Isso é sério?

Igor: Não, ele tá inventando... (Kim Kataguiiri [...], 2022).

A discussão se desenrola por mais um tempo, com os *hosts* não levando a sério a fala do entrevistado. Ao avançar da conversa, por meio do *chat* ao vivo, Kim percebe que a audiência do programa pesquisou sobre sua fala e confirmaram a veracidade da mesma; para avisar aos demais, ele diz: "Foram pesquisar e eu tô falando a verdade. Chupa!" (Kim Kataguiiri [...], 2022). Nota-se que o tom da referida fala se encontra em conformidade com a dinâmica de conversa proposta pelos entrevistadores do *podcast*, o qual, no entanto, não condiz com a posição política que o convidado ocupa — a de um deputado estadual. Ou seja, os modos de se agir e comportar tanto deste convidado em específico como de Monark e Igor 3K os colocam em um lugar deslocado do propósito ideal de um programa de entrevista (ou debate) de alcance nacional que recebe figuras públicas do ramo político.

De volta à resposta dada por Kim, implica-se, também, que não houve preocupação com a checagem de informações por parte dos apresentadores, por mais inusitados ou não críveis fossem os relatos dos convidados. Da mesma forma que em momentos pontuais, apenas, eram feitos questionamentos com o intuito de contextualizar ou detalhar uma ideia compartilhada e/ou duvidar de algo para se entender melhor o que foi falado pelos políticos. Então, a busca esporádica dos *hosts* para saber mais sobre os tópicos permeados vinham com o reforço e insistência de Kim ou Tabata sobre a importância do que estava sendo comentado, bem como ao se depararem com alguma informação incomum ou curiosa que despertassem interesse de um modo geral.

Nesse mesmo exemplo, ainda, é possível problematizar que o acompanhamento do *chat* ao vivo foi feito, inicialmente, pelo próprio convidado. Ao lançar mão da ferramenta de

interação com o público após mais de três horas e vinte e cinco minutos de programa — em um episódio de quase cinco horas de duração —, os apresentadores ignoram, por um tempo considerável, o outro integrante deste diálogo a três [nesse caso, a cinco]: os espectadores. Longe de uma figura coadjuvante, essa ‘terceira’ pessoa participa da troca comunicativa que decorre entre entrevistador-entrevistado, compreendendo uma relação marcada pela busca de conhecimento (Ferraretto, 2014).

Em um outro momento do episódio, Kim e Monark estão debatendo — e discordando — sobre a legalização do aborto. Tabata tenta interferir de modo pontual sinalizando que o debate, da forma em que decorria, não iria agregar em algo produtivo. Já Igor 3K entra no debate e compartilha sua opinião pessoal quanto ao tema; no entanto, não se preocupa em abordar sobre as políticas públicas de saúde que permeiam a temática, levantamentos que dizem respeito à realidade observada no Brasil e estudos que defendam uma determinada posição.

Igor: Pessoalmente sou contra o aborto, jamais sugeriria isso a uma companheira, eu acho. Não gosto da ideia, acho até escroto. Mas eu não sou o cara que me ponho no lugar, ou me proponho a decidir, definir como as pessoas devem agir dentro da sua, sei lá, do seu próprio corpo.

Monark: Mas você [Inaudível]. No sentido que se você considera o aborto uma vida, você é contra assassinato.

Igor: Cara, olha só. É diferente assassinar uma pessoa e abortar.

Monark: Por quê?

Igor: Porque quando vou assassinar você, você já é um ser pensante e tudo mais, é diferente.

Kim: Não, mas calma, aí tem uma discussão se o feto é um ser pensante ou não.

Igor: Vocês podem continuar debatendo a vontade... O meu ponto...

Monark: Não tem discussão nenhuma nisso.

Kim: Lógico que tem, Monark! Pelo amor de Deus...

Monark: Quando ele é um amontoado de células nos primeiros [Inaudível] ele não é um ser pensante.

Tabata: Eu realmente acho que a gente vai.. Que esse debate vai para algum lugar...

[...]

Monark: Ó, na minha visão, a gente deve liberar até o ponto do feto ser viável fora da mãe. E quando o feto não é um indivíduo...

Kim: Mas calma, aí cê foi além dos neurônios.

Monark: É?

Kim: É. [...]

Monark: Eu não sei qual que é a lógica que é. Eu não sou mulher, também não to no meu lugar de fala [Aponta para a Tabata, que dá um sorriso] nesse sentido. Mas eu acho que uma mulher não tem que ser obrigada a ter um filho que ela não quer ter.

Igor: Não acho que alguém tem que mandar na mulher para ela... Se ela vai ou não abortar... Eu não acho que deveria ter uma lei... (Kim Kataguirí [...], 2022).

Desempenhando a função de *host* do programa de *podcast*, ou seja, do comunicador à frente da produção, Igor e Monark deveriam ser os principais responsáveis por trazer à tona informações fundamentadas e de relevância ao público que os assiste ou ao menos se preocupar em buscá-las, seja interpelando os convidados seja acionando outros recursos à disposição — o que não pode ser observado no referido episódio.

Já em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), é possível perceber que a jornalista Semayat Oliveira é quem ocupa a função de apresentar e contextualizar informações que dialogam diretamente com a entrevista, somando às discussões decorridas, além de serem fundamentadas em pesquisas e fontes confiáveis (Karam, 2004). Após o desenrolar da conversa, próximo à metade do episódio, ela faz suas primeiras aparições — ainda de forma menos direta e incisiva, utilizando o verbo “achar” em suas falas.

Semayat: Eu acho que tem uma agressão que a gente precisa pontuar, que é a agressão antes de sair de casa. É uma pessoa, um jovem, que antes de sair de casa, já sente medo de ser abordado. Meu companheiro passa por isso, por exemplo. [...]

Da Cunha: Tô contigo e não abro. Sou preto, não nasci delegado não.

Semayat: Acho importante só trazer alguns dados de 2021, que foram publicados esse ano, né, pelo Fórum brasileiro de Segurança Pública, que em 2021 a gente teve 47.503 mortes violentas.

Da Cunha: Quantos pretinhos?

Semayat: Desses 47.000, 70% são negros das vítimas de homicídio e 84% [negros] das vítimas de mortes cometidas pela polícia.

Da Cunha: É, me coloco do lado de vocês. Saio desse lado da mesa aqui. [...] Eu nasci preto depois virei delegado.

Mano Brown: Mesmo porque o delegado tem que fazer o certo. [...] Agora não vamos também confundir e falar que fazer o certo é matar o branco igual.

Da Cunha: Nãaaaa, não tem que matar, tem que prender, cumprir a lei sem esculacho.

Semayat: Vocês estavam falando antes do efetivo policial, né? Números de 2020, também do Fórum brasileiro de Segurança Pública, mostrou que o efetivo preto é menor, que a maioria dos policiais são brancos.

Da Cunha: Uhum.

Semayat: Naquele período era 56,8% de brancos e 42% de negros.

Da Cunha: Agora deve estar meio a meio.

Semayat: Pode ser que seja, mas os policiais negros mesmo sendo minoria são os que mais morrem.

Da Cunha: Sem dúvida. A gente não pediu para vir naquele navio. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Em um momento posterior, a jornalista volta com mais informações verificáveis e, desta vez, pede diretamente ao entrevistado para manifestar sua opinião sobre. Ou seja, tudo que é trazido para a conversa não é aleatório e sim de caráter intencional — com perguntas

bem delimitadas (Rellstab 2022) —, a fim de contribuir para um melhor e mais aprofundado desenvolvimento da conversa, levando, em consequência, tais informações aos ouvintes.

Semayat: Vocês tavam falando agora, bom, do Congresso, da Câmara de Deputados. Em 2018 a gente tinha 14 deputados, ali, entre militares, bombeiros e policiais, e agora nessa eleição serão 44 representantes. Conhecida aí como a bancada da bala, não é?

Da Cunha: Bancada da bala.

Semayat: Você concorda com os projetos que estão, né...? O que você acha que influi essa presença...? Influencia de forma positiva ou negativa na Câmara?

Da Cunha: Então, é, assim, a questão da bancada da bala... [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Mesmo que Semayat não apareça ela mesma interpelando o convidado, suas intervenções jornalísticas ao longo da entrevista contribuem para uma melhor atuação de Brown. Uma observação válida é que, para fazer isto, a jornalista não deixa de adotar expressões coloquiais que se encaixam na linha editorial do programa, tal como “Né”. Desse modo, ela acaba por adotar valores típicos do campo de entretenimento — a leveza de uma conversa — e do jornalismo — perguntas perspicazes que podem vir a incomodar o entrevistado (Leal; Tassis; Manna, 2023).

No trecho a seguir, vemos como Brown, a partir das informações levantadas pela companheira de profissão, assume o papel de instigar Da Cunha sobre determinado assunto já em voga na conversa.

Mano Brown: Agora lembrei o que eu ia falar.

Da Cunha: Manda, brô.

Mano Brown: Esse plano dos cara de tirar a câmera dos policiais, de não filmar mais, ele tá em trâmite?

Semayat: Então, na verdade, hoje existe, né, essa presença das câmeras, não é todo o efetivo, pelo menos falando por São Paulo. [...] Tarcísio, que é o governador eleito em São Paulo, defende a retirada das câmeras, né, ele foi eleito com esse argumento. Aí foi muito, é, questionado porque houve uma queda, né, do número de violência, de mortes, após a inclusão das câmeras.

Mano Brown: Essa pressão de tirar a câmera parte de quem?

Da Cunha: Então, as câmeras dos policiais brasileiros são câmeras *full*, elas não desligam nunca, tá? Então, eu me permito fazer parte desse sistema, porque as câmeras da polícia surgiram depois que apareceu um negão filmando tudo, com câmera no ombro. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Típico da curiosidade aguçada de um jornalista, o *host*, interessado pelo assunto, tenta saber mais e ir à fundo no que está sendo falado ao perguntar para o entrevistado sobre os atores sociais por trás de uma decisão política. Tal atitude revela o compromisso com a

informação perante a audiência, bem como a consideração para com seu público-alvo, uma vez que o tema abordado, mais precisamente, a decisão que está sendo debatida afeta, por vezes diretamente, a vida das pessoas que consomem o programa de *podcast* comandado por Brown. Dessa forma, o entrevistador se preocupa em fazer questionamentos condizentes com o interesse público, expondo as “verdades” aos espectadores (Kucinski, 2002).

Agora, retomamos o capítulo dois referente ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que trata da conduta profissional esperada de quem atua no âmbito da comunicação social. O inciso três do artigo sete manifesta que o jornalista não pode “impedir a manifestação de opiniões divergentes ou o livre debate de idéias” (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007, p. 2), uma vez que a situação poderia aludir a preferência em expor determinadas informações ao público em detrimento de outras, impedindo a pluralidade dialógica garantida.

Nessa linha de análise, Brown defende sempre a busca pelo diálogo (Medina, 1986) em suas conversas no "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), até mesmo partindo de críticas proferidas dos internautas sobre a presença de Da Cunha, uma personalidade polêmica e atuante na polícia, em um programa com ele, rapper e crítico do ‘sistema’. Ao final da entrevista, o *host* remete diretamente a seu interlocutor, mostrando se preocupar em fazer uma abordagem que coloque em prática sua intenção com este episódio, pensando em interpretações possíveis de serem feitas sobre a conversa decorrida.

Mano Brown: Hoje, tudo parece ser lacração. “Brown vai chamar o Da Cunha e ele vai falar um montão, o Da Cunha vai ouvir”. “O Da Cunha vai falar um montão, vai pôr o Brown no lugar dele”. Pera aí, primeiramente tem que buscar o melhor diálogo.

Da Cunha: Debate, ideia.

Mano Brown: Não uma ideia suja.

Da Cunha: É, limpo.

Mano Brown: O melhor diálogo, a utilidade. Você é um deputado federal eleito, é uma realidade. Não é uma promessa. Já tá atuante. Eu também tô atuante.

Da Cunha: “Pá” caralho. Tô muito orgulhoso, “tô” vendo seu trabalho...

Mano Brown: Você veio de Santos, através do esporte, depois exército, polícia e agora na política. Eu sempre na música, agora tô aqui no podcast. [...] A avalanche de críticas a gente já sabe que sempre vai ter.

Da Cunha: Sim, sempre.

Mano Brown: Agora, tem uma coisa que me incomodou que é quando alguém, é, desconfia que a gente é covarde, isso me incomoda demais, porque as redes sociais elas são, é, um mal necessário. Que que eu vi na rede social “Ah, o Brown só leva lá gente que pensa igual a ele”. Eu falei “É ‘memo’? Tá bom. Vamos ver se o Da Cunha pensa igualzinho eu”, né. Não que foi eu que decidi, tá? A decisão foi em grupo, seu nome sempre esteve, né.

Semayat: Sim.

Da Cunha: Uma honra. Uma honra, cara.

Mano Brown: Pela representatividade, até nos números na internet e na relevância entre o pessoal que a gente convive, certo? Eu espero ter feito uma abordagem diferente, tirado questões que você não tenha falado ainda e fazer com que as pessoas que não te conhece, ou não me conhece, tire proveito duma ideia. Eu prefiro entender que você vai ser um político que vai lutar pelos mais fraco, da forma que eu vejo você falando, certo? Não interessa se você é policial, eu não sou, e cada um no seu cada um, certo? Muitas vezes eu critiquei a polícia. Com raiva de verdade, não raiva importada nem pirata, tá? Raiva de verdade.

Da Cunha: Do fundo do coração...

Mano Brown: Do fundo do meu coração, eu fiz aquela rima do raça do caralho. Tem que respeitar meu ódio. Não foi para me criar em cima de ninguém não. É bom que todos eles saibam disso. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

No trecho acima, Brown termina compartilhando sua vivência pessoal, algo comum de ser trazido por ele ao longo do debate, bem como sua opinião de forma vigorosa sobre os temas abordados — as quais são igualmente assimiladas pelos ouvintes (Ferraretto, 2014). Porém, essas características, em boa parte dos momentos, não impedem a troca de informações e pontos de vista diferentes para com Da Cunha, o qual recebe espaço para expor seu viés e questionar o do outro, conforme julgar necessário. No seguinte excerto, as perguntas feitas por ambos se revelam como instrumentos para “olhar o mundo e ouvir o outro” (Caputo, 2006, p. 21).

Mano Brown: Eu vi você falando assim: “Não é a cor que determina o suspeito, eu acho até que a marca de roupa”. Aí eu falei “Opa, aí tem uma falha”. Você continua pensando isso? Que marca de roupa determina se o cara é código de vagabundo ou não?

Da Cunha: Cara, eu vou ser bem prático, a cor é extremamente determinante. [...]

Mano Brown: Tem muito moleque branco no crime, pra caralho, essa é uma verdade que tem que ser falada.

Da Cunha: Tem, mas... [...]

Mano Brown: A gente ‘tá’ em São Paulo, para começar, que é um estado de colonização européia em massa. Como não tem ladrão branco, criminoso branco? Na verdade, os grandes crimes sempre foram cometidos por brancos, que dão estrutura para todos os outros, os menores e médios crimes.

Da Cunha: Entendo você. ‘Tá’ certo, ‘tá’ certo, concordo.

Mano Brown: [...] Então, toda a revolta do Mano Brown, do rap, do Racionais, é em cima dessas ideias. Do racismo...

Da Cunha: Do estrutural!

Mano Brown: ... do desrespeito e da vingança pessoal, não só estrutural.

Da Cunha: Vingança do que Brown? Deixa eu te perguntar... (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Em uma troca dialógica, não se faz necessário concordar integral e mutuamente acerca de tudo que o interlocutor fala, é preciso superar as percepções pré concebidas em nossas bagagens culturais (Ferraretto, 2014). Assim, um terceiro recorte nos propõe uma reflexão sobre a atuação do rapper, que, em certo momento, afasta-se do ideal de diálogo defendido por ele mesmo ao expor seu ponto de vista perante certo assunto e não dar a devida abertura para a opinião de Da Cunha.

Mano Brown: Você elegeu o crime organizado como sua meta de trabalho. É... Eu, particularmente, não acho que o crime organizado é o grande problema da segurança pública. Mas essa é uma percepção minha, você não precisa falar sobre isso, 'tá'?

Da Cunha: Tranquilo.

Mano Brown: Eu acho que acontece muito mais crimes aos sábados e domingos, quando os trabalhadores estão na rua.

Da Cunha: Sim.

Mano Brown: É quando a disciplina vai 'pro' saco.

Da Cunha: Tô contigo.

Mano Brown: É na pista que acontece.

Da Cunha: O sem controle... [Inaudível]

Mano Brown: Não é... Não é dentro da favela.

Da Cunha: Entendi, entendi.

Mano Brown: Você não precisa fazer apologia nem nada.

Da Cunha: Não, não, entendi a caminhada. Tranquilo.

Mano Brown: Certo? Então o que acontece... [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Na conversa acima, observamos o respeito entre ambos, porém acionamos, mais uma vez, a suposição de que, frente à figura que Mano Brown representa socialmente para o público-alvo do programa (população preta e periférica, em sua maioria), um convidado que, a priori, pensa diferente deste meio, de um modo geral, poderia se sentir acuado. Logo, Da Cunha pode sinalizar concordar com o artista justamente por estar em um ambiente [literal e figuradamente] em que o *host* é referência — o mesmo pode acontecer com profissionais que atuam na imprensa, por exemplo; todavia, o ideal é que os jornalistas ouçam as fontes, primeiramente, em vez de impor suas concepções pessoais e prévias à conversa (Ferraretto, 2014).

Observando os recortes que foram trazidos até então, conseguimos perceber a congruência (ou até mesmo a falta dela) entre os entrevistadores, os assuntos discutidos nos programas e os entrevistados. Nesse sentido, é possível abordar mais profundamente a preparação prévia de quem está à frente da comunicação, a qual analisamos na terceira subseção, logo abaixo.

5.2.3 Preparação prévia

A pauta, aliada às técnicas de redação e procedimentos da imprensa gráfica, foi introduzida no jornalismo a partir da década de 1970 e, em razão de sua aplicabilidade e eficácia, permanece até hoje em dia norteando as produções jornalísticas. Segundo Lage (2001), o documento costuma valer-se de alguns tópicos primordiais, tais como: temática principal; fato gerador de interesse; contexto em que se insere; linha editorial do canal emissor; dados e informações de apoio; dimensão esperada do conteúdo; sugestão de fontes; entre outros.

Em suma, escrever e pensar pautas antes de produzir um material comunicativo garante a intencionalidade em torno daquilo que se publica — seja por considerar assuntos e temas e de relevância ou interesse comum em dado momento, seja por fundamentar-se em planejamento [do que vai ser feito], organização [a cada etapa] e otimização [de tempo] (Lage, 2001). Na prática, é possível observar se houve uma preparação prévia na criação dos produtos analisados nesta pesquisa.

Logo no início do episódio em "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), Monark demonstra saber quem são os convidados que compõem a mesa redonda do programa e evoca a participação deles a partir de sua observação, porém a apresentação feita pelo *host* não acontece de forma profunda e interessante, considerando as funções que desempenham socialmente. Tal superficialidade deixa a desejar frente ao que defende Caputo (2006) sobre a importância de informar-se devidamente acerca da pessoa entrevistada, com a ausência de dados e/ou descrição relevante dos participantes, por exemplo.

Monark: Mas falando nesse ponto de discordância, [...] eu vejo vocês e eu não acho que vocês são tão diferentes assim um do outro na questão política da coisa, entendeu? Eu acho que tem muitos pensamentos de vocês que são o mesmo, eu não vejo uma diferença muito grande na ideia política dos dois. Onde vocês acham que vocês se diferem mais? (Kim Kataguirí [...], 2022).

Anteriormente a este momento, Igor 3K é quem faz a abertura do episódio. Após seis minutos e 30 segundos com a tela de espera para a transmissão ao vivo, ele cumprimenta a audiência, fala o nome dos demais presentes na mesa e, apenas depois das interações informais — marcadas por piadas e risadas — entre todos, contextualiza e agradece devidamente a presença dos convidados da vez. Antes mesmo de haver qualquer apresentação da linha temática a ser trabalhada no episódio, outro assunto aleatório surge em pauta, antecedendo a sessão de publicidade do episódio.

Igor: Salve, salve, família, bem-vindos a mais um Flow! Eu sou o Igor, aqui do meu lado tem o Monarkão.

Monark: E aí?!

Igor: E hoje tem a Tabata e o *phantom*⁹ Kim.

Monark: *Phantom* Kim que foi lá pegar sua mochilinha.

Tabata: Aê, voltou.

Kim: Olá.

Igor: Deputados federais... Muito obrigado pela presença de vocês aqui. Foram muito, é, amigáveis, eu diria, assim.

Monark: É...

Kim: O prazer é todo seu.

[...]

Igor: Eu gosto desse japonês cara, o problema é que ele é deputado.

Kim: Absurdo! Minha única qualidade é essa.

Monark: Ixi, aí você tem um problema. [Rindo]

Igor: Falo bem de você para todo mundo. Hoje o Dan Stulbach tava lá embaixo, tava falando bem de você para ele.

Kim: Quem é Dan Stulbach?

Igor: É o cara da raquete.

Tabata: Não, é... É um grande ator brasileiro que ficou conhecido por desempenhar um papel. Lembra?

Igor: Que ele batia na mulher.

Kim: Ah... eu lembro! Eu era criança. Novela na Globo, né?! (Kim Kataguiiri [...], 2022).

Na sequência, há uma troca de presentes entre os *hosts* e os participantes convidados com produtos das marcas patrocinadoras do programa e livros escritos pelos políticos. Ou seja, não foi observada formalidade ou profissionalismo na iniciação do episódio, visto que a publicidade de uma outra marca também foi feita após a interação citada acima. Ademais, é válida a observação de que a zoeira e caçoagem com o Kim — tratadas diretamente na primeira categoria de análise desta pesquisa — apresentam-se desde os minutos iniciais da edição.

Um ponto positivo, no entanto, é que frente ao interesse genuíno de Kim pela última publicidade feita, Igor 3K puxou gancho para uma pergunta cuja resposta agrega positivamente ao interesse público: “Dá para um deputado ser patrocinado assim numa boa. Não dá né?” (Kim Kataguiiri [...], 2022). Ambos os convidados sinalizam que não é permitido, e Tabata já comenta de uma lei que permite um valor máximo para se presentear figuras políticas, que seria de R\$100,00 (Kim Kataguiiri [...], 2022). A partir daí, iniciou o debate em torno da política e sociedade brasileira.

Em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), por sua vez, durante o primeiro um minuto e três segundos, há o compilado de cortes com trechos recortados da edição

⁹ Em tradução livre do inglês “fantasma”.

completa, tal como em um *teaser*¹⁰; de pronto, fica evidente que durante o episódio será abordada a temática racial, bem como policial, contando com depoimentos pessoais do *host* e do convidado. Após a vinheta de abertura, Brown cumprimenta sua audiência, acionando o slogan do programa; anuncia e agradece a jornalista Semayat Oliveira pela presença; e posteriormente contextualiza o convidado que participa da entrevista em questão. Diferentemente do que pode ser observado no Flow (Kim Kataguirí [...], 2022), no *audiocast* há uma preocupação em entregar algo de qualidade a ser consumido pelos espectadores; para além do conteúdo, há cautela e diretriz na edição do que material gravado.

Da Cunha: Cresci ouvindo suas músicas e minha mãe me pegando pela mão dentro do supermercado e falando: “Ó, não fica perto dos chocolates não, senão vão achar que você vai roubar, porque você é preto”.

BIP

Da Cunha: Se o moleque passa o dia escrevendo proibidão, falando que ele quer matar polícia, algum motivo ele teve.

BIP

Brown: Você também tem problema na justiça?

Da Cunha: Tenho. Claro...

BIP

Brown: Você concorda que é desigual, né, o que o moleque ganha pra tramar na boca do que ele ganha pra tramar de motoboy?!

Da Cunha: Total.

BIP

Da Cunha: “Ô sistema, quantos delegados filmaram, porque só eu que fui perseguido?” O que eu faço tem 20 cara fazendo. Por que que o alvoroço foi pro preto?

BIP

Da Cunha: Cresci ouvindo uma música que falava que você tem que ser 10x melhor para ser igual.

BIP

Mano Brown: Então, toda a revolta do Mano Brown, do rap, do Racionais, é em cima dessas ideias. Do racismo...

Da Cunha: Do estrutural!

Mano Brown: ... do desrespeito e da vingança pessoal, não só estrutural.

BIP

Brown: Eu nem sonhava fazer letra de Rap, ser famoso, ser nada. Eu tinha 12 ‘ano’, morava numa favela e eu já não gostava da polícia.

Da Cunha: Foda, Brown.

Brown: Não me ensinaram. E ali eu entendi que eu não era uma criança normal. Era uma criança de favela. É ‘ota’ coisa.

VINHETA

Mano Brown: Salve, Rapa! Salve, massa! Chegou quinta-feira e esse é o *podcast* Mano a Mano Spotify. Estamos aqui, Semayat Oliveira, muito obrigado mais uma vez.

¹⁰ No contexto, a palavra diz respeito a um conteúdo de curta duração que pretende chamar a atenção ou despertar curiosidade do público para determinado produto/material posterior; neste caso, para o próprio episódio em questão.

Semayat: Tamo junto, Brown.

Mano Brown: Fundamental. Pela ala esquerda. Programa hoje importante, de utilidade pública e também polêmico. Certo? Para quem diz que a gente só sabe jogar em casa e com gente que pensa igual a gente. Vai segurando: esse cara é lutador de judô, hoje ele é deputado federal eleito pela cidade de São Paulo no Partido Progressista. Ele diz que é um partido de centro, eu achava que era de direita. Ele é um lutador de judô e participou da seleção brasileira de judô, certo? Alto nível. Delegado da polícia civil. Digital influencer. Polêmico. E seguido por muitas pessoas. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Considerando, agora, o planejamento prévio, na produção comandada por Brown, Semayat desempenha com maestria o papel jornalístico. Em um dos momentos exemplos, ela referencia episódios anteriores do programa, até mesmo retomando uma das perguntas feitas a outros convidados, além de sugerir um outro tópico para ser abordado pelo convidado, a partir de dados estatísticos. Conforme já percebido em outros exemplos, Da Cunha a responde diretamente, sem intermediação do *host*, embora a própria jornalista costume acionar Brown ao intervir na conversa.

Semayat: Tem dois pontos que eu vou trazer aqui, Brown. Um deles é que no primeiro episódio que a gente abordou segurança pública, a gente trouxe dois jornalistas especialistas na época, muito bons. [...] Teve uma pergunta que você fez que acho que o Da Cunha pode especificar melhor, que é: “Quais são os direitos de uma cidadã e de um cidadão na hora da abordagem, tanto antes, quanto depois?”

Da Cunha: Top, adorei!

Semayat: E acho que depois dá para abordar um pouquinho a situação dos policiais como trabalhadores, quais são as principais reclamações, salários... A gente ouviu muito, né, Brown, que tem uma taxa de suicídio que eu também pesquisei...

Da Cunha: Altíssima.

Semayat: Entre 2023 e 2021, 166 policiais, entre militares e civis, mas a maioria de militares, se suicidaram. Então, bom, foi muita coisa, mas para começar quais esses direitos na hora da abordagem?

Da Cunha: [...] O cidadão tem o direito de saber quem tá abordando, o motivo da abordagem. “Você está sendo abordado pela polícia militar, o motivo é que houve um carro roubado aqui nas mediações na cor tal, e essa abordagem é para sua segurança. Preciso que você me entregue seu documento, coopere. Existe arma ou droga no carro?”. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

No decorrer do episódio, a jornalista entra em jogo novamente; em um desses momentos, ela faz uma indagação à fonte a respeito de acusações criminais contra Da Cunha, contextualizando com a própria fala dele no início do programa, o que, além de indicar a escuta ativa (Caputo, 2006) para com o que é falado pelo entrevistado, pressupõe

uma apuração prévia. Novamente, destacamos que, em suas participações, percebe-se certa informalidade no desenrolar das palavras e usos de expressões orais, embora a boa dicção seja nítida e o tom de voz formal.

Semayat: Acho que Brown, proponho aqui que a gente entre um pouco nessa área de como quem investiga polícia né, [...] acho que é importante trazer uma questão, aproveitar sua presença aqui [Da Cunha]. A gente conversou sobre isso antes que você, do ano passado para esse, foi indiciado, né, pela Corregedoria da Polícia Civil, por improbidade administrativa, lavagem de dinheiro... E a gente queria ouvir, porque [...] brevemente você trouxe a questão da perseguição, mas essa é o único ponto para você: “a perseguição” Como você responde a isso?

Da Cunha: Tá então, em relação aos procedimentos, né? É, eu fui processado por lavagem de dinheiro com empréstimo na folha de pagamento, dois empréstimos consignados, né. Eu não tenho nenhum patrimônio, não tenho nenhum apartamento próprio, não tenho nenhum carro próprio. Não tenho. Mas eu tenho um filho estudando nos Estados Unidos e meus filhos estudando nas melhores escolas. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Ainda em Lage (2001), adentrando na essência do jornalismo como exemplo de comunicação social, nota-se a observação atenta da realidade — e de suas singularidades — aliada à criteriosidade técnica e teórica. Ou seja, planejar é sim algo vantajoso e indicado para quem realiza uma entrevista, entretanto, não se faz necessariamente benéfico e profissional seguir à risca o que foi pensando anteriormente; é “preciso deixar margem à improvisação” (Lage, 2001, p. 19).

Planejar não significa, porém, ensaiar a entrevista antes de levá-la ao ar, ou dar conhecimento prévio ao entrevistado do que lhe vai ser exatamente perguntado. Caso isso aconteça, corre-se o risco de toda a conversa parecer ao ouvinte um arranjo publicitário ou um conluio político (Lage, 2001, p. 39).

Nesse sentido, observamos os seguintes trechos exemplos, em que são relacionados assuntos de fora com a conversa ao vivo, mostrando certo conhecimento, estar por dentro do assunto. A priori, em "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), Igor 3K é quem assume essa tarefa de realizar correlações entre o que está sendo debatido dentro do programa e o que está acontecendo no mundo real, “lá fora”. Neste primeiro exemplo, distinto do que pôde ser observado em boa parte do episódio, ele apresenta sua opinião para debater com os demais, evocando sua percepção sobre o cenário político brasileiro vigente. Porém, o *host* entrega um vocabulário pouco vasto e diverso, ao acionar praticamente um único adjetivo durante toda sua fala.

Kim: É tão bizarro o governo Bolsonaro, que ele tá entregando uma popularidade que o Lula não teve nem no governo.

Monark: É verdade.

Igor: Isso é muito bizarro, porque tudo no Bolsonaro é um pouco bizarro, mas isso daí é particularmente bizarro porque toda a plataforma política do Bolsonaro é anti PT e ele assim, ele entregou já, na verdade, o Brasil na mão do PT. [...] Tudo que ele enchia o saco que o PT fazia, ele fez também, né? Esse lance de, para mim, o principal sintoma disso é como ele entregou os cargos dos ministérios, cara. Porque assim, ele entrou com aquela promessa do ministério técnico e porra, primeira discordância ele manda embora o ministro da saúde...

Monark: Vários ministros...

Tabata: Vários...

Kim: Mandou o ministro da saúde embora no meio da pandemia.

Igor: Sim, o que é muito bizarro. Então assim, tem um componente aí do governo do Bolsonaro que ele é especialmente bizarro porque ele tá, eu não sei, parece que ele reacendeu a chama do Lulismo, de certa forma.

Kim: Sim, sim, eu concordo.

Tabata: Mas sabe uma coisa que, eu acho que é pior que a questão dos ministérios, e que o povo fala pouco: orçamento secreto.[...] (Kim Kataguiiri [...], 2022).

Em outro momento do episódio, ambos os convidados estão discutindo a respeito da política de cotas no país, discordando entre si. Os entrevistadores adentram ao debate, mas, enquanto Monark expressa sua opinião sem argumentação fundada — ou seja, não compreende uma verdade verificável (Karam, 2004) —, Igor, de forma sucinta, mostra que sabe de algo para além do que foi apresentado até então na conversa, enriquecendo a discussão.

Monark: Para mim, a cota não é o que resolve, realmente, nada.

Kim: Para mim, o problema da cota é que é um remendo e a gente tá num país de remendos que fica sempre buscando a solução de curto prazo...

Tabata: Não resolve a base, mas por que que você vai ser contra...

Igor: Não, mas ó, a cota...

Tabata: Aumenta o rendimento da universidade, inclui aluno negro, inclui aluno pobre, é um remendo que funciona bem para caramba, então, ao que se propõe!

Kim: É, inclui dentre os alunos pobres, os alunos menos pobres do ensino público.

Igor: Mas a política de cotas tá para ser debatida novamente esse ano.

Kim: Tá.

Tabata: Exatamente. E é por isso que eu fiz questão de responder, porque esse debate vai acontecer na sociedade inteira. (Kim Kataguiiri [...], 2022).

Em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), por sua vez, nos momentos em que Brown se encontra expondo sua opinião e vivência sobre os assuntos debatidos com Da

Cunha, também se mostra preparado quanto a conhecimentos culturais, sociais e históricos do mundo em que vive para, não somente fundamentar seus pensamentos, mas também agregar à conversa — revelando como as mediações não são neutras (Leal; Tassis; Manna, 2023). O trecho a seguir, por exemplo, também trata da política presidencial do Brasil na época, mais precisamente, do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Mano Brown: Imagina São Paulo, só para terminar.

Da Cunha: Manda.

Mano Brown: Com essa propaganda que o último Presidente fez vender arma pro cidadão. Ao mesmo tempo que também é vendida bebida, é vendido todo o resto do do combo. Da bomba. Continua vendendo carros, bebidas alcoólicas e armas, agora.

Da Cunha: Tudo.

Mano Brown: [...] O último Presidente fez uma campanha maciça para vender arma, porque ele acha que o povo armado não será escravizado. Eu pensei que esse slogan era nosso, do escravizado. Bolsonaro foi escravizado quando? Ele é italiano com alemão, parece. Então quer dizer, quando ele fala isso para uma massa negra, cabe que nem uma luva. [...] Imagina se não tivesse um salve, para contar até dez antes de dar um tiro, quantas vidas não economizou. [...] Eu sou da época que tudo era resolvido na bala, não tinha ideia. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Em relação ao planejamento prévio, é possível perceber um despreparo nos *hosts* do "Flow Podcast" (Kim Kataguri [...], 2022). A crítica não necessariamente remete em torno do processo de apuração, mas sim do modo de apresentação e exposição de ideias para a audiência — o qual deve caminhar em busca da precisão e acessibilidade (Leal; Tassis; Manna, 2023) —, bem como para os próprios convidados que comentam sobre esta problemática diretamente com Monark.

Igor 3K, por exemplo, age como se estivesse apático ou alheio à conversa, embora esteja sempre observando os demais falarem — a atuação do host se aproxima da construção passiva definida por Caputo (2006), a qual deixa de lado a interpelação e investigação primordiais ao ato de entrevistar, mesmo em outros formatos como em uma mesa redonda. Embora tenha feito a abertura e finalização do episódio, são poucas as situações em que Igor voluntariamente adentra à conversa, geralmente Tabata o convoca e/ou quando tem uma opinião muito expressiva e precisa reagir — tal como quando a discussão novamente volta em torno de Monark ser ou não uma pessoa burra, algo que já foi discorrido anteriormente.

Kim: O grande problema é que estar ao seu lado parece uma posição muito burra, porque muitas vezes você coloca as suas posições de uma maneira que não é a mais favorável para a posição que você defende.

Monark: É verdade, isso é verdade. Eu sou um culpado nesse sentido.

Kim: [...] Isso faz com que as pessoas que estejam ao seu lado parece [...] em uma posição extremamente desfavorável...

Monark: Burra! Eh, socialmente...

Kim: Estrategicamente, socialmente e democraticamente. [...]

Tabata: Eu ainda acho que você...

Igor: Ah, de novo! (Kim Kataguiiri [...], 2022).

Destarte, tal como salientado ao final da primeira categoria — Compromisso Social —, a progressão de ideias e subtemas discutidos em profundidade não se faz uma característica notável no produto "Flow Podcast" (Kim Kataguiiri [...], 2022), uma vez que as respostas dos mediadores costumam não buscar o entendimento pleno ou almejar o aprendizado do que está sendo falado em vez de instigar os convidados a responderem algo que faça sentido e agregue conhecimento ao público (Kucinski 2002).

Com exceção da primeira pergunta feita por Monark, apresentada neste subtópico da análise, não foi levantado nenhum outro questionamento que se aproxime minimamente do ideal amparado nesta monografia. Depreende-se que a conversa costuma decorrer em caráter informal e coloquial, algo distante do esperado em uma produção que permeia a comunicação social, sendo que, muitas vezes, a deputada Tabata Amaral é quem evoca a atenção dos demais para trazer e/ou concluir algum tema importante e de interesse coletivo, conforme já salientado neste capítulo.

A exemplo, em dado momento, um internauta faz uma pergunta para o deputado Kim, por meio do chat ao vivo, e uma discussão é fomentada em torno do seguinte questionamento: “Regimes marxistas, no século 20, foram os responsáveis pelos maiores crimes de genocídio e crimes contra a humanidade, toda a história. Qual é a dificuldade dos liberais democratas em expor a essência de hipocrisia, terror e manipulação da esquerda?” (Kim Kataguiiri [...], 2022). No decorrer da conversa, Tabata escuta calada, mas decide intervir — essa função, no entanto, deveria ser de quem está à frente do programa, preocupando-se em dar espaço para os convidados falarem e/ou até mesmo pontuar informações pertinentes e trazer argumentos sólidos a respeito.

Tabata: Eu ouvi tudo isso, mas... Gente eu preciso falar duas coisas aqui urgentemente, rapidão. [...] O que diferencia direita e esquerda, classicamente, é que a esquerda “tá” preocupada em reduzir a desigualdade e talvez a direita esteja mais preocupada com liberdades e definições disso. Tem um debate honesto aí: igualdade e liberdade são dois conceitos. [...] Agora, esse comentário foi extremamente esdrúxulo, o Stalinismo “tá” para esquerda, como o Nazismo “tá” para direita. Na hora que ele iguala Stalinismo à visão de esquerda, é quem vira para quem votou no Bolsonaro e chama de Facista. Vocês concordam com isso? (Kim Kataguiiri [...], 2022).

“Mano a Mano” (Delegado Da Cunha [...], 2023), por sua vez, caracteriza-se por trazer os conteúdos de forma lógica e sequencial, do começo ao final da produção, em detrimento do ir e vir sem sentido ou ordenação aparente (Rellstab, 2022), o que nos indica a presença de uma pauta prévia, de uma preparação por parte dos realizadores. O diferencial atrela-se notadamente à presença de uma profissional jornalista, a qual lança mão de dados e informações pertinentes — mostrando-se por dentro das atualidades políticas — para interpelar o entrevistado, bem como aprofundar a discussão sobre um tema relevante tanto à proposta do programa quanto aos espectadores.

No início desta categoria, por exemplo, elucidamos o momento em que ela referencia um outro episódio já publicado — o qual tratou de temas semelhantes aos debatidos com Da Cunha —, retomando uma pergunta já feita a outro convidado, alimentando a discussão. Percebe-se, também, a mescla de variados tipos de perguntas, como as abertas e fechadas, as quais são adotadas a depender do andamento da entrevista. Abaixo, retomamos o referido excerto com a fala da jornalista.

Semayat: Tem dois pontos que eu vou trazer aqui, Brown. Um deles é que no primeiro episódio que a gente abordou segurança pública, a gente trouxe dois jornalistas especialistas na época, muito bons. [...] Teve uma pergunta que você fez que acho que o Da Cunha pode especificar melhor, que é: “Quais são os direitos de uma cidadã e de um cidadão na hora da abordagem, tanto antes, quanto depois?” (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Outrossim, focalizando sobre a prática de entrevistar, Lage (2001) nos elucidava com mais uma percepção — a de é um equívoco considerar que somente a preparação prévia do ato seja suficiente para assegurar o desempenho do entrevistado e, por conseguinte, uma boa entrevista; esse processo depende muito do modo como é conduzido. E é sobre este tema que tratamos na última categoria.

5.2.4 Conduta mediadora

Partindo do princípio de que o êxito de uma pauta de entrevista depende essencialmente de quem a executa — e que costumeiramente quem a escreve não é o mesmo profissional que a coloca em prática —, entende-se que não basta seguir um roteiro pensado por outrem, independentemente do quão capacitada e qualificada essa pessoa for; é preciso ir além. Na prática, isso implica lançar mão da imaginação para criar analogias e correlações;

pensar *insights* com base nos dados e indicações contidos na pauta; e se atentar ao que a fonte traz de novo a fim de descobrir aspectos que poderiam, inicialmente, passar despercebidos (Lage, 2001).

Nesse sentido, observamos que os hosts do "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), em alguns momentos, agiram para com a deputada Tabata de uma forma desrespeitosa e não profissional, uma vez que seriam os responsáveis por mediar o debate, mas se perdiam em risadas, brincadeiras e desconcentração enquanto a convidada tentava sempre dar um jeito de tratar dos assuntos relevantes [para ela] que permearam a conversa no programa. Percebe-se, diversas vezes, a própria entrevistada chamando a atenção dos demais para poder concluir seu pensamento.

Tabata: É interessante deixar isso claro, assim. Tem um debate individual, [...] mas isso leva a um dilema para a política pública. Que é o seguinte: a gente não sabe determinar quando a vida começa e talvez a gente nunca tenha a finalização desse...

Monark: Eu discordo desse ponto...

Tabata: Não, mas só para finalizar, é rapidão.

Monark: Não, entendo, mas é que...

Tabata: Não, é para finalizar, Monark, rapidão.

Monark: Mas a discussão não é só finalizar, a discussão é...

Tabata: Eu só quero terminar o que eu tô falando, não quero encerrar o debate.

Monark: Tá.

Tabata: Meu único ponto é que vocês tão nesse debate meio interminável de onde a vida começa, não sei o que lá. [...] Aí eu trago uma terceira variável que complica tudo. [...] Então, qual é... Meu, deixa eu terminar de falar rapidão.

Monark: Eu não falei nada. Eu só tô fazendo caras...

Tabata: Tá me desconcentrando... Então, [...] precisamos ter esse debate, por mais que ele me doa, por mais que não acho um debate simples, nós precisamos ter esse debate enquanto sociedade. [...] As pessoas... Bem rapidão...

Igor: Não, não, não, não...

Tabata: Não querem falar sobre isso...

Igor: Eu quero esperar você acabar.

Tabata: É aí acho que a minha... Mas eu me desconcentro! Tá eu vou terminar aqui... (Kim Kataguirí [...], 2022).

No trecho acima, nota-se que os hosts do programa assumiram a posição de antagonistas na conversa, algo que não necessariamente caberia nas atribuições de um mediador comunicativo (Azeredo, 2018). Espera-se que um profissional exercendo tal função traga dados para questionar aquilo que é falado ou até mesmo outras pessoas com pensamentos distintos para contrapor um convidado, e não a antipatia ou dissenso para com a fonte (Ferrareto, 2014).

No próximo exemplo pinçado para elucidar tal questão problemática, o mesmo dilema se repete: a dispersão se sobressai à pauta de relevância. Desta vez, quando a deputada consegue falar sem ser interrompida, Monark aproveita para ir ao banheiro, enquanto Igor permanece quieto, ouvindo. Não obstante, antes disso, a própria Tabata entra na brincadeira e conversa na mesma linguagem que os demais — isto posto, é válido pontuar que a convidada parece ser a única, dentre os componentes da mesa redonda, que sabe equilibrar diversão e informação (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Tabata: Vou dar um exemplo: eu sou autora de um projeto que é, minha paixão assim, o Kim pode assumir a presidência um dia e me ajudar a aprovar o requerimento de urgência...

Monark: O sonho do Kim, inclusive, é ser o presidente da Câmara.

Kim: É, o dia que eu for presidente da...

Tabata: Aí não vai, [Inaudível]. Tô brincando. [Rindo]

Monark: Te menosprezou massa, aqui agora.

Kim: Brigado, viu, Tábata?

Tabata: Tô brincando.

Kim: Não. Tudo bem.

Igor: A próxima tu não bota a porra do...

Kim: É, é. Espera só o próximo projeto seu.

Monark: “Quando eu for presidente...”

Tabata: Não, eu to brincando, Kim. No dia que você estiver na preciosa...

Kim: Tu [inaudível] uma política pública, para você ver, quando eu “tiver” lá na presidência. Como fruto de um golpe...

Tabata: Kim, no próximo golpe que você der tem um projeto que eu apresentei, que cria poupança do Ensino Médio.

Kim: É, poupança do Ensino Médio...

Tabata: Não, mas é massa. Escuta aí, “tô” falando sério.

Kim: Vou aprovar a ganância no Ensino Médio...

Tabata: Alunos de baixa renda não termina o Ensino Médio. [...] Esse é um problema do Brasil, mapearam aproximadamente 100 políticas públicas para combater essa evasão, nenhuma funcionava. Nível do nosso Brasil em políticas públicas de Educação. [...] (Kim Kataguirí [...], 2022).

Analisando atentamente o excerto acima, observa-se a ausência de mediação por parte de Igor 3K e Monark. Notadamente entre as alfinetadas entre Kim e Tabata, ambos lançam mão apenas de piadas, gracinhas e zoeiras, mantendo o bate-papo neste espaço infértil para a informação. Ao se calar, bem como se retirar do ambiente para ir atender suas necessidades, não seria sinônimo de uma falha na conduta dos hosts caso eles explorassem a discussão e fizessem ganchos interessantes a partir do que é falado, com mais frequência.

Na primeira categoria desta análise, comentamos a respeito de uma sacada que Igor teve a partir do interesse de Kim por uma das marcas que patrocina o programa — uma pergunta que provavelmente não estava no *script* do programa fomentou uma conversa com informações de valor ao público. No último exemplo transcrito, por exemplo, poderia ser

proveitoso especular sobre os caminhos e intenções que tais políticos pretendem assumir em suas carreiras, ao contrário de pontuar somente frases vazias, sem contraponto ou respaldo do que é exposto pelos convidados, apenas concordando ou discordando levianamente.

Em oposição, uma conduta exemplar pode ser observada em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), em que, a partir do interesse e percepção plenos na conversa, Brown complementa as falas de Da Cunha e caminha para um ponto de convergência entre os dois. A conduta do host no diálogo vai ao encontro com a “busca em comum” proposta por Medina (1986), em que entrevistador e entrevistado constroem juntos aquilo que é transmitido à audiência.

Da Cunha: O homicídio merda, o fútil, acabou, mas tem uma galera que a facção empoderou na favela, que muitas vezes pesa a mão e oprime. Então, como tudo, tem dois lados. Meu ponto de vista.

Mano Brown: Tem o outro lado também que escapou da mão até da facção.

Da Cunha: Isso, Brown! Brigado.

Mano Brown: Escapou... escapou porque...

Da Cunha: Porra, caralho! Essa é a real!

Mano Brown: Os cara não foi criado para aprender, nem punir ladrão, então de ‘repentemente’ a criminalidade explodiu ao ponto que perdeu a mão geral.

Da Cunha: Perdeu a mão geral, aí eu fecho contigo.

Mano Brown: E isso decidiu a eleição.

Da Cunha: “Pá” caralho, “pá” caralho. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Apesar do reconhecimento, é válido observar cautelosamente que a forma pela qual o host se posiciona, durante todo o episódio, não se assemelha a algo convidativo e sim impositivo, tanto que em alguns momentos as falas dos dois se sobrepõem — não abrindo as brechas devidas para Da Cunha expressar seu ponto de vista em todas as ocasiões e tópicos permeados. Não obstante, ressalta-se que as pontuações de Brown são muito embasadas em sua experiência, e não necessariamente em indicadores estatísticos e/ou conhecimentos fundamentados para além de sua percepção pessoal.

Dessa forma, uma das possibilidades analíticas que se aplica aos episódios elencados como *corpus* desta pesquisa, ao considerar as fontes das entrevistas pertencentes ao domínio político, faz-se em contestar — no momento adequado e a partir de dados e/ou informações respaldadas — o entrevistado a respeito de algum assunto que seja de interesse público, mas que ainda não haja o devido conhecimento e/ou clareza sobre. Lage (2001, p. 37) defende que esta seria uma forma interessante para se “obter maior espontaneidade, expansão ou aprofundamento” no debate .

No "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), Monark assume essa posição de questionar e provocar os participantes enquanto debatem determinado assunto, sinalizando se concorda ou discorda, porém, a qualidade das intervenções feitas pelo mesmo não só pode como deve ser questionada. Observa-se a ausência de perguntas gancho e improvisadas, pensadas de acordo com um propósito que supere a troca rápida no bate-papo fluído e que considere a audiência que irá consumir o material posteriormente.

Como prova, ao tratarem a respeito da liberdade de expressão, Tabata acaba se opondo ao que é apresentado pelo host por considerar suas opiniões incoerentes, bem como impróprias. A resposta da fonte pode servir de alerta para as pontuações que o mediador faz sobre um assunto importante à sociedade, que pode sinalizar também o despreparo visto na categoria anterior.

Monark: A gente não vive num cenário de liberdades plenas. Não na minha visão. Nosso sistema ele 'tá' totalmente falho, nossa constituição...

Tabata: Monark, vamo lá.

Monark: E isso tinha que ser reformulado de algum jeito...

Tabata: A tua fala não pode ferir a liberdade de outra pessoa. [...] Então, tem limites numa democracia para liberdade de expressão, que é onde começa a do outro. [...] Agora, eu acho que a gente pode dizer sim que nós temos a liberdade de expressão no Brasil e que isso é muito, infinitamente, melhor do que em um país como o Afeganistão em que mulher não pode estudar, mulher não pode abrir a boca na rua, não pode sair sem um homem do lado...

Monark: Se a gente for comparar com o Afeganistão, tá. Com certeza, o Brasil tá a anos luz desse tipo de sociedade em questão de liberdade de expressão.

Tabata: Mas o que que você propõe, então? Porque assim, eu concordo que a democracia é frágil [...] Mas acho que é importante entender quais são as alternativas, o mundo apresenta uma alternativa que é o autoritarismo. Da esquerda ou direita, eu tô correndo disso.

Monark: E se a gente for pro outro lado?

Tabata: Qual que é o outro lado?

Monark: Dividir ainda mais o poder político...

Tabata: Aprofundar a democracia isso...

Monark: Eu concordo. Meu argumento aqui não é contra a democracia em si, e sim contra o sistema atual onde a nossa democracia funciona. [...] (Kim Kataguirí [...], 2022).

A seguir, veremos exemplos da conduta de Semayat Oliveira em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), a qual pede um posicionamento à fonte sobre um fato negativo a respeito da personalidade política e, na sequência, emenda um questionamento de interesse público atrelado a este mesmo assunto — mesmo reconhecendo que não trouxe números estatísticos para fundamentar sua pergunta. Apesar da resposta descontraída de Da

Cunha, em função do tom — não somente do programa, mas da interpelação jornalística —, o convidado responde "tecnicamente" o que foi indagado, posteriormente.

Semayat: Posso trazer só mais um ponto?

Da Cunha: Manda.

Semayat: Que é: recentemente saiu que o Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo desaprova as contas da sua campanha. Não vi nenhum posicionamento ainda, seu, sobre isso. Você tem algum posicionamento para dar?

Da Cunha: Então, a gente, eu tive uma dificuldade com as contas de campanha, em relação a uma empresa de panfletagem que eu paguei, [...] a gente contratou a empresa para panfletar e o cara não cumpriu o esperado [risos], inclusive eu esperava até bastante voto a mais. [...]

Semayat: E aí, eu não tenho números aqui, Brown, mas acho que é legal ouvir de você se você acha que a Corregedoria da Polícia Civil, Corregedoria da Polícia Militar, cumpre o papel de investigar os casos em que policiais são acusados, porque a gente vê muitos os casos em que “Ah, houve um confronto x, tantas pessoas morreram e o policial ou não é julgado ou é liberado muito cedo”. Então acho que existe um pouco dessa ideia.

Da Cunha: Uma nebulosidade? Assim, eu vou falar que eu não posso concordar, porque eu tomei 17 processos um atrás do outro e bem rápido, né [risada sincera] [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Por mais que a jornalista sempre evoque Brown em suas pontuações e deixe a condução do episódio sob responsabilidade dele, por vezes, quando julga necessário, faz questionamentos diretamente a Da Cunha no meio da conversa que se desenrola com o host. É possível especular que sua conduta seja motivada pelo *timing* para abordá-lo, a fim de que os assuntos possam fluir de forma direta e sem desvios, demonstrando conhecimento sobre a prática da entrevista (Medina, 1986).

Da Cunha: É delicado, Brown. [...] Onde você tem ausência do Estado, o poder não admite folga, se tem algum poder, alguém vai exercer. Então assim, se a favela ficou anos e anos quebrada porque o Estado não chegava lá para resolver problema, alguém chegou e tomou a frente. E tá resolvendo e tá pacificando.

Semayat: E aí, nesse caso, você acha que isso tem justificado, por exemplo, o crescimento e fortalecimento de milícias ou de justiceiros? Você acha que esse é um dos caminhos...?

Da Cunha: Eu acho que falta polícia. Ó, sempre que faltar o Estado alguém vai ocupar, pode ocupar o crime organizado, pode ocupar uma milícia, pode ocupar uma igreja. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Permeando, agora, um outro tópico pertinente à conduta mediadora em um produto comunicativo, Lage (2001) nos faz um alerta sobre situações negativas passíveis de acontecer nos processos jornalísticos, as quais podem, em razão da fama da persona entrevistadora, ter

incidência frequente em *podcasts* conduzidos por celebridades e/ou não jornalistas, ao considerar o despreparo de tais indivíduos.

Não se deve questionar mais do que o necessário, nem insistir em linhas de questionamento que se constatarem improdutivas. Numa entrevista, a estrela é o entrevistado. Por mais conhecido ou vaidoso que seja o repórter, espera-se dele discrição, como coadjuvante que é, ao mesmo tempo, diretor de cena - e é esta a conduta profissional. A atitude de compreensão e respeito deve marcar a atividade do repórter, com a preocupação de não evidenciar reações como impaciência, discordância ou simpatia entusiasmada (Lage, 2001, p. 36).

Durante a entrevista com os deputados federais, Tabata Amaral e Kim Kataguirí, um dos hosts do "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022) insiste em sua insignificância perante a sociedade, se comparado com os convidados do episódio e assumindo uma postura não profissional — ou seja, fomentando uma querela improdutiva. No próximo trecho, observamos a discussão entre Monark e os dois convidados a respeito da relação deles com o Supremo Tribunal Federal brasileiro, na qual Igor 3K aparece pontualmente.

Monark: É bom não ser político, né?! Eu posso falar quanta merda eu quiser.

Kim: É, é. Pode sim [tom de deboche].

Tabata: Quer uma coisa boa para você entender, Monark?

Monark: Eu posso, eu posso. Cê acha que o STF vai ligar para mim?

Kim: Eu assino embaixo tudo que o Monark falou.

Monark: Eu já falei que o STF são um bando de mafiosos, o Moro...

Kim: Eu assino embaixo QUASE tudo que o Monark falou.

Monark: Sabe por quê? Eu não tenho poder. A verdade é que eu sou um grilo falando num oceano de merda.

Kim: É claro, Monark! Você, com o maior *podcast* do Brasil, é um grilo falando... [Inaudível]

Tabata: Óbvio que não. Tem poder... [Inaudível]

Monark: Mas eu sou. Essa é a verdade!

Kim: Ah é? É? [Debochando]

Monark: A política não importa com o que que eu falo, com o que o povo pensa. Cê acha que o político do STF tá se importando com o que eu falo?

Kim: Ah, cê acha que não?!

Monark: Eu acho que não.

Kim: Eu já vi político do STF se importando...

Monark: Eu acho que nem sabe quem eu sou...

Tabata: Não tem político no STF! É juiz!

Igor: É verdade, hehehe. (Kim Kataguirí [...], 2022).

Neste mesmo excerto transcrito acima, a primeira fala de Monark chama a atenção frente à audácia disfarçada de inocência do mesmo. Estando na posição de comunicador, ao menos no programa analisado, é problemático proferir que “Eu posso falar quanta merda eu

quiser”, apenas por não ser político. Apesar de não atuar na mesma esfera que os convidados deputados federais, Monark ainda é uma figura pública, reconhecida e relevante para muitos que o assistem (Influency.me, 2018), no entanto, o mesmo não reconhece a função social (Kucinski, 2002) do lugar que ocupa como *host* de um *podcast* que alcance nacional. Nesse sentido, é como se a própria dimensão política do seu fazer se esvaziasse, afastando-se da ética que deveria nortear o cidadão e o profissional que compõem o indivíduo comunicador (Karam, 2019).

Posteriormente, na tentativa de situá-lo, Tabata diz: "Você tem muita influência nesse espaço. Com grande poderes vêm grandes responsabilidades. É melhor você entender o tamanho que você tem. O que você fala importa e é por isso que a gente tá aqui" (Kim Kataguirí [...], 2022). Ele provavelmente não entendeu, porque, além de fazer ‘gracinhas’ durante a fala da Tabata sobre sua grandeza e compromissos perante a audiência (Traquina, 2005a), na sequência, diz, olhando diretamente para a câmera: "Então, ô STF, vem aqui e me fode então, vocês são um bando de mafiosos, filho da puta" e Tabata, prontamente, o responde à altura: "Ó você contribuindo para a criminalização do judiciário" (Kim Kataguirí [...], 2022).

Assimilando as falas do *youtuber*, ponderando tudo o que foi visto a respeito dele na presente análise, presume-se que não é uma personalidade que faça sentido assumir a função de conduzir um programa do porte de Flow (Kim Kataguirí [...], 2022), já que as atitudes do mesmo parecem condizer com a de um cidadão ordinário que desrespeita autoridades e não de um mediador perante um debate entre políticos atuantes a nível nacional.

Voltando, agora, nosso olhar para "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023) — bem como para a conduta mediadora ideal —, há um momento em que Brown reconhece que estava cortando o entrevistado em sua fala, no momento de fazer uma pergunta e se desculpa com o mesmo. Apesar de não configurar um exemplo comum nas dinâmicas de entrevista, o *host* se preocupou em não querer sobrepor sua presença perante o convidado, ao menos naquele momento.

Da Cunha: [...] Não tem nada mais covarde que uma arma apontada na tua cara.

Mano Brown: Deixa eu perguntar uma coisa.

Da Cunha: Manda.

Mano Brown: Desculpa cortar.

Da Cunha: Tranquilo, ‘tá’ guardado. (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Outro tópico a ser permeado por esta categoria metodológica, vale-se pela consideração direta para com o público — notadamente pela consideração do interlocutor como um terceiro integrante pertencente à conversa (Ferraretto, 2014), constituindo elemento fundamental para a comunicação estabelecida —, em que deveria se fazer possível perceber a preocupação dos hosts com quem está consumindo o conteúdo que produzem ou com o conhecimento que está sendo transmitido a tais pessoas.

No "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), há uma seção do episódio em que não apenas leem os comentários da audiência no *chat* — com perguntas aos participantes e opiniões sobre o que é falado —, mas consomem os materiais — relacionados ao próprio episódio em questão, e nos mais diferentes formatos — que eles enviam para também, de certa forma, participar do programa. No episódio com os deputados, um dos espectadores enviou uma arte digital, representando os dois convidados, a qual foi projetada na tv da mesa; enquanto Kim e Monark apreciam mas também debocham da arte, Tabata age de forma mais educada, agradecendo ao devido autor.

Já em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023) podemos, novamente, destacar como Brown remete à sua audiência — um grupo social ao qual pertence, com o qual compartilha dores e possui valores semelhantes — ao longo de seus comentários ao se atentar a fatos que desagradariam o público, como talvez desagrade a ele mesmo. No trecho a seguir, em certo momento, ele dialoga diretamente com eles, pela expressão “rapa”.

Mano Brown: Você faz parte da bancada da bala?

Da Cunha: Num tem como não fazer, eu sou delegado.

Mano Brown: Certo.

Da Cunha: Eu já cheguei sendo absorvido.

Mano Brown: Você falou e eu falei: “É verdade, ele faz parte da bancada da bala. Famigerada bancada da bala”.

Da Cunha: Sim. Não tem como, Negão, você já chega e é delegado...

Mano Brown: Você acha que tinha que ter um dos nossos lá de dentro, entre aspas, negros?

Da Cunha: ‘Tô’ lá, ‘tô’ lá.

Mano Brown: O pessoal vai falar: “Pô Brown, vai chamar o delegado dos nossos”, calma rapa!

Da Cunha: ‘Tô’ lá, ‘tô’ lá. Não cara, ‘tô’ lá pá discutir abordagem, [...] então assim, eu, eu me dou o direito de ter uma visão de polícia bem humanizada. [...] É importante eu ser um contrassenso ali. Do mesmo jeito que eu pedi uma vaga na bancada da bala, eu pedi também uma vaga na bancada de minorias, direitos humanos e igualdade racial. [...]

Mano Brown: Seria uma peça que faltaria ali dentro da bancada da bala alguém para representar esse lado. Vocês concordam com isso? Você acha que tem que ter negro em todos os setores?

Da Cunha: Cara, só um preto sabe o que é abordagem, caralho. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Ademais, a consideração e preocupação de Brown para com o público não se dá apenas sobre a percepção perante o convidado e o programa, mas também em relação à figura pública que o host assume socialmente e, que, pela função que ocupa, é tratado por muitos como exemplo de conduta nos modos de se pensar e agir no mundo em que vivem (Paul; Christofolletti, 2019). No próximo trecho, é possível observar esse cuidado ao assumir um erro durante o episódio.

Mano Brown: Eu tenho amigos, alguns finados, que na vida pessoal o cara é uma moça. Dentro de campo, o cara era o diabo, capaz de matar alguém naquele momento.

Da Cunha: [Risadas em tom de deboche].

Semayat: Se ele é uma moça, ele também podia matar alguém, hein, Brown.

Mano Brown: O ato falho. Papo machista, é verdade.

Da Cunha: Vai, vai... Vai, Brown, mexe 'cá' preta.

Mano Brown: Não, não, não, não. Nem edita essa parte...

Da Cunha: Deixa ele tomar uma comida...

Semayat: [Risada sincera] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Retomando uma premissa trazida na primeira categoria analítica, pré-conceitos e pressupostos por parte dos comunicadores configuram um ponto que tais profissionais precisam estar sempre alertas e atentos (Lage, 2002). No excerto acima, nota-se como um simples e breve comentário — ou melhor, um adjetivo adotado na fala — do host de um *podcast* pode contribuir com a manutenção de estigmas e preconceitos sociais, caso não haja certa cautela e preocupação em evitá-los ou até mesmo em combatê-los, considerando as implicações negativas que podem implicar na sociedade.

Nessa mesma linha de análise, é possível contrapor os modos e atitudes observados nos hosts do "Flow Podcast" (Kim Kataguri [...], 2022) ao longo deste capítulo. Na oportunidade, acionamos o inciso quatorze do artigo sexto referente ao segundo capítulo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o qual presume o combate à prática de perseguição e discriminação por motivos de quaisquer natureza — dentre eles raciais, de gênero e orientação sexual (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007). No episódio investigado, foram observados dois momentos marcantes, também mencionados na seção "Compromisso social", os quais vão de encontro ao que é defendido pelo regulamento normativo e valem a pena ser apontados novamente. O primeiro deles se deu em razão dos comentários xenófobos de Igor 3K e Monark para com o Kim — o próprio convidado reconhece, classifica e nomeia o ato para os presentes e, por conseguinte, para o público.

Para além de caçoar a respeito de uma tradição japonesa, fazer uma piada de mau gosto com um estigma atrelado a pessoas orientais e usar uma nacionalidade como sinônimo

de vocativo para uma pessoa amarela — inclusive sendo brasileira, mas descendente de estrangeiros —, o que mais chocou o público, em geral, a respeito do episódio foi a defesa da existência de um partido e ideologia políticos — em teoria extintos e — proibidos em várias nações pelo globo. A violação ao primeiro inciso, também do artigo sexto do segundo capítulo do código de condutas (Federação Nacional dos Jornalistas, 2007), favorece a intolerância para com uma população colocada à margem e em perigo pelo viés nazista, não opondo-se ao autoritarismo e à opressão, conforme prescrito. Ou seja, há um abuso de liberdade, além da clara falta de conhecimento, noção e discernimento sobre o que seria certo ou errado de se abordar em um programa comunicativo de ampla audiência como o Flow (Kim Kataguirí [...], 2022).

Para finalizar a análise, pois, destacamos a visão de um dos teóricos modernos da conversação humana, Gordon Pask (1975), observada em Lage (2021). O estudioso aponta que a conversa, em uma entrevista, parte de um “desacordo” ou “bifurcação” inicial, sob o qual vão sendo esclarecidos conceitos e ideias no decorrer da troca dialógica e apenas chega ao fim quando se alcança o consenso, “não quanto ao assunto, mas quanto ao que o interlocutor está dizendo” (Lage, 2001, p. 35).

Essa é uma dificuldade suplementar nas entrevistas transmitidas ao vivo no rádio ou televisão: podem esgotar o assunto antes do término previsto, ou deixar a nítida impressão de que faltou alguma coisa (Lage, 2001, p. 35).

No programa "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), no momento de encerrar o episódio, Igor é quem assume o encerramento do episódio e agradece aos participantes por terem comparecido. Entretanto, um dos convidados se opõe à finalização e recebe uma resposta mal educada do host, além de responder de forma semelhante a qual foi abordado. Nesse momento, a outra convidada entra na conversa e opina, de forma cômica, dando a entender a normalização de tal linguagem e tratamento na conversa.

Igor: Kim e Tabata muito obrigado pela presença.

Kim: Não, não. Não quero acabar não.

Monark: Por favor, acaba. Eu já tô...

Igor: Mas eu não tô te perguntando nada...

Kim: Que filho da puta você, então! Que você morra.

Monark: Nossa!

Igor: Caralho.

Kim: Um dia quando for conveniente.

Tabata: Por favor, não me pergunte se isso é discurso de ódio. Eu não quero responder! (Kim Kataguirí [...], 2022).

Em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), por sua vez, antes do devido agradecimento de Brown ao deputado convidado e à participação de Semayat, a jornalista faz uma última pergunta diretamente a Da Cunha, demonstrando, justamente, a intenção de finalizar o episódio de uma forma concisa e orgânica, concedendo o destaque ao entrevistado (Lage, 2001), que irá opinar sobre sua participação no programa.

Semayat: Bom, Da Cunha, considerando tudo o que o Brown acabou de dizer, né, qual é o risco que você acha que você corre de ser um delegado, né, um policial e estar aqui, trocando essa ideia e ouvindo o que ele acabou de te dizer.

Da Cunha: Então, assim, é, eu acho que existe uma barreira de comunicação muito ruim, muito ruim, entre a quebrada e a polícia. Então, eu acho que, muitas vezes, é muito legal para mim ouvir. O Brown colocou a revolta dele de verdade, que ele apanhou, tava puto de verdade. Então acho que o povo tem que ouvir isso, tem que ouvir que o cara escreveu porque ele teve um motivo real, um motivo que doeu no coro dele. [...] (Delegado Da Cunha [...], 2023).

Portanto, analisando a atuação da Semayat ao longo da edição, faz-se notória a diferença que uma profissional jornalista agrega na realização de uma entrevista. Em tal gênero, os aspectos que parecem triviais à produção — tal como gestos, atitudes e macetes já naturalizados por quem está familiarizado a conduzir uma conversa — refletem e impactam diretamente o funcionamento da mesma. Para além da experiência adquirida pela repetição, algo que qualquer host é passível de adquirir ao longo do tempo ao comandar um *podcast*, as intervenções jornalísticas são frutos de uma formação profissional — seja ela acadêmica, prática, técnica, mas em constante aprendizado e evolução, uma vez que os estudos na área se atualizam e modificam na mesma medida em que a sociedade o faz.

Já Mano Brown, também em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), destaca-se pelo tom de intimismo que promove nas conversas com seu entrevistado. Compartilhando suas vivências pessoais, consegue ser personagem e analista das situações retratadas durante o episódio; ele exerce, pois, uma participação que soma positivamente à experiência de seu ouvinte, uma vez que tem propriedade para abordar tais temas, trazendo perspectivas singulares e que podem expandir o desenvolvimento da conversa.

Assim como Igor 3K e Monark em "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022) entregam entretenimento e *nonsense*¹¹ aos seus espectadores — o que de todo, levando em consideração visualizações, inscritos e monetização do canal, não é negativo; visto que são um dos conteúdos de mesacast de maior consumo no Brasil (Apple Podcasts, 2023), conforme

¹¹ Em tradução livre do inglês “contrasenso”, no exemplo, à norma.

tratado no tópico anterior deste capítulo. Ou seja, podem estar publicando e oferecendo aquilo que aquele público — uma quantidade considerável, por sinal, dado que a página conta com pelo menos cinco milhões e meio de inscritos até então (Flow Podcast, [201-]). — deseja.

Entretanto, é imprescindível, nesta monografia, reiterar que o trabalho comunicativo realizado pelos três hosts, mesmo que venha agradar um nicho específico de consumo, não se aproxima, ou melhor, não dota caráter jornalístico — logo se distancia do profissionalismo marcado pelo fazer social da profissão (Karam, 2004), o qual deveria ser buscado como ideal em produções que dialogam ampla e coletivamente com parte da população de uma nação, como o Brasil.

Frente ao exposto, após a análise pertinente a cada uma das categorias metodológicas sobre a materialidade selecionada, inferimos a respeito do desempenho e conduta dos comunicadores de ambos os produtos observados, tal como encontra-se abordado no próximo tópico.

5.3 CONSIDERAÇÕES DA ANÁLISE

Destarte, considerando todo o conteúdo apresentado no tópico anterior, estabelecemos um quadro para condensar tudo o que foi levantado na análise, a fim de explicitar de forma concisa as problemáticas tratadas em relação aos materiais analisados.

Quadro 1 - Análise comparativa do gênero entrevista realizado nos programas "Flow Podcast" e "Mano a Mano"

| Categorias de análise | Flow Podcast | | Mano a Mano | |
|-------------------------------------|---------------------|--------|--------------------|------------------|
| <i>(Adota o ideal jornalístico)</i> | Igor 3K | Monark | Mano Brown | Semayat Oliveira |
| Compromisso social | Não* | Não* | Às vezes | —* |
| Checagem de informações | Não | Não | Às vezes | Sim |
| Preparação prévia | Às vezes | Não | Sim | Sim |
| Conduta mediadora | Não* | Não* | Às vezes | Sim |

Fonte: A autora.

Apesar da diferença no propósito de existir em cada um desses produtos, um sendo de caráter audiovisual e outro estando restrito apenas ao campo sonoro, foi possível empenhar uma análise sobre a (ausência da) figura jornalística atuando em programas de *podcasting*. As respostas foram separadas por cada personalidade que ocupa o papel comunicador a fim de melhor observar a atuação dos mediadores/entrevistadores. Enquanto o “Sim” indica a ausência de problemáticas em relação à temática analisada, o “Não” remete a ausência de condutas exemplares em torno do que é pretendido. Já o “Às vezes”, por sua vez, significa uma mescla entre as definições acima, casos em que foi possível perceber acertos e erros, em diferentes pontos analisados.

No quadro, observa-se que as figuras públicas que não são jornalistas apresentam desempenho aquém daquele esperado de um profissional da área quanto ao ideal estimado. Desse modo, infere-se que, a princípio, a presença de um profissional jornalista atuantes nos programas de comunicação pode garantir, basilarmente, o cumprimento de boas práticas éticas e condutas almejadas. Os excertos de cada um dos episódios investigados, devidamente trazidos no tópico acima, demonstram tal apreensão.

Mesmo em um tom notório “de conversa” franca e informal, é possível perceber a presença de elementos jornalísticos diferenciadores em "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023), tais como o processo de apuração, a organização de uma pauta bem estruturada, a seleção de dados para embasar a conversa, entre outros. A jornalista Semayat Oliveira legitima o caráter estratégico e editorial da produção, percebido na performance dela própria e de Brown nos debates empenhados no programa (Carvalho; Gutmann; Jácome; Ribeiro, 2023, p. 118).

Entretanto, na abordagem da primeira categoria, foram apontados elogios ao formato e dinâmica do programa "Flow Podcast" (Kim Kataguirí [...], 2022), que não foram vinculados a um nome em específico, mas valem a pena ser considerados. Ademais, na última categorização metodológica, o programa configurou um exemplo positivo ao contar com uma sessão exclusiva de participação direta da audiência. Da mesma forma, não foi trazido nenhum exemplo da jornalista Semayat Oliveira na primeira categoria, por isso a ausência de uma resposta qualitativa. Além disso, também na primeira categoria, o programa "Mano a Mano" (Delegado Da Cunha [...], 2023) foi reconhecido pela preocupação com as descrições dos episódios e do próprio programa.

Retomando o olhar analítico, especula-se que, progressivamente, os novos formatos midiáticos tendem a aproximar as esferas do entretenimento e da informação, promovendo uma troca significativa entre ambos. Isso porque tal aproximação viabilizou produtos

reconhecidos pela sociedade, pela crítica acadêmica e pela crítica midiática como produtos de qualidade, anteriormente (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Longe de um mero prazer ou distração e potencialmente capaz de fortalecer o intelecto humano, tal aspecto pode funcionar como barreira ou fomento para que algo novo e produtivo se forme. O principal argumento consiste no fato de que os valores presentes na sociedade em questão conferem conotações positivas ou negativas aos elementos presentes em determinada materialidade (Leal; Tassis; Manna, 2023). Logo, entretanto não deve ser o foco dos elogios ou desaprovações, há outras particularidades sociais que carecem de atenção para tal questão.

Portanto, depreende-se que mesmo com a informalidade e não robustez desejadas em determinada produção, é necessário o preparo devido, assertivo e intencional das pessoas envolvidas no processo criativo, execução e demais atribuições — principalmente nesses casos em que a linha tênue entre a informação e o entretenimento, o fato e a opinião, o estúdio e a internet, e a podosfera e a sociedade se acentua.

Agora, partimos para o último capítulo da monografia, em que retomamos os conceitos principais do projeto — também a partir de sua percepção perante a materialidade a ser observada — de forma a apontar um panorama geral do que foi desenvolvido. As considerações se deram notoriamente a respeito das comparações entre ambos os objetos de estudo analisados ao longo desta pesquisa e as possibilidades acadêmicas futuras perante as descobertas da autora.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A presente monografia dedicou-se a responder a questão norteadora a respeito de como a produção da informação jornalística, especificamente a entrevista, tem sido realizada em “Mano a Mano” e “Flow Podcast”, conduzidos por celebridades e/ou influenciadores notadamente não jornalistas. Para tanto, foi empenhada uma análise de episódios específicos dos programas de mesacast e *audiocast* — respectivamente, “Flow Podcast” e “Mano a Mano” — focalizando nas duas personalidades, em cada um, responsáveis por assumir a condução das edições.

Fundamentado na Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) e seus preceitos metodológicos, definimos quatro macro categorias para suceder a investigação, as quais foram apresentadas, nesta ordem: compromisso social; checagem de informações; preparação prévia e conduta mediadora. Cada uma delas foi pensada a partir das reflexões teóricas realizadas nesta pesquisa, em especial a partir dos conceitos de função social (Kucinski 2002), verdade verificável (Leal; Tassis; Manna, 2023), preparação (Medina, 1986) e mediação (Azeredo, 2018).

Ademais, a fim de respaldar o processo analítico, fizemos uma ampla discussão e definição acerca do Jornalismo (Traquina, 2005a) e do gênero entrevista (Lage, 2001), pautando desde o fazer jornalístico e a ética que permeia os profissionais no ramo (Bucci, 2000), até às premissas procedimentais de uma entrevista (Caputo, 2006), bem como a percepção sobre os atuantes neste campo profissional em meio à sociedade contemporânea (Mattos; Janotti; Jacks, 2012).

Na sequência, abordamos as produções em formato *audiocast* no âmbito da informação, partindo das definições do rádio (Ferraretto, 2014) até o *podcasting* (Herschmann; Kischinhevsky, 2008) — incluindo os gêneros e formatos, como o mesacast (Rellstab, 2022) — culminando até os questionamentos pertinentes à atualidade, em que a produção desse tipo de conteúdo não se restringe mais a jornalistas e/ou comunicadores (Modesto; Kischinhevsky, 2014).

Retomando a análise de conteúdo desenvolvida sobre as materialidades, foi possível apreender que no programa (Delegado Da Cunha [...], 2023) em que havia não apenas a presença, mas também a participação ativa de um profissional jornalista, os ideais almejados em um produto comunicativo foram favoravelmente alcançados — conforme pode ser observado no capítulo anterior. A respeito da produção (Kim Kataguirí [...], 2022) em que

foram percebidos mais falhas e equívocos, também nos foi elucidado um diferencial quanto a descontração, coloquialidade e dinâmica de se abordar e receber os convidados/entrevistados; no entanto, o modo pelo qual o fizeram não foi positivo, uma vez que — na tentativa de estabelecer uma linguagem fluida e marcada por dinamismo — os apresentadores adotaram estratégias depreciativas para com a atuação de um comunicador e com a condução pretendida em meio ao campo comunicativo.

Nesse sentido, reflexões a respeito do futuro da comunicação, ao menos da comunicação radiofônica — ou ainda audiovisual, no caso dos mesacasts — e nos meios digitais, surgem, e, prontamente, nos instigam para repensar os novos caminhos que a área de comunicação tem trilhado nos últimos anos. Seja a respeito da organização, dinamicidade ou atuação dos ‘apresentadores’ em tais programas, faz-se importante (re)pensar posturas, preceitos e condutas adequadas ao exercício de funções como esta.

Nos capítulos teóricos deste trabalho, observamos que o jornalismo assumiu diversas caracterizações e perpassou por diversas funções ao longo de sua existência, aproximou-se do entretenimento — prezando pelo divertimento das pessoas, e também da política em sociedade — valorizando a intelectualidade humana. O papel social se fez crescente a partir do século XIX e, com ele, aspectos como emoção, intimidade e prazer foram substituídos pela valorização à informação, interesse público, objetividade e transparência perante os cidadãos e ao livre debate de ideias (Traquina, 2005a).

Atualmente, em meados da segunda década do século XXI, percebe-se a retomada desses conceitos que se encontravam adormecidos no campo jornalístico e da comunicação como um todo — conforme abordados nos capítulos dois e três da monografia. As dicotomias entre razão x emoção; subjetividade x objetividade; e fato x opinião têm ganhado mais potência recentemente, implicando mudanças possíveis neste campo (Leal; Tassis; Manna, 2023).

Isto posto, infere-se que, a fim de assegurar a existência legitimada socialmente, bem como o reconhecimento dos profissionais jornalistas a respeito de suas virtudes e habilidade comunicativas, o Jornalismo precisa — como fez ao longo do tempo até então — se adequar ao novo cenário que emerge no mundo contemporâneo. Um caminho possível seria o equilíbrio entre reconhecer o modo pelo qual a audiência vem consumindo produções midiáticas na atualidade, e não abrir mão da ética e função social que permeiam a profissão e consolidam sua identidade (Traquina, 2005a).

A principal justificativa se encontra na tentativa dos representantes dos produtos de comunicação em ascensão na contemporaneidade — tal como programas de *podcast* —

eximirem-se da responsabilidade social e política inerentes, como pode ser percebido nas falas de Monark (Kim Katagiri [...], 2022). Além disso, o próprio fato de tais produções serem conduzidas por pessoas fora do âmbito jornalístico ou, por vezes, da comunicação social recai não apenas na superficialidade da execução das atividades pertinentes, mas também, progressivamente, implica a banalização do processo produtivo, bem como dos jornalistas aptos e qualificados para exercer tal função.

Por conseguinte, denota-se a necessidade do campo jornalístico reivindicar seu lugar de realizador de determinadas produções desenvolvidas na esfera comunicativa, assim como surge uma preocupação pertinente em torno da vigilância perante tais novos produtos. Distante de uma mera defesa de classe laboral — a inquietação acerca de quem pode conduzir uma entrevista, os modos de fazê-la, as premissas que a norteiam e os aspectos que a perpassam — nada mais indicam do que a reflexão a respeito de como a ascensão do entretenimento na atualidade tem suplantado a informação, acarretando em prejuízos quanto à qualidade dos conteúdos, informações, fatos e assuntos trazidos à e transmitidos publicamente em sociedade.

Assim, seja tomando a frente do processo de criação, desenvolvimento e distribuição dos produtos comunicativos; seja atuando nos bastidores a partir de consultorias ou prestação de serviços jornalísticos; ou qualquer outra possibilidade de integração entre tais elementos, a melhor e mais indicada forma de fazê-lo pode vir à tona apoiada em pesquisas acadêmicas futuras — ponderando análises de variados produtos comunicativos da atualidade, observando as relações de recepção e interação do público, inclusive extrapolando a categoria do segmento de *podcasts* como um todo.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Diana de. Alberto Dines e o papel da crítica jornalística na imprensa brasileira. *In: XLI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM*, 41, 2018, Joinville. **Anais [...]**. Florianópolis: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0509-1.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2024.

APPLE PODCASTS. Apple divulga os podcasts mais populares de 2023. *[S. l.]*, 28 nov. 2023. Portal: Newsroom. Disponível em: <https://www.apple.com/br/newsroom/2023/11/apple-shares-the-most-popular-podcasts-of-2023/>. Acesso em 25 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BARROSO, Letícia. **A Popularidade dos Podcasts de Entrevista: Um Estudo de Caso do "Flow Podcast" e Suas Estratégias**. 56f. Centro Universitário de Barra Mansa. Barra Mansa, 2022.

BOOGIE NAIPE. Racionais MC's, 22 out. 2014. Disponível em: <https://www.racionaisoficial.com.br/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre Entrevistas: Teoria, prática e experiências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CARVALHO, Maria Gislene; GUTMANN, Juliana Freire; JÁCOME, Phellipy; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Temporalidades e espacialidades nos processos comunicacionais**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2023.

CASTILHO, Carlos. A imprensa também é responsável pela atual polarização político/ideológica. **Observatório da Imprensa**, 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-da-imprensa/a-imprensa-tambem-e-responsavel-pela-atual-polarizacao-politico-ideologica/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

CONHEÇA a história do marketing de influência. *Influency.me*. *[S.l.]*, 2018. Disponível em: <https://www.influency.me/blog/historia-do-marketing-de-influencia/>. Acesso em: 31 out. 2023.

DELEGADO DA CUNHA: Mano a Mano. *[S.l.]*, Spotify Studios, 02 jul. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5OhV4X8g6mbFn0oEVrPvPH?si=6kcMM2RyS7uRHnEgvsu9Pw>. Acesso em: 05. mar. 2024.

DO BRASIL, Senado Federal. **Constituição da república federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

ENTENDA o caso de apologia ao nazismo iniciado pelo youtuber Monark. **Correio Braziliense**, Brasília, 09 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2022/02/4983875-entenda-o-caso-de-apologia-a-o-nazismo-iniciado-pelo-youtuber-monark.html>. Acesso em: 25 fev. 2024.

ENTIDADES judaicas criticam Monark após influencer defender existência de partido nazista. Portal: G1, [s.l.], 08 fev. 2022a. Portal. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/02/08/entidades-judaicas-criticam-monark-apos-influencer-defender-existencia-de-partido-nazista.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2024.

FALCÃO, Bárbara Mendes. O podcast como gênero jornalístico. *In: XLII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM*, 42, 2019, Belém. **Anais [...]**. Goiânia: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em 24 dez. 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória: FENAJ, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FLOW PODCAST. Flow Podcast. Estúdios Flow, [201-]. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@FlowPodcast/featured>. Acesso: 5 abr. 2024.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

GRAZIANO. Graziano. [S.l.], [201-]. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/@Graziano_/featured. Acesso: 5 abr. 2024.

GLOBO. Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros. [S. l.], 17 jul. 2021. Portal: Gente. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, 15 (37), 101–106. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4806>. Acesso em: 24 jan. 2024. 2008

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. *In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 123- 142.

IKEDA, Ana Akemi; CHANG, Sandra Rodrigues da Silva. Análise de conteúdo - uma experiência de aplicação na pesquisa em Comunicação Social. **Comunicação & inovação**, São Caetano do Sul, v. 6, n. 11, jul./dez. 2005, p. 5-13. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/618/467. Acesso em: 31 out. 2023.

KANTAR IBOPE MEDIA. Inside Audio 2023. *[S. l.]*, 20 set. 2023. Portal: Estudos. Disponível em: <https://kantariibopemedia.com/conteudo/estudo/inside-audio-2023/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

KARAM, Francisco José Castilhos. Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 1, 2004.

KEMP, Simon. Digital 2023: Global Overview Report. *[S. l.]*, 26 jan. 2023. Portal: Data Reportal. Disponível: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>. Acesso em: 11 mar. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 06 - 12, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4333>. Acesso em: 24 jan. 2024.

KIM KATAGUIRI e Tabata Amaral: Flow Podcast (Monark cancelado). *[S. l.: s. n.]*, 9 fev. 2022. *Podcast*. Publicado pelo canal Graziano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iD1xTrd0SWo>. Acesso em: 5 mar. 2024.

KUCINSKI, Bernardo. Uma nova ética para uma nova modernidade. **Observatório da Imprensa**, 2002. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/uma-nova-tica-para-uma-nova-modernidade/>. Acesso em 07 nov. 2023.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAL, Bruno Souza; TASSIS, Nicoli; MANNA, Nuno. **Para desentender o jornalismo**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2023. *E-book*. ISBN 978-65-86963-75-5. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/para-desentender-o-jornalismo/>. Acesso em: 04 fev. 2024.

LÔBO, Mariana Tasca Fontenelle. Estamos vivendo dentro de uma bolha digital? **Centro de Tecnologias Smart - CTSMART**, 2019. Disponível em: <https://ctsmart.org/2019/06/20/estamos-vivendo-dentro-de-uma-bolha-digital/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MANO A MANO. Mano a Mano. Spotify Studios, [202-]. Youtube. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0GnKiYeK11476CfoQEYIEd>. Acesso: 5 abr. 2024.

MATTOS, MA.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, ibsn N., orgs. **Mediação & midiaticização**. Salvador: EDUFBA, 2012, 328p. *E-book*. ISBN 978-85-232-1205-6. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MODESTO, Cláudia Figueiredo; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Interações e mediações – Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 2, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/8557>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MONARK pede desculpa e diz que estava bêbado quando defendeu existência de partido nazista. Portal: G1, [s.l.], 08 fev. 2022b. Portal. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/02/08/monark-perde-patrocinos-pede-desculpas-e-diz-que-estava-bebado-quando-defendeu-existencia-de-partido-nazista.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2024.

NASCIMENTO, Daniela Reis. Figuras públicas ou celebridades? A esfera pública e a representação da intimidade do casal Temer no jornalismo brasileiro. **Entremeios**, Rio de Janeiro-RJ, 14. ed., v. 01, jan./jun. 2018. Disponível em: http://entremeios.com.puc-rio.br/media/REIS,%20Daniela_Figuras%20publicas%20ou%20celebridades.pdf. Acesso em: 11 fev. 2024.

NASCIMENTO, Francisco Paulo. Classificação da Pesquisa. Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. In: NASCIMENTO, Francisco Paulo. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2016.

OLIVEIRA, Gilvanise Lourenço de. **Flow podcast: a evolução do jornalismo tradicional a partir da adoção do modelo de produção transmídia**. 57f. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2023.

PAUL, Dairan; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética jornalística, desenvolvimento moral e phrônesis: aproximações teóricas. **Vozes e Diálogos**, Itajaí, v. 18, n. 02, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/15367>. Acesso em: 04 fev. 2024.

PEDRINA, Bianca; SILVA, Elaine; MOREIRA, Jéssica; LIMA, Lívia; PENINA, Mayara; SILVA, Regiany; TEIXEIRA, Sabrina; OLIVEIRA, Semayat. Nós, mulheres da periferia, mar. 2014. Uma redação de mulheres periféricas registrando seu jeito de ver o mundo. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

PGR abre investigação contra Monark e Kim Kataguiiri por fala sobre nazismo. **Exame**, São Paulo, 09 de fev. de 2022. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pgr-abre-investigacao-contramonark-e-kim-kataguiiri-por-fala-sobre-nazismo/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

RELLSTAB, Clara Cavalcanti. O podcast no Brasil: uma análise sobre o formato e suas abordagens acadêmicas. In: **Alterjor** [recurso eletrônico]: volume 1/ organização Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2022. PDF (274 p.). Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/879>. Acesso em 21 jan 2024.

SANTOS, Karoline de Macedo. **A podosfera em movimento: perspectivas da economia criativa no Brasil por meio de podcasts**. Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/243624/PEGC0738-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 out. 2023.

SANTOS, Silvio. Os podcasts: um lugar novo para o regresso das histórias ao jornalismo. *In: De que falamos quando dizemos jornalismo?:* Temas emergentes de Pesquisa. Portugal: LabCom, 2021. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=jrJFEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA195&dq=Podcast+e+jornalismo&ots=OCxolPI5Bx&sig=gmrxEcf7MuIDn9s110FGuOI8OhA&redir_esc=y#v=onepage&q=Podcast%20e%20jornalismo&f=false. Acesso em 24 dez. 2023.

SCIENTIATEC: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS, Edição Especial 4º Seminário de Pós-Graduação do IFRS, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jun. 2020, p. 220-235.

Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ScientiaTec/issue/view/90/37>. Acesso em: 30 jan. 2024.

TOMAZ, Kleber; RODRIGUES, Rodrigo. ACUSADO de agredir ex, Da Cunha pode ser expulso da Polícia Civil por postar vídeo nas redes sociais com falsa prisão de chefe de facção. Portal: **G1**, São Paulo, 18 mar. 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/03/18/acusado-de-agredir-ex-da-cunha-pode-ser-expulso-da-policia-civil-por-postar-video-nas-redes-sociais-com-falsa-prisao-de-chefe-de-facciao.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística:** uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005b.

VOXNEST. Relatório Voxnest Brasil 2019: The State of the Podcast Universe. *[S. l.]*, jan. 2020. Portal: Comunique-se. Disponível em:

https://www.comunique-se.com.br/wp-content/uploads/2020/01/BR_The_State_of_the_Podcast_Universe_2019.pdf. Acesso em: 04 mar. 2024.

ZANCANELLI, Mariana. **Estudo investiga conexão entre professora Gisela Ortriwano e a ECA.** São Paulo, 12 jul. 2023. Portal: ECA USP. Disponível em:

<https://www.eca.usp.br/noticias/cca-departamento-de-comunicacoes-e-artes/estudo-investiga-conexao-entre-professora-gisela>. Acesso em: 08 abr. 2024.